

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

GRAZIELA BASSI PINHEIRO

O USO DOS DEMONSTRATIVOS EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL

UBERLÂNDIA
2025

GRAZIELA BASSI PINHEIRO

O USO DOS DEMONSTRATIVOS EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo.

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P654 Pinheiro, Graziela Bassi, 1999-
2025 O USO DOS DEMONSTRATIVOS EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO
ESPANHOL [recurso eletrônico] / Graziela Bassi Pinheiro. - 2025.

Orientador: Leandro Silveira de Araujo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.307>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Araujo, Leandro Silveira de, 1986-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos
Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado - PPGEL				
Data:	Vinte e um de maio de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	13:30	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12312ELI005				
Nome do Discente:	Graziela Bassi Pinheiro				
Título do Trabalho:	O USO DOS DEMONSTRATIVOS EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Contribuições da Sociolinguística para a Gramática Pedagógica no Brasil				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta pelos Doutores: Adela González Fernández- Universidade de Córdoba/Espanha; Fabrício Paiva Mota - UFS; Leandro Silveira de Araujo- UFU, orientador da Dissertação.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Leandro Silveira de Araujo, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Silveira de Araujo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/05/2025, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabricio Paiva Mota, Usuário Externo**, em 23/05/2025, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adela González Fernández, Usuário Externo**, em 29/05/2025, às 14:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6358752** e o código CRC **DB44EE7D**.

Referência: Processo nº 23117.034273/2025-11

SEI nº 6358752

O USO DOS DEMONSTRATIVOS EM VARIEDADES DIATÓPICAS DO ESPANHOL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo.

Uberlândia, 02 de maio de 2025

Prof. Dr. Leandro Silveira de Araujo, UFU/ MG

Prof. Dra. Adela González Fernández, UCO/ ES

Prof. Dr. Fabrício Paiva Mota, UFS/ SE

AGRADECIMENTOS

Para ser possível a realização deste trabalho, a jornada não foi individual e solitária, como muitos pensam ser que é a pós-graduação. Na verdade, contei e conto sempre com pessoas muito especiais ao meu lado, que me motivam, me dão força e me inspiram a querer continuar nos estudos e no contínuo processo de aprendizagem e melhora na minha formação como linguista.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, Ana Lúcia e Roberto, pois sem eles eu não estaria aqui em Uberlândia estudando, podendo me dedicar ao que eu gosto e ao que eu queria seguir como minha futura carreira. Sem eles, eu não teria tanta coragem e inspiração em querer trilhar os caminhos da pós-graduação e me tornar pesquisadora e professora, como eles. Para mim, eles são meus maiores espelhos e os profissionais mais importantes de suas áreas. Obrigada, mãe e pai, por tudo! Juntamente a eles, eu quero agradecer ao meu maior parceiro de vida e à minha pessoa neste mundo, meu irmão, Felipe. Ele é extremamente importante para mim e nossos momentos juntos foram os que me deram fôlego para aguentar o trabalho árduo da semana.

Gostaria de agradecer também aos outros grandes mestres que me ensinaram muito à como ser uma pesquisadora, que me abriram os caminhos da linguística e me tornaram professora: um grande Obrigada a todos os professores que estiveram presentes na minha formação, desde os professores do ensino básico até os professores da Pós-Graduação em estudos Linguísticos - PPGEL. Gostaria de agradecer, em especial, aos meus professores do curso de espanhol e com um maior carinho ao professor, orientador e amigo, Dr. Leandro Silveira de Araujo. O Leandro foi meu professor logo nos períodos iniciais e em seguida, já ingressei em seu grupo de estudos, o Normali, que considero um espaço de muito carinho e aprendizado e, juntos, demos sequência nas pesquisas: com duas iniciações científicas, o Trabalho de Conclusão de Curso e, agora, a dissertação de mestrado. Muito obrigada, Leandro, por todos os ensinamentos, aprendizagens, conselhos, viagens a congressos, cafés com reflexões e apoio ao longo destes anos todos!

Gostaria de agradecer também ao PET (Programa de Educação Tutorial), grupo em que participei por quase todo o meu período de graduação e que me ensinou muitíssimo e agradeço, assim, ao meu tutor, José Magalhães, com quem aprendi bastante sobre responsabilidade, organização e sobre pedir ajuda e oferecer, sempre que necessário.

Agradeço também a CAPES - Cnpq, pois sem o apoio de fomento, este trabalho seria mais difícil.

De modo geral, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Uberlândia, que me acolheu e me acolhe desde 2018. Se mostrou mais que uma universidade, me introduziu na vida adulta e me apresentou pessoas maravilhosas. Aprendi e aprendo todos os dias na UFU, pois foi onde me formei, agora, me torno mestre, e também onde pude iniciar minha docência como professora universitária. Muito obrigada!

E, mas não menos importante, agradeço aos meus amigos, que estiveram e estão presentes sempre na minha vida, tornando-a mais leve, palatável e prazerosa em ser vivida. Agradeço aos meus amigos que me acolhem, me escutam e me incentivam nas batalhas, me aplaudem nas conquistas e me abraçam nos momentos difíceis. Sem vocês, esta caminhada teria sido muito mais pesada. Agradeço às minhas amigas de Franca, minha cidade natal: Maria Carolina, Isabela e Camila, por terem sido um acalento no ensino médio e também um apoio para ingressar na vida universitária.

Agradeço aos meus amigos, Malu, Vicente, Helo, Mafer, Wyllyan, Letícia e Amanda (meus *amigues*) que conheci na graduação e que tanto marcaram minha vida neste momento tão importante para mim e se fizeram meus grandes parceiros em Uberlândia e também, agradeço aos amigos que conheci no PET e aos que conheci na UFU. Aos amigos que fiz nas andanças da vida e que tanto me ensinaram, agradeço imensamente.

Mas, gostaria de agradecer, em especial, aos amigos: Amanda, Letícia e Gildo. Que me apoiaram em todo o processo de estudo e também nas mais diversas situações da vida, com conversas longas, profundas, com apoio nos momentos de escrita e também com companhia para os momentos de lazer. Que, para além da universidade, são o refresco leve e acalentador na minha vivência aqui em Uberlândia. O trabalho e a vida ao lado deles facilita tudo e a deixa mais prazerosa em ser vivida. Muito obrigada, meus grandes amigos.

Por fim, agradeço também minhas amigas que conheci na docência, que sempre torceram por mim e me escutaram nas angústias: Ana Paula, Nicole, Ana Rita e Tia Jânia. Por me apoiarem às idas aos eventos acadêmicos e nos novos projetos de estudo e trabalho, que sempre me acolhem pelas manhãs com um abraço afetuoso e uma palavra de carinho. Muito obrigada, amigas.

Muito obrigada! ¡Muchas gracias!

“En resumen: hay tantas pasiones distintas como hombres distintos hay. La pasión de Bastián Baltasar Bux eran los libros. Quien no haya pasado nunca tardes enteras delante de un libro, con las orejas ardiéndole y el pelo caído por la cara, leyendo y leyendo, olvidado del mundo y sin darse cuenta de que tenía hambre o se estaba quedando helado...” La historia interminable (p. 14)

RESUMO

A pesquisa objetiva descrever o uso dos demonstrativos nas modalidades orais de três variedades diatópicas do espanhol: Sevilha, Madri e Havana. O interesse decorre da possível redução no sistema ternário dos demonstrativos, podendo ser identificadas ao menos duas normas em espanhol: (i) “*ese*” encaixa-se no campo funcional de “*aquel*”, estabelecendo uma variável que se opõe a “*este*” – o que está no domínio da 1ª e 2ª pessoas; (ii) “*ese*” se neutraliza e “*este*” estabelece uma variável que se opõe a “*aquel*”. A opção por Madri se deve a que essa comunidade de fala tem sido tomada como norma de referência da Língua Espanhola. Sevilla, por sua vez, pode ter algum impacto sobre a formação de algumas variedades do espanhol na América, como a da capital cubana. Desse modo, partimos da hipótese de que as variedades diatópicas analisadas podem apresentar normas próprias de uso e que essa variação corresponde ao processo sócio-histórico de acomodação do idioma em cada um dos territórios. O estudo se orienta por pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e por estudos da Norma Linguística. A análise se baseia em dados orais de entrevistas sociolingüísticas disponibilizadas pelo *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA) das três localidades. Os resultados da análise dos dados de Sevilha, Madri e Havana revelam, entre outros, uma variação no uso de *este* e *ese* com função anafórica, com preferência quantitativa pela segunda série – quando a norma gramatical costuma recomendar o uso de *este* na função anafórica (Bello, 1984; RAE, 2010). Segundo Eguren Gutiérrez (1999), *este* também pode assumir os valores anafóricos e catafóricos, ou seja, de retomada textual ou para introduzir algum assunto, respectivamente. Contudo, os dados analisados nos indicam a preferência quantitativa de *ese* (“*el Trump ese es un personaje [...] no sé todavía cómo ha ganado ese tío*”). Também foram observadas variações com os usos dêiticos de primeira, segunda e terceira pessoa. Além disso, outros usos foram identificados nas análises dos demonstrativos, tais como operadores conversacionais, valores afetivos e irônicos.

Palavras-chave: Demonstrativos; Variação Linguística; Norma Linguística; Língua Espanhola.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo describir el uso de demostrativos en las modalidades oral de tres variedades diatópicas del español: Sevilla, Madrid y La Habana. El interés surge de la posible reducción del sistema ternario de demostrativos, pudiendo identificarse al menos dos normas en español: (i) *ese* se inserta en el campo funcional de *aquel*, estableciendo una variable que se opone a *este* - lo que está en el dominio de la 1ª y 2ª persona; (ii) *ese* se neutraliza y *este* establece una variable que se opone a *aquel*. La elección de Madrid se debe a que esta comunidad de habla ha sido tomada como estándar de referencia para la lengua española. Sevilla, a su vez, puede tener algún impacto en la formación de algunas variedades del español en América, como la de la capital cubana. Por tanto, partimos de la hipótesis de que las variedades diatópicas analizadas pueden presentar normas de uso propias y que esta variación corresponde al proceso socio histórico de acomodación lingüística en cada uno de los territorios. El estudio se guía por supuestos teórico-metodológicos de la Sociolingüística y estudios de Estándares Lingüísticos. El análisis se basa en datos orales de entrevistas sociolingüísticas puestas a disposición por el Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (PRESEEA) en las tres localidades. Los resultados del análisis de datos de Sevilla, Madrid y La Habana revelan, entre otros, una variación en el uso de *este* y *ese* con función anafórica, con preferencia cuantitativa por *ese* –cuando la norma gramatical suele recomendar el uso de *este* en función anafórica (Bello, 1984; RAE, 2010). Según Eguren Gutiérrez (1999), *este* también puede asumir valores anafóricos y catafóricos, es decir, de reanudación textual o de introducción de un tema, respectivamente. Sin embargo, los datos analizados nos muestran la preferencia cuantitativa de *ese* (“*el Trump ese es un personaje [...] no sé todavía cómo ha ganado ese tío*”). También se observaron variaciones con los usos deícticos de primera, segunda y tercera persona. Además, se identificaron otros usos en los análisis de los demostrativos, como operadores conversacionales, valores afectivos e irónicos.

Palabras clave: Demostrativos; variación lingüística; Norma Lingüístico; Lengua española.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Variação e mudança linguística em espanhol	16
1.1 Estudo da Língua em uso	18
1.2 Variações diatópicas	28
1.3 Hipótese andaluzista	31
2. Os demonstrativos na língua espanhola	42
2.1 Os demonstrativos numa viagem do tempo: do latim clássico ao espanhol atual	55
2.2 Usos e valores do demonstrativo no sistema atual do espanhol	61
3. Metodologia	71
3.1 Compilação de <i>corpus</i> de análise	74
3.1.1 Preseea	74
4. O uso dos demonstrativos em Madri, Sevilha e Havana:	79
4.1 Uso dos demonstrativos em Madri	79
4.2 Uso dos demonstrativos em Sevilha	99
4.3 Uso dos demonstrativos em Havana	116
5. Considerações finais	143
Referências bibliográficas	146

Introdução

Como é de conhecimento (Gutiérrez, 1999), o sistema de demonstrativos no espanhol se divide em três séries:

Quadro 1 – Classes dos demonstrativos em Espanhol¹

	Masculino		Feminino		Pronome
1ª série	este	estos	esta	estas	esto
2ª série	ese	esos	esa	esas	eso
3ª série	aquel	aquellos	aquella	aquellas	aquello
	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sg.

Fonte: elaborado pelo autor.

O demonstrativo *este* representa a primeira série dessa classe e, segundo Bello (1984) e Eguren Gutiérrez (1999), indica proximidade de quem fala ou quem escreve, tanto uma proximidade física/espacial, quanto temporal. Desse modo, podemos dizer que os demonstrativos possuem função dêitica de indicar espacialmente e/ou temporalmente algum objeto próximo ao enunciador.

Segundo Eguren Gutiérrez (1999), a primeira série (*este*) também pode assumir os valores anafóricos (A) e catafóricos (B), ou seja, de retomada textual ou para introduzir algum assunto, respectivamente. Conforme observamos nos seguintes exemplos, há a retomada da palavra *izquierda* com o demonstrativo da primeira série *esta*. No segundo enunciado temos o demonstrativo da primeira série *esto* introduzindo o que será tratado, uma função catafórica:

- A. *Cuando la derecha quiso pactar con la izquierda, esta, rechazó la oferta*; Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).²
- B. *Aunque no se pueda demostrar, debéis creer en esto: Dios existe; Debéis creer en esto, aunque no se pueda demostrar: Dios existe*³ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 943).

¹ Na tabela, separamos na última coluna (pronome) as formas usadas apenas como pronome. As formas presentes nas colunas anteriores podem apresentar tanto o uso de pronome (*me han regalado aquellos*), como de determinante (*me han regalado aquellos juguetes*).

² Os exemplos retirados das gramáticas estão organizados por letras e os exemplos extraídos do corpus PRESEEA estão enumerados por números.

³ Tradução nossa:

- A. *Quando a direita quis fazer um pacto com a esquerda, esta, recusou a oferta.*
- B. *Ainda que não se possa demonstrar, devem acreditar nisto: Deus existe; devem acreditar nisto, ainda que não se possa demonstrar: Deus existe.*

Contudo, Eguren Gutiérrez (1999, p. 942) aponta que habitualmente nos diálogos também se utiliza a segunda série (isto é, *ese*) para o uso com função anafórica: “*existe un predominio del demostrativo este tanto en anáfora cuanto en catáfora, aunque, habitualmente, en el diálogo se utilice la serie del demostrativo ese para referirse a lo dicho por el interlocutor*”⁴.

Em oposição à forma *aquel*, *este* também pode ser utilizado na escrita como referenciador textual anafórico, para evitar uma ambiguidade. Assim, como se observa em (C), *aquel* retoma o termo que está mais distante no enunciado, *el hombre*, e *este* retoma o termo dito por último, *el mono*:

- C. *El hombre y el mono se rascan, aquel la greña, murmurando, y este, las costillas, como si tocasse la guitarra*⁵ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

Outro uso associado à primeira série dos demonstrativos, porém, segundo Eguren Gutiérrez (1999), favorecido em variedades americanas, é a função de *este* como operador conversacional, ou como indicado por Eguren Gutiérrez, “*muletillas*”:

- D. *Usos no dêiticos o anafóricos de los demostrativos son las muletillas estooo... o esteee... (Habitual esta última en buena parte en Hispanoamérica), la frase de relleno y (todo) eso (es tan caro y todo eso que) o la expresión a eso de en construcciones con valor semántico temporal (a eso de la una*⁶) (Gutiérrez, 1999, p. 943).

O autor também indica o uso de *este* expressando um valor afetivo, para aproximar o objeto referenciado do tempo ou do espaço do enunciador.

- E. *Este niño es de oro, siempre ayudándome.*⁷

Por sua vez, o demonstrativo *ese* representa a segunda série desta classe e, na sua função dêitica, indica proximidade a quem se fala ou a quem se escreve, podendo marcar tempo não tão presente em relação a ambas as pessoas do discurso.

Bello (1984) e Eguren Gutiérrez (1999) afirmam que *ese* e suas variantes têm função primordial anafórica (F), isto é, operam como recuperador de informação já dita ou

⁴ Tradução nossa: Existe um predomínio do demonstrativo este tanto em anáfora quanto em catáfora, ainda que, habitualmente, no diálogo se utilize a série do demonstrativo ese para se referir ao que foi dito pelo interlocutor.

⁵ Tradução nossa: O homem e o macaco se coçam, este coça o cabelo, murmurando, e este coça as costelas, como se tocasse violão.

⁶ Tradução nossa: Os usos não dêiticos ou anafóricos de demonstrativos são as “muletas” estooo... ou esteee... (este último é comum em grande parte da América Latina), a frase de preenchimento e (tudo) isso (é tão caro e tudo mais) ou a expressão sobre em construções com valor semântico temporal (*a eso de la una*).

⁷ Tradução nossa: Este menino é de ouro, sempre me ajudando.

compartilhada no discurso. No enunciado (F), o demonstrativo *eso* retoma o que já foi dito, *Dios existe*:

- F. *Dios existe. Eso es verdad. Aunque no se pueda demostrar* ⁸(Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

Alguns gramáticos observam que a forma *ese* pode entrar em concorrência com *este*, quando a primeira série também se ocupa da função anafórica. Entre eles, Bello (1984, p. 100) afirma: “*alguna vez, sin embargo, se emplean con la misma diferencia de significado este, esto y ese, eso.*”⁹

Também opondo-se a *este*, a segunda série adquire valor afetivo expressando, contudo, distanciamento, isto é, em algumas situações *ese* é utilizado para afastar, semanticamente, o falante de alguma situação ou de alguém: [...] *sustituye este por ese en señal de distanciamiento, dando lugar en ocasiones a lo que se ha llamado el ‘ese despectivo’*¹⁰ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941):

- G. *Esos jovenzuelos de hoy en día... no quieren estudiar ni trabajar.* ¹¹

Finalmente, a terceira série *aquel*, em sua função dêitica (H e I), indica um distanciamento de ambas as pessoas do discurso, seja temporal ou espacialmente. Assim, Bello (1984) afirma que *este* marca presente, enquanto *aquel*, o passado ou o futuro, logo, tempos distantes do momento da enunciação. Dessa maneira, explicitado no enunciado (H), se indica espacialmente que os alimentos desses cavaleiros estarão distantes. No enunciado (I), o *aquellos* indica um tempo passado:

- H. *Hágote saber, Sancho, que es honra de los caballeros andantes no comer en un mes, y ya que coman, sea de aquello que hallaren más a mano* (Bello, 1984, p. 99).
I. *¡Ay de las madres en aquellos días!*¹² (Bello, 1984, p. 99).

Além dessa função, o *aquel*, assim como as duas demais séries dos demonstrativos, pode operar como um referenciador textual anafórico (J), isto é, recuperando uma informação dada.

⁸ Tradução nossa: Deus existe. Isso é verdade. Ainda que não se possa demonstrar.

⁹ Tradução nossa: Alguma vez, contudo, se empregam com a mesma diferença de significado *este*, *esto* e *ese* e *eso*.

¹⁰ Tradução nossa: Substitui *este* por *ese* em sinal de distanciamento, dando lugar em ocasiões ao que se chama de ‘*ese despectivo*’.

¹¹ Tradução nossa: Esses jovens de hoje em dia... não querem estudar e nem trabalhar.

¹² Tradução nossa:

Digo-te, Sancho, que é uma honra para os cavaleiros andantes não comer durante um mês e, se comerem, é o que tiverem à mão.

Ai das mães daqueles dias!

Como já explicitado anteriormente, neste uso, *aquel* se opõe a *este*, a fim de se evitar ambiguidade, indicando o primeiro distanciamento e, o segundo, proximidade:

- J. *Divididos estaban caballeros y escuderos, éstos contándose sus vidas y aquéllos sus amores*¹³ (Bello, 1984, p. 99).

O breve levantamento dos estudos gramaticais, mostra que as formas dos demonstrativos são multifuncionais, conforme sintetiza o quadro 2:

Quadro 2 – Valores atribuídos aos demonstrativos				
Valor	Forma	EST- (1ª Série)	ES- (2ª Série)	AQUEL- (3ª Série)
1. Dêítico	1ª Pessoa	X		
	2ª Pessoa		X	
	3ª Pessoa			X
2. Anáfora		X	X	
3. Diferenciador textual anafórico (este x aquel)		X		X
4. Catáfora		X		
5. Afetivo (proximidade)		X		
6. Despectivo (distanciamento)			X	
7. Operador conversacional		X		

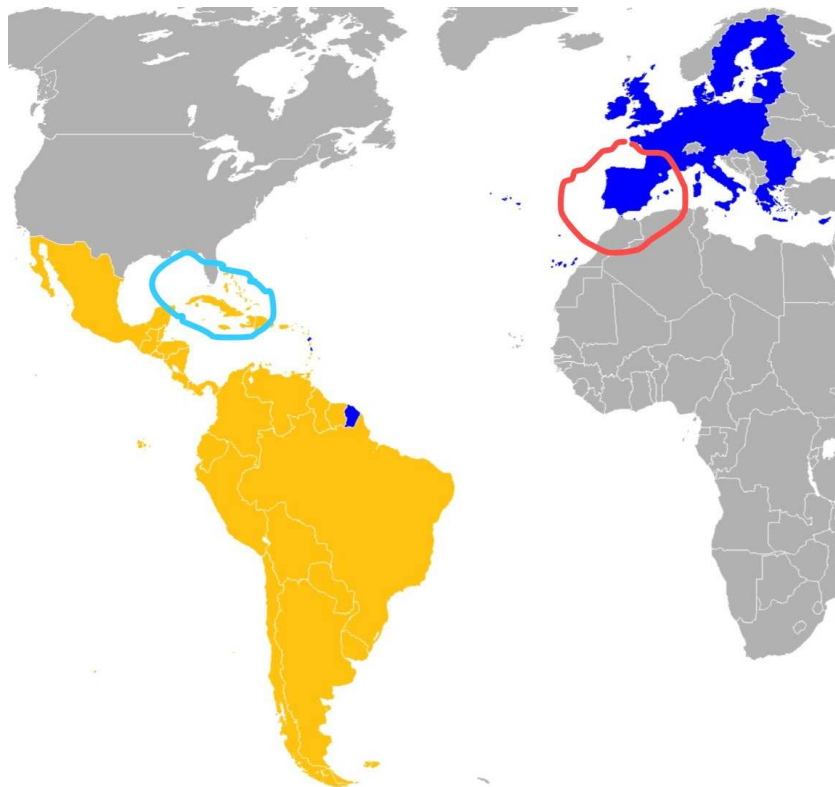
Fonte: elaborado pelo autor.

Embora esse estudo introdutório (sintetizado no quadro 2) apenas indique o contexto de anáfora como potencialmente variável, sabemos que também se questiona a divisão ternária clássica dos demonstrativos com valor dêítico em algumas variedades da língua espanhola. Nessa direção, Moreira (2013) destaca a existência de um sistema binário para os demonstrativos, mostrando uma desapareição ou enfraquecimento da 3ª série que ocasiona a oposição entre *este* e *ese/aquel*. Se, por um lado, alguns estudos asseguram que essa variação estaria limitada as variedades do espanhol da América (RAE, 2010), Moreira (2013) defende que esse fenômeno ocorra também em variedades peninsulares.

¹³ Tradução nossa: Divididos estavam cavaleiros e escudeiros, estes contando uns aos outros sobre suas vidas e aqueles sobre seus amores.

A fim de analisar mais cuidadosamente essa realidade variável é proposto este estudo, que se voltará a três variedades do espanhol relativamente distantes espacialmente e que representam realidades linguísticas específicas em dois continentes em que o espanhol é falado. Nossa hipótese é de que as variedades diatópicas analisadas podem apresentar normas próprias de uso e que essa variação corresponde ao processo sócio-histórico de acomodação do idioma em cada um dos territórios. No mapa (1) a seguir, destacamos Cuba, em círculo azul, como a variedade americana que analisamos e a Espanha, no círculo vermelho, para assim, conseguirmos situarmos na distância geográfica entres as variedades analisadas em questão:

Mapa 01 - União Europeia e América Latina



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:UE-Am%C3%A9rica_Latina-Caribe.png

Com este trabalho, tem-se como objetivo geral descrever o uso dos demonstrativos nas modalidades orais de três variedades diatópicas do espanhol: Sevilha, Madri e Havana. São objetivos específicos deste trabalho,

- Observar o uso dos demonstrativos nas variedades dos tópicos selecionados;
- analisar a variação diatópica dos demonstrativos na língua espanhola;
- revisar a norma gramatical da língua espanhola a fim de se aproximar de uma abordagem mais pluricêntrica.

Na primeira seção, apresentamos os demonstrativos na língua espanhola em variação e mudança. É apresentada uma discussão intitulada “variação e mudança linguística em espanhol”, em que abordamos discussões da área da sociolinguística, tais como: as variações diatópicas, a teoria andaluzista, reflexões sobre a norma linguística e a dialetologia. Na segunda seção, apresentamos os demonstrativos na língua espanhola, retomando desde a estrutura latina clássica até a organização atual do espanhol, em que apresentamos seus usos e valores. É apresentada uma abordagem normativa quanto aos empregos dos demonstrativos, que podem ser pronominais ou determinativos e ainda, apresentamos estudos descritivos. Na terceira seção, apresentamos a metodologia utilizada para nossos estudos e o corpus utilizado, PRESEEA. Em seguida, na quarta seção, expomos as análises dos dados compilados e finalizamos, na quinta seção, com as considerações finais.

A proposta, assim, deste trabalho se justifica cientificamente por permitir conhecer, de modo geral, o funcionamento da língua espanhola em algumas de suas variedades e, mais especificamente, o uso efetivo dos demonstrativos em variedades peninsulares e americanas dessa língua. Desse modo, contribuímos também para a revisão sobre o que já se sabe a respeito do uso dessas formas no castelhano.

Socialmente, esta pesquisa também se justifica por contribuir para o processo de normatização do espanhol a partir do compartilhamento de informações descritivas mais próximas de uma abordagem policêntrica, isto é, não limitada à norma de prestígio centro-peninsular. Também se nota potencial de contribuição para o ensino de espanhol para estrangeiros (E/LE), já que este trabalho apresentará dados linguísticos e descritivos que poderão ser utilizados no contexto de formação de professores e estudantes de E/LE.

1. Variação e mudança linguística em espanhol:

A gramática e outros instrumentos de padronização, como os manuais e dicionários, surgiram no contexto de regular e controlar as diversidades linguísticas, a fim de se obter uma única norma de prestígio e de reconhecimento social. Assim como Faraco e Zilles (2017) descrevem, deve haver um certo grau de padronização da linguagem no meio social, a fim de se estabelecer algumas regras linguísticas e maior controle de compreensão, porém o equilíbrio com a pluralidade linguística deve existir e deve ser promovido por meio de políticas públicas. Porém, não é o que vem ocorrendo desde a Europa dos séculos XVI a XVIII:

A unificação e a centralização política ocorridas nessa época tiveram um efeito centralizador também sobre a língua. Um mundo que superava a fragmentação econômica, social e política própria da sociedade feudal passava a ter necessidade de uma referência em matéria de língua que pairasse acima da grande diversidade linguística regional e social, que permitisse mais facilmente o controle social e que ajudasse a forjar um senso de coesão social (Faraco; Zilles, 2017, p. 69).

Assim, os instrumentos padronizadores foram sendo criados e disseminados no ensino escolar, com maior foco sobre a modalidade escrita, uma vez que é a que teria uma estabilidade ao longo do tempo, podendo alcançar outros leitores de outros lugares, outras épocas e também de outras normas. A modalidade oral, por sua vez, possui uma maior liberdade, flexibilidade e menor monitoramento por parte dos falantes, portanto sua prescrição se torna mais difícil. Mas, ainda assim, sofre também com os reguladores gramaticais, de maneira mais espontânea e social, de modo com que as próprias pessoas dos diferentes grupos sociais determinem o que é de maior ou menor prestígio:

Há, portanto, relações muito estreitas entre cultura escrita, padronização linguística e escolaridade. Desse modo, a escola, em seu feitiço moderno, tratou sempre de regular o uso linguístico dos estudantes, se não em sua totalidade, ao menos em parte e algumas vezes em conflito com suas vivências linguísticas, em especial quando as normas idealizadas e prescritas como referência estão muito distantes das “normas normais” correntes na sociedade (Faraco; Zilles, 2017, p. 72).

Dessa maneira, o vernáculo ou a norma normal de cada indivíduo, quando muito afastada da norma prestigiada, será repreendida no âmbito escolar, a fim de visar somente a norma gramatical. A escola, como menciona Antunes (2014, p. 16), traz a crença, muitas vezes, que aos que souberem identificar classes morfológicas, analisar frases soltas, identificar funções sintáticas de termos e orações, de maneira incansável e repetitiva, é que chegará no futuro a falar,

a ler e a escrever como exigem as convenções sociais: “Parece que a linguagem da escola se rege por ‘leis’, por regularidades diferentes daquelas que usamos na linguagem do dia a dia” (Antunes, 2014, p. 21 - nota de rodapé). Desse modo, essa linguagem da escola pode ser entendida como a linguagem que se descreve nas gramáticas, a norma normativa.

O ensino da gramática, sendo correspondente ao ato de ensinar a língua, é algo que perpassa não somente o ensino da língua portuguesa, mas também da língua espanhola, seja como língua materna ou língua estrangeira. Porém, quando se fala em língua espanhola, ainda muito se associa somente ao espanhol da península, mais especificamente, ao espanhol da localidade madrilenha, isso, pois a grande maioria dos materiais didáticos e instrumentos de padronização são formulados nesta região. Além de que, quando são abordados os temas do espanhol americano, normalmente se reduzem apenas a variação do léxico.

Ou então, considera-se que o espanhol de Madri representa a norma normativa, sendo caracterizado como o mais correto, bonito e original. Já na primeira gramática espanhola publicada em 1492, de Antonio de Nebrija, intitulada Gramática de *la Lengua Castellana*, o grande objetivo era consolidar a língua do território e evitar as possíveis mudanças que a perpassariam ao longo do tempo: “*siempre la lengua fue compañera del imperio; y de tal manera lo siguió, que junta mente comenzaron, crecieron y florecieron*”¹⁴ (Prólogo, 1492):

O gramático Antonio de Nebrija escreveu a primeira *Gramática de la lengua Castellana* em 1492. Aqui a hegemonia linguística parece ter desempenhado um papel importante também na consolidação e propagação do sentimento nacional. Segundo o próprio Nebrija, “sempre a língua foi companheira do império, e de tal maneira o seguiu que juntamente começaram, cresceram e floresceram, e depois concomitante foi a queda de ambos” [...] Depois de citar vários exemplos desta estreita relação e de lembrar as dificuldades da consolidação do território que foi chamado de Reino e República de Castilla, o gramático espanhol inclui a língua como a primeira dentre as artes da paz, ressaltando a necessidade de preservá-la das mudanças (Picanço, 2003, p. 75).

Desse modo, o objetivo inicial já considerava a língua descrita na gramática como uma arte e que deveria se manter intacta às mudanças. Isso se refletiu no imaginário social, criando uma percepção de que somente a norma castelhana originária centro-norte peninsular seria a correta, portanto, a norma a ser seguida. Tudo o que se afastasse do que foi prescrito no texto gramatical por Nebrija não estaria dentro da norma prestigiada. Assim, percebe-se que, até os

¹⁴ Tradução nossa: Sempre a língua foi companheira do império; e de tal maneira o seguiu, que juntamente começaram, cresceram e floresceram.

dias atuais, muitas gramáticas classificam estruturas linguísticas distintas da norma normativa como exclusivas do espanhol americano, associando-as, frequentemente, a um caráter vulgar.

Na análise dos demonstrativos na língua espanhola, percebemos recorrentemente essas tendências, em que as gramáticas somente identificam a diminuição da classe tradicional ternária (*este, ese, aquel*) no espanhol americano:

En algunos países americanos se reducen las series ternarias a las binarias de otra manera: el demostrativo aquel queda reservado para los usos literarios o para la deixis evocadora a la que se hace referencia en el § 17.2.3d, de forma que la deixis ostensiva se lleva a efecto con los demostrativos este y ese (y sus variantes morfológicos)¹⁵ (RAE, 2010, p. 330).

Portanto, segundo a RAE (2010) e Eguren Gutiérrez (1999), essas reduções do sistema somente se encontrariam no espanhol hispano-americano. Mas, como discutimos a seguir, o espanhol da península, sobretudo o andaluz, seria o que teve importante influência na formação do espanhol americano, de modo que muitos traços linguísticos dessa variedade peninsular foram trazidos para o espanhol da América. Essa mentalidade monocêntrica quanto ao espanhol deveria ser rompida, uma vez que não há somente um centro produtor de cultura no mundo hispânico, mas sim, vários, afinal, o espanhol é língua materna de mais de 20 países, portanto, o contato linguístico vai ocorrer e gerar mudanças na língua, porém isso não é fator de diminuição de uma variedade em comparação com a outra: “*No hay sistema que no sea resultado de mestizaje lingüístico*”¹⁶ (Alvar, 1996, p. 12).

1. 1 Estudo da Língua em uso

Os objetivos gerais deste trabalho são descrever os usos dos demonstrativos nas modalidades orais e escritas de três variedades diatópicas do espanhol: Sevilha, Madri e Havana. Para analisar as possíveis variações entre localidades, buscamos ampliar a problematização da norma-padrão descrita nas gramáticas. A norma atual reconhece a variação dos demonstrativos apenas no espanhol americano. Nosso objetivo é propor uma revisão gramatical que promova uma abordagem mais pluricêntrica, abrangendo não apenas a norma centro-norte peninsular, mas também outras variedades do espanhol.

¹⁵ Tradução nossa: Em alguns países americanos, as séries ternárias são reduzidas a séries binárias de outra forma: o demonstrativo que é reservado para usos literários ou para a deixis evocativa referida no § 17.2.3d, de modo que a deixis ostensiva é realizada com os demonstrativos *este* e *ese* (e suas variantes morfológicas).

¹⁶ Tradução nossa: Não há sistema que não seja resultado de mestiçagem linguística.

Essa valorização pluricêntrica e de reconhecimento dos diversos usos da língua em distintos contextos sociais, vem fortalecendo desde Labov com a publicação do seu artigo “A Lógica do inglês não padrão” em 1966, em que defendia o inglês dos negros norte americanos que possuía traços linguísticos únicos e coerentes para a comunicação entre o grupo falante. Desse modo, Labov conclui que a língua é uma forma de comportamento social, e devemos reconhecer que a evolução linguística é uma forma de evolução social. No entanto, Labov, finaliza seu livro (2008) com a seguinte frase:

É interessante considerar que a diversidade linguística possa ter valor para outros seres humanos que não os linguistas, oferecendo relativo isolamento cultural e mantendo o pluralismo cultural. E os próprios linguistas podem ser estimulados a examinar mais profundamente os mecanismos que diferenciam as línguas, bem como as condições limitadoras que formam o conteúdo de uma gramática universal (Labov, 2008, p. 373).

Para tanto, seguimos nossas reflexões com um fragmento do texto “A lua da língua” de Laurentino (2007), em que se narra, de uma maneira poética, como a língua se adapta às diversas situações cotidianas. Laurentino (2007) mostra que a língua usada no trabalho, na escola, durante o dia, é uma língua “suada, ensopada de precisão”, é a língua que mais monitoramos e é a que trabalha sob pressão. Por outro lado, ao entardecer e retornar à casa após o expediente, a língua se altera, se torna mais morna e triste, segundo o autor, e aparece nas declarações dos namorados, nas confissões, brigas, gritos e na atenção desajeitada dos velórios. Se compreende que esta é a língua menos monitorada, a que não se preocupa com a norma gramatical, a que simplesmente se comunica com o outro.

Nosso trabalho, segue nesse viés, em analisar a língua descrita sob pressão gramatical e a língua cotidiana do entardecer dos falantes:

Existe uma língua para ser usada de dia, debaixo da luz forte do sentido. Língua suada, ensopada de precisão. Que nós fabricamos especialmente para levar ao escritório, e usar na feira ou ao telefone, e jogar fora no bar, sabendo o estoque longe de se acabar. Língua clara e chã, ocupada com as obrigações de expediente, onde trabalha sob a pressão exata e dicionária, cumprimentando pessoas, conferindo o troco, desfazendo enganos, sendo atenciosamente sem mais para o momento. É a língua que Cristina usou para explicar quem quebrou o cabo da escova na pia do banheiro, num dia de sol em Fortaleza. Ou a língua empregada pelas aeromoças nos avisos mecanicamente fundamentais. Língua comum; mútua e funcionária. [...] Mas no entardecer da linguagem, por volta das quatro e meia em nossa alma, começa a surgir um veio leve de angústia. As coisas puxam uma longa sombra na memória, e a própria palavra tarde fica mais triste e

morna, contrastando com o azul fresco e branco da palavra manhã. À tarde, a luz da língua migalha (Laurentino, 2007, p. 96-98).

O autor, assim, foi muito sensível ao destacar que existe uma língua a ser usada de dia, essa mesma que levamos ao escritório, à feira, ao trabalho, essa que fica suada de tanto gastar. Essa variedade da língua pode ser definida como **norma normativa**, ou ainda, como **norma-padrão**, a qual segundo Faraco e Vieira (2023), se conceitua como a que se aproxima da gramática, recebendo maior prestígio social e é mais monitorada pelo seu falante:

A **norma-padrão** não é mais que um conjunto de convenções gramaticais assumidas como as mais adequadas à escrita formal. Pode-se dizer que ela também pauta a fala em situações formais. No entanto, em razão da maior fluidez da fala, o monitoramento social de seu uso é mais forte (e exequível) na escrita (Faraco; Vieira, 2023, p. 34).

Por outro lado, Laurentino (2007) também observa uma língua que, ao entardecer, se cansa e volta ao seu estilo natural, fica mais morna e por vezes, triste. A língua migalha, que não precisa de muito para ser compreendida pelos seus, que não precisa de valorização social e tampouco de muito cuidado. Podemos denominá-la **norma normal** (Faraco; Zilles, 2017), que se adapta aos ambientes em que estamos, ambientes que não nos exigem uma grande prescrição e muito menos o medo ao julgamento. Segundo Faraco e Zilles (2017, p. 07), a norma normal é o que se diz e faz um contraponto ao que se deve dizer, que segundo os autores, é a norma normativa. A norma normal responde ao que é costumeiro e habitual do falante, ao que é próprio do seu universo e de suas interações sociais. A norma normal seria a realidade linguística do falante em sua espécie mais fluída de comunicação. Os autores (2017, p. 13) ainda relacionam essa norma com os espaços “sociogeográficos” e as formas habituais de fala e de uso de determinados léxicos em cada região: “Algumas ‘normas normais’ estão relacionadas ao espaço (sócio) geográfico e correspondem a formas habituais de dizer em cada região (lembrando que as regiões se configuram em função da distribuição populacional, da cultura, mas também dos acidentes geográficos que as delimitam).” Portanto, a norma normal se relaciona diretamente às variedades diatópicas, ou seja, as variedades que ocorrem em uma mesma língua, porém em regiões diferentes, que é justamente um dos nossos objetivos de análise quanto aos usos efetivos dos demonstrativos.

Ao analisarmos algumas gramáticas, como as de Bello (1984), Di Tullio (2005), RAE (1982, 2010), Hernández Alonso (1984), Torrego (2005), Eguren Gutiérrez (1999), notamos que

algumas descrevem os usos dos demonstrativos prevendo variações, porém afirmando que essas somente ocorrem na América.

A seleção escolhida das gramáticas de análise se deu pela acessibilidade ao material e pela circulação e pertinência dos textos no cenário hispânico. Nossa seleção tentou privilegiar reflexões que se aproximassem ao eixo descritivo, Bello (1984), Di Tullio (2005), Hernández Alonso (1984) e Eguren Gutiérrez (1999) e também do eixo normativo, Rae (1982) e Gómez Torrego (2005), sem se isentar da preocupação escolar, tanto é assim, que na abordagem escolar, consideramos as Gramáticas de Di Tullio (2005) e Gómez Torrego (2005).

Portanto, há o reconhecimento de uma variação diatópica, em comparação entre o espanhol americano e o espanhol peninsular, porém tratando o espanhol da variedade castelhana como a norma de referência normativa e as variedades do espanhol americano como vulgar. Assim como abordado por Aleza e Enguita (2010):

Testimonios del XVII, recogidos por Guitarte (1991), muestran que durante la época colonial tanto los metropolitanos como los criollos percibían el español de América como una modalidad inferior, una variedad periférica no prestigiosa. Los americanos consideraban las peculiaridades de su habla regionalismos sin dignidad para entrar en la lengua literaria y tenían como modelo lingüístico el español de Toledo o Madrid, es decir, el español culto de la metrópoli. Esta valoración se mantiene a lo largo del siglo XVIII, según ha señalado Sánchez Méndez (1994). Pero a lo largo de dicha etapa, emergen síntomas de un cambio de orientación en esta postura: por una parte, Guitarte (1991) ha puesto de relieve la fundación, en 1713, de la Real Academia Española y su actitud favorable a los regionalismos de la lengua. Así el Diccionario de Autoridades incorpora voces americanas y utiliza como autoridades a escritores americanos¹⁷ (Aleza e Enguita, 2010, p. 37).

Segundo Eguren Gutiérrez (1999):

H. “*En el Español de América se tiende a sustituir aquel por ese, resultando en un sistema binario*¹⁸” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 940);

¹⁷ Tradução nossa: Testemunhos do século XVII, recolhidos por Guitarte (1991), mostram que durante a era colonial, tanto os metropolitanos como os crioulos viam o espanhol americano como uma modalidade inferior, uma variedade periférica sem prestígio. Os norte-americanos consideravam as peculiaridades do seu discurso regionalismos sem dignidade para ingressar na língua literária e tinham como modelo linguístico o espanhol de Toledo ou Madri, ou seja, o espanhol culto da metrópole. Esta avaliação manteve-se ao longo do século XVIII, como salientou Sánchez Méndez (1994). Mas ao longo desta fase emergem sintomas de uma mudança de orientação nesta posição: por um lado, Guitarte (1991) destacou a fundação, em 1713, da Real Academia Espanhola e a sua atitude favorável aos regionalismos da língua. Assim, o Dicionário de Autoridades incorpora vozes americanas e utiliza escritores americanos como autoridades.

¹⁸ Tradução nossa:

I. “*En algunos países americanos se reducen las series ternarias a las binarias de otra manera: el demostrativo aquel queda reservado para los usos literarios o para la deixis evocadora*” (RAE, 2010, p. 330).

A norma normal, desse modo, se relaciona com as comunidades de fala, uma vez que reúne características léxico-gramaticais e discursivas próprias de cada localidade, ou seja, de cada comunidade, tanto de fala como social: “Percebe-se que o estar junto num grupo qualquer, compartilhando espaço geográfico, atividades econômicas, práticas culturais, redes de relacionamento, valores, etc. induz o grupo a compartilhar também características linguísticas, ou seja, uma norma normal.” (Faraco; Zilles, 2017, p. 18).

Assim, **comunidade de fala** segundo Labov (2008):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. De igual modo, por meio de observações do comportamento linguístico, é possível fazer estudos detalhados da estrutura de estratificação de classe numa dada comunidade (Labov, 2008, p. 150).

Por isso, cada comunidade de fala é singular, possuindo traços referenciais e sócio-estilísticos que permitem a comunicação e compreensão entre seus falantes. A comunidade de fala pode ser definida por um recorte geográfico, por um recorte de estrato social, por questões de etnia, idade, sexo, entre outros fatores que o pesquisador queira definir. O importante é encontrar e delimitar um grupo com características em comum que estão compartilhando dos mesmos traços linguísticos, a fim de compreendê-lo melhor. Porém, assim como Labov destaca, em uma comunidade de fala nem todos os falantes irão usar todas as mesmas formas, mas irão compartilhar a mesma norma e padrão de comunicação: “**Uma comunidade de fala** não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (Labov, 2008, p. 180).

“No espanhol americano há uma tendência de substituir *aquel* por *ese*, resultando em um sistema binário” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 940);

“Em alguns países americanos, as séries ternárias são reduzidas a séries binárias de outra forma: o demonstrativo *aquel* fica reservada para usos literários ou para dêixis evocativa”.

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, ao buscarmos pela palavra “norma” temos acesso a distintas acepções, que, segundo Bagno, poderíamos entender uma como a **norma normativa** e a outra como a **norma normal**. A normativa teria como descrição ser “um conjunto de preceitos estabelecidos na seleção do que deve ou não ser usado numa certa língua”, enquanto a norma normal seria descrita como “tudo o que é de uso corrente numa língua relativamente estabilizada pelas instituições sociais” (Bagno, 2003, p. 39).

Portanto, o autor sistematiza as diferenças entre as normas, identificando distintas características. De um lado, a **norma normal** refere-se ao uso corrente, aborda os usos reais de fala de cada pessoa, sendo a tendência geral e habitual do falante. Já a **norma normativa** refere-se a uma variedade ideal, com preceitos, uma maior elaboração, monitoramento e juízos de valor. Entendemos aqui que norma normativa, norma-padrão, ou ainda, segundo Faraco e Vieira (2023), norma brasileira de referência, são termos equivalentes que podem ser descritos como:

Essa norma-padrão brasileira (ou norma brasileira de referência) não equivale às variedades linguísticas dos brasileiros, mesmo daqueles escolarizados. As variedades linguísticas dos brasileiros são as falas maternas, vernaculares, usadas espontaneamente pelas diferentes comunidades linguísticas em diferentes contextos do dia a dia. Por outro lado, a norma-padrão brasileira também não é a norma idealizada, anacrônica, ancorada na literatura de língua portuguesa do século XIX para trás [...] A norma-padrão não é mais do que um conjunto de convenções gramaticais assumidas como as mais adequadas à escrita formal (Faraco; Vieira, 2023, p. 34).

Porém, socialmente, as pessoas tendem a associar a palavra norma com outro significado, associado ao adjetivo “culto”, que seria aquela norma pertencente a uma determinada classe social, a uma classe normalmente elitizada e com conhecimento letrado de prestígio. Dessa maneira, essa associação tende a afastar ainda mais os grupos sociais que se encaixam dentro dessa descrição culta daqueles ditos não cultos. O que pode, por vezes, aumentar o **preconceito linguístico** daqueles que acreditam ter um maior domínio gramatical perante aqueles que podem ter um menor monitoramento de suas falas e assim, ocasionar, em erros ditos mais crassos:

Todos esses autores, portanto, ao definir assim a língua culta, ou forma culta, ou norma culta, ocupam o lugar que lhes cabe numa longuíssima fila de estudiosos da língua que, há quase 2.500 anos, associam língua culta com escrita literária. Essa é uma tradição que começou por volta do século III a.C., entre os filósofos gregos, quando foi criada a própria disciplina batizada de *gramática*. Aliás,

sintomaticamente, a palavra *gramática*, em grego, significava, na origem, “a arte de escrever” (Bagno, 2003, p. 45).

Desse modo, criaram-se ideias preconceituosas com relação à modalidade falada, que era considerada caótica e ilógica, modificando assim, o apreço social, para a língua que fosse mais próxima da escrita, pois essa seria mais monitorada, e segundo o pensamento da época, mais organizada e lógica. Atualmente, observa-se um distanciamento do que é considerado novo ou que foge às regras prescritas pelas gramáticas. Mudanças linguísticas são vistas, muitas vezes, como sinais de decadência ou algo prejudicial à língua (Bagno, 2003, p. 46). Com isso, consolidou-se a ideia de que as formas de expressão mais próximas da **fala vernacular** ou menos monitoradas são erradas, ou menos prestigiadas. A elite, então, estabelece quais formas de fala devem ser valorizadas, conferindo prestígio apenas a um grupo social minoritário, o que perpetua sua posição de poder e influência social, enquanto as formas populares de linguagem são estigmatizadas e desvalorizadas.

Porém, é importante destacar que a **norma dita culta** não é a norma normativa/gramatical, mas sim uma norma normal referente a um determinado grupo social que detém mais acesso econômico. Sendo assim, os falantes dessa norma culta também cometem “erros” gramaticais, ou seja, também apresentam desvios ao que é prescrito nas gramáticas, assim como qualquer pessoa com sua língua vernacular. A grande diferença de uma pessoa da elite para com um trabalhador comum é que alguns erros são considerados mais crassos que outros, alguns erros passam despercebidos, enquanto outros chamam mais a atenção e denunciam o grupo social pertencente do indivíduo:

A norma culta é apenas uma das variedades, que, por motivos sócio-históricos, constitui a norma mais socialmente prestigiada, o que nos leva a reafirmar que os valores atribuídos a essa norma, não decorrem de propriedades intrínsecas ao linguístico. Decorrem, reiteramos, de circunstâncias históricas e socioculturais vividas pelos falantes (Antunes, 2014, p. 69).

Esse processo de valoração pela qual a língua passa é o que determina que algumas pessoas sejam consideradas falantes da norma culta, pois tiveram acesso a conhecimentos letrados de maior prestígio social, leituras canônicas e uma formação gramatical mais aprofundada no ambiente escolar. No entanto, é fundamental destacar que essa valoração é inteiramente social, e não linguística. Nesse sentido, Tarallo (1986) define a **língua vernacular** como:

[...] é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela de professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados (Tarallo, 1986, p. 19).

O vernáculo, portanto, recebe o mínimo de atenção quanto a sua pronúncia e quanto às regras gramaticais, faz-se preocupar somente com o entendimento do outro e da mensagem que será passada.

Os estudos normativos, ou seja, a abordagem tradicional da gramática, são assim criados para agirem como fator às variações, explicitadas especialmente no vernáculo e que perpassam as línguas em seus distintos contextos, sejam variações dadas ao regionalismo, as faixas etárias, aos estratos sociais, aos gêneros, dentre outros. Essas convenções são ensinadas nas escolas e assim cria-se esse estigma do que é mais ou menos valorizado socialmente, além de trazer uma tentativa falha de aproximar a modalidade oral da modalidade escrita:

Essas **convenções normativas** constituem, no fundo, uma resposta à diversidade própria da língua. São inúmeras as variedades regionais, sociais, estilísticas, históricas que constituem uma língua. Algumas dessas são prestigiadas socialmente; outras nem tanto. Como recurso para limitar a diversidade na escrita formal, os segmentos socioculturais e continuamente envolvidos com essas práticas de escrita definiram, ao longo do tempo, algumas estruturas como mais adequadas à expressão escrita formal (Faraco; Vieira, 2023, p. 34).

Os fatores delimitantes da modalidade oral tem como os seguintes exemplos que os explicam: o prestígio sociocultural de determinadas práticas de escrita, o prestígio social das variedades linguísticas usadas pelos segmentos sociais letrados e a necessidade de certa uniformização de expressão escrita. Os fatores se entrelaçam porque a literatura sempre foi uma das principais referências de quem era letrado, e, portanto, sempre teve um grande prestígio social. Além de aumentar ainda mais a distância social entre os não letrados, promovendo uma desvalorização dessa grande maioria brasileira, em prol de uma minoria que detinha os conhecimentos linguísticos de escrita. Por outro lado, a uniformização de textos escritos formais, também prevalece, por não restringir a obra em uma região somente, ou a um grupo social, ou a uma época:

Por fazer parte das tradições discursivas que caracterizam as práticas da escrita formal, é importante conhecer a **norma-padrão**, o que, contudo, não impede a busca crítico-propositiva de uma norma de referência mais condizente com a realidade linguística contemporânea do Brasil (Faraco; Vieira, 2023, p. 35).

Desse modo, se faz importante o reconhecimento de uma norma-padrão, porém, é necessário que se analise a realidade linguística local, que se respeite as variedades e os vernáculos ali presentes, a fim de conseguir aproximar o estudante do que está sendo trabalhado. Além da importância em saber distinguir as diferentes práticas sociais, uma vez que as modalidades faladas e escritas possuem estruturas e funções sociais diferentes, são textos com gramáticas, enfoques e monitoramentos diferentes. Algumas das diferenças entre as duas modalidades, nos termos de Faraco e Vieira (2023), são, na escrita, a assincronicidade ou ausência de interação em tempo real, a propensão à formalidade e a autoria central. Enquanto que a fala é mais espontânea, permitindo a interação síncrona com o outro e tende a ser menos monitorada.

Dessa maneira, Laurentino (2007) nos mostra que temos variedades linguísticas para distintos contextos, para diferentes ocasiões e pessoas. Que devemos, com isso, nos adequar, por ora tendo uma fala mais monitorada, quando for utilizada em um ambiente empresarial ou tendo uma fala mais “relaxada”, quando estamos com nossos amigos em um ambiente de lazer, sem nos preocuparmos se a nossa fala (podemos entender como nossa norma normal) está próxima ao que se considera mais correto (podemos entender como o que está mais próximo à norma padrão/gramatical):

Nenhuma língua é apenas um ‘instrumento de comunicação’, no sentido de que se destina à passagem linear de informações, e se esgota no simples ato de dizer. A atividade verbal permite a execução de uma grande pluralidade de propósitos, dos mais sofisticados aos mais corriqueiros (defender, criticar, elogiar, encorajar, persuadir, convencer, propor, impor, ameaçar, prescrever, prometer, proteger, resguardar-se, acusar, denunciar, ressaltar, expor, explicar, esclarecer, justificar, solicitar, convidar, comentar, agradecer, xingar e muitos, muitos outros); propósitos que podem ser mais ou menos explícitos, diretos, expressos, como “todas as letras” ou “em meias-palavras” (Antunes, 2014, p. 20).

Laurentino (2007), em sua crônica, aborda os temas principais da variação linguística. Essa área que se encontra dentro dos estudos linguísticos tem como foco o social, a sociedade e os contextos que perpassam os falantes. Como explicado por Labov (2008), o campo da Sociolinguística é fomentado pela necessidade de se entender o porquê de alguém dizer alguma coisa (p. 242). Essa área examina como a língua é usada em diferentes contextos e como a mesma pode variar entre grupos sociais, em que os falantes podem ter diferentes faixas etárias, serem de regiões diferentes ou ainda terem diferentes níveis de escolaridade, entre outros fatores.

Coelho *et al* (2019), defendem que subjaz à Sociolinguística a percepção de que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, ela está em constante mudança e adaptação por parte de seus falantes:

É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua - os falantes - têm uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente, a língua usada pelos outros. Para conhecer a Sociolinguística, é necessário, antes de mais nada, “abrir a cabeça” para **aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo** (Coelho *et al*, 2019, p. 11- grifos nossos).

Desse modo, conseguimos compreender que a língua é heterogênea, variável e flexível. Como citado por Labov (2008), a heterogeneidade é a situação normal da língua, sendo o resultado natural de diversos fatores fundamentais (p. 238). Em uma mesma comunidade de fala, observa-se uma notável variação linguística, ou seja, a coexistência de diferentes formas para se referir ao mesmo referente no mundo real. Essa variação resulta da complexidade das dinâmicas sociais e da influência de fatores econômicos, o que faz com que certas formas assumam valores distintos e entrem em competição dentro do espaço linguístico. Esse fenômeno, presente em qualquer língua, é conhecido como **variável linguística**. Nesse sentido, Labov (2008) ressalta a importância da variação social e estilística na mudança linguística:

A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística? Por “social” entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” - o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as **variantes** são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e / ou estilística (Labov, 2008, p. 313 - grifos nossos).

A análise das variantes linguísticas presentes em um determinado contexto e suas maiores descrições e detalhamento também recebe um nome dentro da Sociolinguística, que seria o **envelope da variação**, segundo Tarallo (1986, p. 33) “O envelope consiste, portanto, no elenco das adversárias de um campo de batalha.” Portanto, o pesquisador deve ter esse olhar sensível para com o envelope da variação, dentro da comunidade de fala em que se encontra e observando os **fatores linguísticos e extralinguísticos** ali presente a fim de uma compreensão maior sobre os dados de fala que se encontram em seu recorte investigativo:

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores (Tarallo, 1986, p. 46).

Bagno (2017, p. 110), descreve envelope da variação como:

No envelope de variação, deve aparecer de maneira explícita e detalhada a variável linguística a ser estudada e suas variantes, junto com o elenco de fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais) que condicionam o uso dessas variantes na comunidade de fala selecionada para a investigação.

Assim, a criação do modelo teórico e metodológico que organiza e sistematiza as unidades linguísticas (Tarallo, 1986), que analisa a **heterogeneidade sistematizada**, e concebe a língua como intrínseca ao meio social em que está inserida, é de Labov. O linguista se inicia em 1963 com diversos estudos na área: analisando o inglês falado da ilha de Martha's Vineyard, a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque (1966), o inglês vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, entre outros.

1.2 Variações diatópicas

A observação de fatores extralinguísticos, que determinam o uso da língua (Labov, 2008), ajudam-nos a compreender os dados de língua que analisaremos. Os elementos extralinguísticos, como supracitados, influenciam na análise dos dados da sociolinguística, uma vez que o falante se encaixa em um grupo etário, em um estrato social, em uma profissão e até mesmo em um gênero, englobando, assim, características que alteram o seu idioleto, isto é: *“el conjunto de hábitos lingüísticos de un individuo en un momento determinado” (esto es, diferencias geográficas, sociales e individuales simultáneamente)* (Alvar, 1996, p. 11).

Desse modo, se faz necessário considerar alguns fatores como a faixa etária, o estrato social, o gênero, a região em que está o informante, o estilo empregado e o meio por onde se dá a comunicação para uma maior e aprofundada compreensão dos dados recebidos. Nesta pesquisa, iremos focar na variação diatópica, ou também chamadas de variação regional ou ainda de variação geográfica. Esse fator está nos nossos objetivos de análise por analisar distintas regiões hispânicas.

A variação diatópica, portanto, é a variação que ocorre na fala dos informantes de uma região em específico, podendo, inclusive, informar com precisão qual a origem da pessoa somente pelo modo de sua fala: “é a que se verifica no uso da língua conforme o lugar, espaço geográfico” (Bagno, 2017, p. 89). As marcas linguísticas de cada região, geram uma marca daquele lugar expresso no modo de se comunicar dos indivíduos: “Em geral, itens lexicais particulares, certos padrões entoacionais e certos traços fonológicos respondem pelo fato de que falantes de localidades diferentes apresentem dialetos (ou seja, variedades) diferentes de uma mesma língua” (Coelho *et al*, 2019, p. 38).

A variação diatópica ou regional, geralmente, ocorre devido à influência da etnia colonizadora daquela comunidade, influenciando a língua local. Nossa escolha pelas regiões de Sevilha, na Espanha, e por Havana, em Cuba, se deram justamente pelas hipóteses de que o espanhol sevilhano teria influenciado na formação do espanhol centro americano.

Para Alvar (1996), um dialeto dentro do ponto de vista linguístico, pode ser comparado com a “diferenciação”, que não indica somente uma ruptura de distância histórica e/ou geográfica, mas também social. Dialeto refere-se a um conjunto de signos originados de uma língua comum, podendo estar em uso ou já extinto, geralmente delimitado a uma região geográfica específica. Trata-se de estruturas linguísticas simultâneas que não se classificam como uma língua independente. O dialeto facilita a compreensão plena entre os falantes de uma determinada localidade: “*dialecto es la lengua hablada habitualmente en una comunidad lingüística, y lengua viene a ser un concepto que incluye en el mismo proceso toda suerte de elementos culturales, o sea, extralingüísticos*” (Alvar, 1996, p. 11).

Segundo Bagno (2017), os dialetos podem ser classificados em dialetos sociais, regionais, rurais e urbanos, em que cada um irá agrupar características linguísticas comuns a uma comunidade de fala, sejam com traços linguísticos mais conservadores e outro com pronúncias, léxicos e morfossintaxe próprias. O autor ainda destaca que popularmente muitas pessoas passaram a utilizar o termo dialeto como antônimo do que seria a norma culta de prestígio, colocando uma avaliação negativa ao vernáculo usado pelo falante, considerando seu modo de falar errado: “A eleição de um dialeto como base para a constituição do padrão se deve exclusivamente a fenômenos sociais, políticos, históricos e culturais e não às supostas qualidades intrínsecas desse dialeto em relação aos demais” (Bagno, 2017, p. 84).

O ramo da linguística que se dedica ao estudo dos dialetos é a dialetologia, em que estudará a natureza e as distribuições da variação na língua (Bagno, 2017). Esses estudos perpassam por linhas muito tênues entre o que seria a definição de língua e o que seria a definição de um dialeto, pois muitas vezes essa concepção fica dentro do imaginário popular sobre o que é certo e o que é errado ou ainda o que é de prestígio e aceito e o que é das margens e é dito como ruim ou feio.

Como Manuel Alvar (1996) pontua, desde os eruditos de Alexandria no século II A.C., a linguística já é uma preocupação de caráter filológico, no sentido de ser um guia para a correta interpretação dos textos. Com os estudos do linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli, ele introduz o interesse em se estudar as falas populares, a língua que estava em circulação efetivamente entre as pessoas dos povoados. Assim, ele queria observar esse uso efetivo e suas diversidades geográficas, para conseguir traçar um novo olhar sobre a língua e suas correções:

La lingüística, desde los eruditos de Alejandria (siglo II a.C) hasta el siglo pasado, ha venido siendo una preocupación de carácter filológico (como guía para la correcta interpretación de los textos) o una preocupación de índole dogmático (gramáticas basadas en un criterio de autoridad). Pero con el gran linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli surge un nuevo interés: el del conocimiento de las hablas populares. Esto es: conocer la lengua del pueblo en sus diversidades geográficas, prescindiendo del espejismo de la corrección y haciendo abstracción de los hechos retóricos¹⁹ (Alvar, 1996, p. 05).

Assim, segundo Alvar, a dialetologia surgiu com essa curiosidade em se estudar as línguas do povo, as falas populares e suas diversidades geográficas. Essa área de estudo também se diferenciou das outras por trazer novas metodologias e técnicas de coletas de dados e análises.

Silveira de Araujo (2020) ainda destaca que o âmbito dialetal, embora seja mais específico, envolve um maior nível de abstração, permitindo identificar e associar um enunciador a sua comunidade de fala pertencente: “Por sua vez, essa identificação partiria do registro, isto é, do uso que cada um faz da língua e no qual se verificam traços linguísticos compartilhados por uma variedade espacial de dada língua histórica. A compreensão do dialetal deveria partir, portanto,

¹⁹ Tradução nossa: A linguística, desde os estudiosos de Alexandria (século II a.C.) até ao século passado, tem sido uma preocupação filológica (como guia para a correta interpretação dos textos) ou uma preocupação dogmática (gramáticas baseadas num critério de autoridade). Mas com o grande linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli surgiu um novo interesse: o do conhecimento da fala popular. Ou seja: conhecer a língua do povo nas suas diversidades geográficas, ignorando a miragem do acerto e abstraindo-se dos fatos retóricos.

da observação do registro” (Araujo, 2020, p. 51). Desse modo, se faz necessária a análise do registro do falante, para assim compreender sua variedade de fala.

Silveira de Araujo (2020) *apud* Coseriu (1982) explica que ao dizermos que somos falante de uma língua, como o português ou o espanhol, estamos, na verdade, nos referindo a uma porção da língua, ou seja, a uma variedade ou dialeto. Esse conjunto de variedades que remontam a uma língua (sistema), possuem diferenças geográficas, geracionais, estilísticas, entre outras. De tal maneira, que cada variedade, dialeto, possui seu próprio sistema, que está presente na língua. Esse sistema dialetal segue sendo complexo e inteiro, e, portanto, não deve ser considerado inferior:

Do mesmo modo, nós, orientados pelo referencial apregoado pela disciplina, concederemos dialeto como um sistema funcional de caráter mais concreto que, por sua vez, encaixa-se em um sistema maior e mais abstrato que é a própria língua histórica. Assumindo essa postura, afastamo-nos da concepção de dialeto frequentemente difundida pelo senso comum, segundo a qual se atribui uma carga negativa ao termo, tratando-a como uma alusão a uma língua menor, que, de tão desprestigiada socialmente, sequer desfrutaria do status de língua histórica (Araujo, 2020, p. 52).

1.3 Hipótese andaluzista

Nesta seção, será abordada a hipótese Andaluzista, que implica os paralelismos e semelhanças linguísticas que ocorrem entre a região da Andaluzia na Espanha e os países de língua espanhola na América. Porém, para compreender esses traços linguísticos que concorrem entre essas duas regiões, é preciso, inicialmente, ter a compreensão da formação do espanhol andaluz.

Neste mapa (2) a seguir, se mostra as oito províncias desta região e as cidades que as compõe. As províncias são Huelva, Sevilha, Cádiz, Málaga, Córdoba, Jaén, Granada e Almería:

Mapa 02 - Mapa Províncias andaluzas



Fonte:

https://www.cope.es/emisoras/andalucia/sevilla-provincia/sevilla/noticias/mapa-que-muestra-cual-tapa-tipica-cada-provincia-andalucia-20230529_1988074

Ao serem realizados os estudos sobre a formação do espanhol andaluz, surgiram várias hipóteses, dentre elas, que o espanhol dessa região poderia ter raízes no árabe. Essa hipótese surgiu, uma vez que ambas as línguas teriam várias semelhanças linguísticas, como: as aspirações – consoantes finais – e linguagem velarizada. O espanhol dessa região geográfica preserva numerosos arabismos lexicais, mas não muitos mais, proporcionalmente, do que o espanhol de outras áreas da península. Além da forte presença dos árabes nessa região pelos séculos XIII, XIV e XV (Moreno Fernández, 2009, p. 147).

A influência linguística do árabe sobre o espanhol nos séculos XIV e XV, na Andaluzia no Guadalquivir, não poderia ter sido muito grande, pela simples razão de que o domínio militar do território por Castela significou a dispersão e desaparecimento da população de língua árabe, primeiro nas cidades, cujos habitantes foram obrigados a mudar-se para Granada muito cedo, e um pouco mais tarde no campo, quando os muçulmanos foram expulsos dos territórios em consequência das suas revoltas. Mais tarde, uma vez ocupada Granada (século XIV ou XV), boa parte do seu repovoamento foi feito com pessoas que chegavam do oeste da Andaluzia. Portanto,

as particularidades linguísticas andaluzas não são provenientes do árabe. Para tanto, se faz importante entender o cenário de Sevilha dos séculos XIV ao XVI:

*Sevilla fue durante la Edad Media una de las mayores ciudades de la Península. Tras su conquista a los musulmanes, fue repoblada con unos 24.000 habitantes, que le confirieron un aire de población cosmopolita: gente del Norte de Castilla, de Burgos y Valladolid; gente catalana, de Aragón, de Galicia. De Portugal; genoveses, italianos; franceses, bretones, alemanes. Sevilla conservo una morería —pequeña, como le decía- y llegó a crear la judería más importante de la Península. Esa amalgama de orígenes étnicos, geográficos y lingüísticos hicieron que el castellano sevillano evolucionara hacia soluciones lingüísticas innovadoras y hacia la simplificación. El habla de Sevilla, luego llevada a la Andalucía oriental, adquirió ya desde la baja Edad Media **una personalidad que la distinguía de las hablas del Norte, más tradicionales y conservadoras. Esa forma de hablar, más innovadora, era seseante, yeísta, con debilitamiento en la distensión silábica o con pérdida de -d**²⁰ (Moreno Fernández, 2009, p. 149 - grifos meus).*

Sevilha, portanto, teve uma importante participação econômica e cultural durante os séculos XVI e XVII na Espanha. Frago (1992) demonstrou que, na segunda metade do século XV, o andaluz já possuía algumas bases fônicas. Durante o século XVII – a região andaluza já havia traçado um perfil sociolinguístico da norma sevilhana, que perdura até à atualidade em Sevilha. Assim, inicia um profundo provincianismo e também surgem muitas diferenças socioeconômicas. Por volta de 1750, em Sevilha, a população era composta por: 15.000 clérigos, 32.000 pessoas em população produtiva e 10.000 ciganos. Desse modo, as influências linguísticas dessas pessoas foram de grande participação na formação da norma sevilhana, como, a língua *Caló* dos ciganos que emprestou muitos de seus elementos lexicais e fraseológicos à fala andaluza. Exemplos: *calcos* “sapatos”, *canguelo* “medo”, *menda* “eu”, *piño* “dente”. A língua *Caló* entrou em contato com gírias germânicas e criminais, o que facilitou o acesso à língua geral. O andaluz teve seu período de ascensão durante a criação e difusão do Majismo, no século XVIII, e do Flamenquismo, no século XIX.

²⁰ Tradução nossa: Durante a Idade Média, Sevilha foi uma das maiores cidades da Península. Após a sua conquista aos muçulmanos, foi repovoada com cerca de 24.000 habitantes, o que lhe conferiu um ar de população cosmopolita: gente do Norte de Castela, Burgos e Valladolid; Povo catalão, de Aragão, da Galiza. De Portugal; genoveses, italianos; Franceses, bretões, alemães. Sevilha preservou uma moreria - pequena, como disse - e passou a criar a judiaria mais importante da Península. Este amálgama de origens étnicas, geográficas e linguísticas fez com que o espanhol sevilhano evoluísse para soluções linguísticas inovadoras e de simplificação. O discurso de Sevilha, posteriormente trazido para o leste da Andaluzia, adquiriu desde o final da Idade Média uma personalidade que o distinguiu dos discursos mais tradicionais e conservadores do Norte. Esse modo de falar, mais inovador, era espasmódico, yeísta, com enfraquecimento na distensão silábica ou com perda de -d-.

Esses outros impactos desse período incluíram as influências do *Majismo* (século XVIII) e do *Flamenquismo* (século XIX). O *Majismo* era o termo usado para descrever as pessoas que se identificavam como *majos* e *majas*, residentes dos bairros mais pobres de Madri, conhecidos por sua desenvoltura, frequentemente rudes e expansivos. Eles eram reconhecidos por ocuparem trabalhos mais manuais e por usarem trajes coloridos e chamativos. Francisco Goya retratou os *majos* em suas pinturas, cativado pelo caráter folclórico, popular e tradicional:

Figura 01 - *El majo de la guitarra*



Fonte: Francisco Goya (1779). “El majo de la guitarra”. Pintura a óleo, 137 x 112 cm. Museu Nacional do Prado.

Os andaluzes também foram tocados pelo *flamenquismo*, outro movimento de cunho popular e folclórico. O *Flamenquismo* compartilha traços do *Majismo*, mas também está ligado aos gostos pela arte flamenca, especialmente pelo modo de vida dos seus adeptos. A arte flamenca, a dança, a música e até mesmo as touradas moldaram a essência das pessoas. Eram expressões populares, vívidas, atrativas e, frequentemente, rotuladas como vulgares pela elite da época.

Neste mapa (3), estão as oito províncias da região, como já supracitado, e destacaremos alguns dos principais elementos que descrevem estas cidades, a fim de um maior conhecimento da região. Desse modo, temos que a região de Córdoba se estende entre os campos de oliveira e

vinhas banhados pelos afluentes do rio Guadalquivir. Em Almería, temos os castelos e as fortalezas que constituem um patrimônio histórico privilegiado. A cidade de Sevilha é representada pela Torre del Oro, construída no século XIII. Essa construção foi feita para vigilância, para que os militares evitassem invasões pelo Rio Guadalquivir, uma das maneiras de se proteger era por meio de uma corrente que se desenrolava sob a água e era erguida para impedir a passagem de barcos indesejados. A cidade de Jaén é a porta de entrada para a região andaluza, situada ao nordeste da comunidade autônoma, está justada na parte superior do Rio Guadalquivir, é também a terra do azeite. Huelva é a região que faz fronteira com Portugal e possui belas praias. Granada se destaca pelos arcos da Alhambra, o monumento mais famoso da região e símbolo da herança árabe na cidade. Málaga é conhecida por possuir muitas empresas metalúrgicas, uma intensa produção têxtil e também bastante comercialização de vinho. Por fim, a região de Cádiz, que é a província mais meridional da Península Ibérica, estando há apenas 14 quilômetros do continente africano, é conhecida por diferentes fatos históricos: desde as embarcações de Cristóvão Colombo terem saído de lá, como também, sendo a região onde se redatou a primeira Constituição espanhola. (*Portal Oficial de Turismo de Andalucía*):

Mapa 03 - Mapa região andaluza



Fonte: <https://www.ecured.cu/Andaluc%C3%ADa>

Assim, o espanhol andaluz foi moldado por essas influências populares, históricas, geográficas e econômicas, resultando em uma distinção sociolinguística entre os falantes urbanos e rurais, entre a vida na cidade e no campo. Essa diferenciação é evidente em características específicas: o *seseo*, considerado mais urbano e refinado, associado à educação e muitas vezes atribuído às mulheres, enquanto o *ceceo* é visto como mais rural, fechado, típico de homens menos instruídos:

*Si se trata de la ciudad de Sevilla y es que el seseo es un fenómeno urbano en el Occidente Andaluz, donde goza de un importante prestigio, frente al ceceo, al que se atribuye un carácter rústico y que se asocia a hablantes de menor nivel sociocultural. De este modo, en Andalucía tienen prestigio tanto la distinción como el seseo, mientras que el ceceo recibe la consideración negativa del uso estereotipado*²¹ (Moreno Fernández, 2009, p. 169).

Além das oito províncias andaluzas, há também as zonas adjacentes de Extremadura, Badajoz e Múrcia em que se distinguem a fala andaluza e a fala de transição da Extremadura e Múrcia:

Las hablas extremeñas y murcianas han de soportar la pesada losa de ser hablas de tránsito: incluyen elementos de muchos, pero no coinciden plenamente con nadie. Es el síndrome del patito feo: todo el mundo las ve como la variante “fea” de su propia modalidad (castellano mal hablado) ²²(Moreno - Fernández, 2009, p. 171).

Andaluzia está dividida em: oriental e ocidental, distinguindo-se por questões socioeconômicas, históricas e geográficas. A Andaluzia Ocidental inclui Córdoba, Sevilha, Huelva e Cádiz e o resto seria a Andaluzia Oriental. Assim, a parte oriental são as terras do antigo Reino de Granada e a ocidental estava nas mãos de Castela desde o século XIII. Alta Andaluzia (leste) e Baixa Andaluzia (oeste); características diferenciadoras entre os dois andaluzes: a abertura das vogais finais /e/ e /o/, quando ocorre um enfraquecimento do -s na posição final da palavra, como em [tre] tres (Moreno - Fernández, 2009, p. 166).

Os traços considerados mais característicos do espanhol da Andaluzia apresentam-se com um importante nível de variação, tanto geográfica, social e estilística, e a isto se acrescenta que a

²¹ Tradução nossa: Se for a cidade de Sevilha, o *seseo* é um fenómeno urbano da Andaluzia Ocidental, onde goza de importante prestígio, em comparação com o *ceceo*, ao qual se atribui um carácter rústico e está associado a falantes de nível sociocultural inferior. Desta forma, na Andaluzia tanto a distinção como o *seseo* têm prestígio, enquanto o *lisp* recebe a consideração negativa do uso estereotipado.

²² Tradução nossa: As línguas da Extremadura e de Múrcia têm de suportar o pesado fardo de serem línguas de trânsito: incluem elementos de muitos, mas não coincidem totalmente com ninguém. É a síndrome do patinho feio: todos os vêem como a variante “feia” da sua modalidade (espanhol mal falado).

referência culta para estas línguas do Sul da península é dupla: o próprio andaluz e o castelhano: tendência a abertura de vogais finais pela perda ou enfraquecimento da consoante final “*yeísmo generalizado*” - tendência a aspiração, assimilação, ou perda de /-s/ em final de sílaba. Tendência a perda do /-d/ sobretudo em participios. Tendência a perda de consoantes finais (-r; -l; -d; -n) *comé* -comer; *papé* - papel; *verdá* -verdad; *virge* - virgen. Presença de *seseo* e *ceceo*. Pronúncia fricativa de *che* [mu. ʃa. ʃo] - muchacho. No plano gramatical há a presença do tuteo e usos de ponderações (**Es súper interesante** lo que me cuentas/ ¡Está **increíblemente bueno** este postre!) e negações enfáticas (**¡Para nada** me gustó esa película!/ No entiendo nada de nada).

A combinação de características específicas, manifestadas de maneira particular, com frequência de uso e geografia distintas, é o que confere à fala andaluza sua identidade como uma modalidade do espanhol. Na Andaluzia Oriental, especialmente em Jaén, o som velar se transforma em uma fricativa surda, similar ao que ocorre em Castela. Por isso, dizem que em Jaén, a "terra do ronco", a pronúncia das jotas soa como um ronco. A aspiração é comum, resultando em pronúncias como *ca.ha* [caixa] ou *ha.món* [presunto]. O afrouxamento consonantal ocorre tanto em posição intervocálica quanto na final de sílaba, e esse fenômeno fônico influencia a formação dos paradigmas verbais. A frase “não sei se eles sabem” dita por um andaluz: “*no sé si lo sabe*” teria várias possibilidades, como: *no sé si (tú) lo sabe(s), si (él/ella) lo sabe, si (ustedes) lo sabe(n), si (ellos, ellas) lo sabe(n)*; não sei se (você) sabe, se (ele/ela) sabe, se (você) sabe, se (eles, eles) sabe (m). Outra característica muito comum na Andaluzia é o enfraquecimento ou perda de sílabas átonas no início das palavras: *tamo* [somos], *quillo* [menino]. Desse modo, todas essas características linguísticas se assemelham em maior ou menor grau com os países hispano-americanos.

Após a elucidação da formação do espanhol andaluz e seus traços linguísticos, é possível a reflexão a respeito das influências na formação do espanhol hispano-americano. Justamente, pelos paralelismos linguísticos que ocorrem entre essas duas regiões: “*La discusión sobre el andalucismo del español americano es centenaria y surgió precisamente porque advirtieron semejanzas entre la modalidad americana y la andaluza del español*” (Frago Gracia, 2001, p. 20). Assim, os linguistas se adentraram nas investigações criando possíveis teorias que defendessem as influências do espanhol andaluz influenciando a formação do espanhol americano, que teria ocorrido no período de colonização, ou ainda, tentando refutá-la:

La teoría andalucista, que se remonta a tiempos antiguos, se basa, pues, en la observación de que ciertas características ampliamente difundidas en toda

*Hispanoamérica se identifican con las innovaciones fonéticas presentes en las variedades meridionales de la Península. Entre estos rasgos comunes se deben mencionar los siguientes: la articulación no apicoalveolar del fonema /s/, el llamado **seseo** – por ejemplo la pronunciación de /síngo/ en vez del estándar /θínko/ –, el **yeísmo** – por ejemplo la pronunciación de /káye/ en vez del estándar /kále/ –, la **articulación debilitada**, generalmente aspirada del fonema /-s/ en posición implosiva – por ejemplo [mó^hka] en vez de [móska] –, la **confusión eventual de las consonantes líquidas /r/ y /l/** – por ejemplo la pronunciación de [kalβón] en la palabra carbón –, o la **articulación más suave, faríngea o aspirada** de la consonante representada por el grafema j – [hórhe] en vez de la pronunciación castellana de [xórxe]²³ – (Berta, 2015 - grifos nossos).*

Desse modo, dentre os pontos destacados de semelhança, temos que a articulação não apicoalveolar do fonema /-s/, o chamado *seseo*, ocorre em ambas as regiões, a característica chamada *yeísmo*, a aspiração do fonema /-s/ em posição implosiva, as confusões entre as pronúncias de /-r/ e /-l/ e o enfraquecimento ou aspiração do fonema /-j/. Porém, apesar dessas semelhanças, ainda existem críticas também a esta teoria, alguns linguistas americanos defendem que não existe uma única forma dialetal e homogênea aqui na América, pois inclusive os traços linguísticos que se compartilham entre a América e o espanhol andaluz são traços superficiais e que nem todos se estendem por todo o continente hispano falante da América. Além de também defenderem que existiram muitos colonizadores andaluzes, porém não em escala superior que os “castelhanos”:

Naturalmente, los partidarios de la teoría andalucista estaban al tanto de la fragmentación dialectal del español de América. Consideran el debilitamiento de la /-s/ final de sílaba un rasgo particular de “las tierras bajas de los países americanos” (Wagner 22-23), admiten que “como rasgos comunes a toda Hispanoamérica habríamos de limitarnos, en la fonética, a la indistinción de eses y ces o zetas; y en la morfosintaxis, a la eliminación de vosotros, os y vuestro, en beneficio respectivo de ustedes, les o los, las, y su, suyo” Tampoco se rechaza que los demás rasgos innovadores interpretados como meridionales deban ser considerados regionales, puesto que se localizan principalmente en la

²³ Tradução nossa: A teoria andaluza, que remonta à antiguidade, baseia-se, portanto, na observação de que certas características amplamente difundidas pela América Latina são identificadas com as inovações fonéticas presentes nas variedades meridionais da Península. Entre essas características comuns devem ser mencionadas: a articulação não apicoalveolar do fonema /s/, o chamado *seseo* – por exemplo a pronúncia de /síngo/ em vez do padrão /θínko/ –, o *yeísmo* – por exemplo a pronúncia de /káye/ em vez do padrão /kále/ –, a articulação enfraquecida e geralmente aspirada do fonema /-s/ em posição implosiva – por exemplo [mó^hka] em vez de [móska] –, a eventual confusão das consoantes líquidas /r/ e /l/ – por exemplo a pronúncia de [kalβón] na palavra carvão –, ou a articulação mais suave, faríngea ou aspirada da consoante representada pelo grafema j – [hórhe] em vez da pronúncia espanhola de [xórxe].

*zona del Caribe, en las Antillas, y, en general, en las costas atlánticas*²⁴(Berta, 2015).

Mas, há diversos indícios que conseguem mostrar a grande influência que a região andaluza teve na América e não somente no plano linguístico. Frago Gracia (2001), defensor da influência andaluza na América, escreve que as características andaluzas também se fazem presentes com a arte sacra, na arquitetura, na gastronomia e na organização linguística por sua vez: “ [...] *la huella dejada por las gente de Andalucía en América es perfectamente visible en la arquitectura, en e arte sacro, en la organización, en la gastronomía y, por supuesto, en la lengua*²⁵” (2001, p. 20). Assim, em seus estudos, o linguista irá traçar várias semelhanças que ocorrem entre essas variedades a fim de defender seu ponto de vista.

Fazendo uma retomada histórica, durante o período colonial a região ocidental andaluza foi a que gozou de maior domínio ultramarino, principalmente pelos anos 1510, em que eles tiveram acesso a palavras somente utilizadas na América, enquanto que os outros espanhóis demoraram muito a ter o conhecimento delas:

*[...] quede documentalmente probado el directo conocimiento que los habitantes de Sevilla tenían de tres indoamericanismos (batea, hamaca, macan), de los cuales hamaca tardaría mucho tiempo en resultar familiar a los demás españoles, para muchos de los cuales como se ha dicho batea aún es desconocido*²⁶ (Frago Gracia, 2001, p. 52).

Além do grande domínio ultramarino dos andaluzes na América, eles, juntamente com os nativos das Canárias, se estabeleceram temporariamente nas ilhas e costas do Caribe nos primeiros momentos da colonização, visando protegê-las das invasões francesas. Esse processo resultou em um maior contato linguístico, fonético e lexicográfico entre as variedades em interação.

²⁴ Tradução nossa: Naturalmente, os defensores da teoria andaluza estavam cientes da fragmentação dialetal do espanhol americano. Eles consideram o enfraquecimento do final da sílaba /-s/ uma característica particular das “terras baixas dos países americanos” (Wagner 22-23), admitem que “como características comuns a toda a América Latina teríamos que nos limitar, na fonética, à indistinção de eses e ces ou zetas; e na morfossintaxe, à eliminação de tú, os e tu, para o respectivo benefício de tú, les ou los, las, e deles, deles” Também não se rejeita que as outras características inovadoras interpretadas como meridionais devam ser consideradas regionais, uma vez que estão localizadas principalmente na área do Caribe, nas Antilhas e, em geral, nas costas atlânticas.

²⁵ Tradução nossa: A marca deixada pelo povo andaluz na América é perfeitamente visível na arquitetura, na arte sacra, na organização, na gastronomia e, claro, na língua.

²⁶ Tradução nossa: Foi documentado o conhecimento direto que os habitantes de Sevilha tinham de três indo-americanismos (batea, hamaca, macan), dos quais hamaca demoraria muito para se tornar familiar aos outros espanhóis, para muitos dos quais, como já foi dito, a batea ainda é desconhecida.

Desta maneira, as influências encontradas entre as variedades andaluza, canárias e de Extremadura, que são regiões de transição, são muito grandes aqui na América, sendo dentre elas a mais marcada, a variedade andaluza. A influência lexicográfica andaluza em território americano é um dos fatores mais marcantes de estudos e destaque na formação do espanhol da América, sendo identificadas uma grande variedade de palavras andaluzas utilizadas nas falas americanas. O livro *Tesoro léxico de las hablas andaluzas*, compilado por Manuel Alvar Ezquerro (2000), inclui mais de 38000 entradas diferentes, de palavras não incluídas no dicionário acadêmico e dentre elas, foram encontradas várias no espanhol americano:

La lista de americanismos usados en Andalucía mostraba estas palabras: aprevenir, arreado, arrevolver, atracar, banquetear, barcina, balndra, bofetón, boliche, cabezón, cabezota, camorrear, canilla, cañaduzal, carretón, cobija, contrafuego, cucharón, cuchillazo, díceres, doncella, dormida, embonar, empelotarse, encorselar, encerar, engarzar, engreir, entablar, entelerido, entabrar, esmorecer, fiambrería, frangollero, frangollón, frondío, futre, gavera, greña, guria, hechor, limosnero, llamarón, manda, marchante, molesto, montuno, mudada, negro, panatela, penca, pique, repostada, ruletero, sertaneja, sequía, sinjusticia, soberado, tablada y traste (Frago Gracia, 2001, p. 173).

Aleza e Enguita (2010) retomam o estudioso Boyd-Bowman (1964, 1968a, 1968b, 1972, 1976) que defende a influência do espanhol andaluz na América, principalmente por terem sido a maioria em muitas regiões americanas:

Este investigador comprobó que en la conquista y colonización de América los andaluces fueron mayoría relativa, y en algunas áreas estuvieron a punto de ser mayoría absoluta. Así lo muestran los datos estadísticos que reúne el autor en sus estudios. Entre los andaluces, el porcentaje de sevillanos fue extraordinariamente alto, lo que ayuda a justificar que se haya hablado de una matriz sevillana en la conformación del español atlántico²⁷ (Aleza y Enguita, 2010, p. 35).

Além desse fator, há também a grande semelhança fonética entre as regiões, como a presença americana do *seseo* e *ceceo*, igualmente ao que ocorre na região andaluza. As realizações do fonema velar /x/, a aspiração ou perda do /-s/, a neutralização de /-r,-l/, a

²⁷ Tradução nossa: Este investigador verificou que na conquista e colonização da América os andaluces eram uma maioria relativa, e em algumas áreas estavam prestes a ser uma maioria absoluta. Isso é demonstrado pelos dados estatísticos coletados pelo autor em seus estudos. Entre os andaluces, a percentagem de sevillanos era extraordinariamente elevada, o que ajuda a justificar o discurso de uma matriz sevillhana na formação dos espanhóis atlânticos.

nasalização de /-s/, o relaxamento de /x/ como /h/, o *yeísmo* ou também resultante em “/cons. + l/ > /cons. + r/, en blanco, cumprir, frecha, etc” ocorrem em ambas as regiões (Frago Gracia, 2001, p. 22).

Outro ponto fonético de semelhança entre a variante americana e a andaluza é o do fonema /-s/, que seria fricativa pré-dorsal surda, resultando no processo do *seseo* (*zezeo* - *çeçeo* das sibilantes). Para usos gramaticais, quanto aos clíticos, os pronomes átonos *la/ lo* (acusativos) e *le* (dativo) são usos recorrentes no espanhol americano, em algumas variedades e nas regiões de Canárias e Andaluzia. Quanto aos usos pronominais, as formas *tuteantes* das falas populares andaluzas, também se fazem presentes no espanhol da América:

*El pronombre ustedes, que sustituye al desaparecido vosotros, usa la tercera persona del plural, ustedes cantan, con una neutralización de la cortesía o familiaridad, también extendida por el dialecto andaluz, aunque, en este caso, la forma verbal, en las capas sociales más populares, será la segunda del plural, ustedes cantáis*²⁸(Frago Gracia, 2001, p. 115).

Desse modo, são muitos os traços linguísticos que mostram as influências da região andaluza na América. É importante destacar que não existe uma só norma nas falas do espanhol americano, é uma grande mescla de vários fatores colonizadores que ocorreram ao longo do tempo e também dos fatores de acomodação linguística por parte dos falantes aqui presentes, porém, as características em ressonância dessas variedades, americanas e andaluza, se destacam entre as outras possíveis influências.

²⁸ Tradução nossa: O pronome vocês, que substitui a falta de vós, utiliza a terceira pessoa do plural, vocês cantam, com uma neutralização de polidez ou familiaridade, também ampliada pelo dialeto andaluz, embora, neste caso, a forma verbal, nas camadas sociais mais populares, seja a segunda do plural, você cantais.

02. Os demonstrativos na língua espanhola:

Os “demonstrativos” são a própria tradução latina do termo grego “dêixis”, que, por sua vez, se manteve na terminologia gramatical, como apontado por Marine (2009). Essa classe gramatical tem “a capacidade de mostrar um objeto sem o nomear, a chamada função dêictica, é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronome” de acordo com Cunha (1986, p. 322). Dessa maneira, é utilizada para referenciar, demonstrar, apontar os signos no mundo ou no enunciado, podendo ser pessoas, objetos, ideias, acontecimentos e ainda, destacar o momento e o lugar em que se emitiu o enunciado:

Os pronomes demonstrativos, tanto em expressões dêíticas, quanto em identificar aos seus referentes, adicionam ainda certa informação relacionada com o centro dêictico: em realidade, situam algum elemento do contexto da enunciação com respeito ao lugar em que se encontra o falante²⁹ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 938 - tradução nossa).

Ao emitirmos um enunciado, assumimos a posição de centros do universo, delimitando o campo do eu, aqui e agora, que é justamente o ponto de ancoragem.

Segundo Eguren Gutiérrez (1999), a dêixis é um tipo de vínculo referencial entre certas unidades ou expressões linguísticas e representa o signo no mundo ou no universo do discurso. Por meio desse vínculo, se identificam “indivíduos” em relação com as variáveis básicas de todo ato comunicativo: o falante, o interlocutor (ou interlocutores), o momento e o lugar em que se emite um enunciado. Portanto, os dêicticos identificam entidades de primeira ordem (pessoas, animais e objetos), segunda ordem (acontecimentos, situações e estados de coisas que se produzem ou existem no mundo) e de terceira ordem (objetos intencionais como as proposições). Temos ainda os dêicticos locativos e temporais que identificam lugares, momentos e períodos do tempo. De acordo com Marine (2009, p. 31) “somente nas unidades dêíticas, o estabelecimento do referente depende crucialmente de quem produz o enunciado e de onde e quando o faz”. Essa dependência do contexto imediato da enunciação é evidenciada no uso dos dêicticos de primeira ordem, como se observa no seguinte exemplo:

²⁹ Texto original: *Los pronombres demostrativos, en tanto que expresiones deícticas, además de identificar a sus referentes, añaden cierta información relacionada con el centro deíctico: en concreto, sitúan algún elemento del contexto de la enunciación con respecto al lugar en el que se encuentra el hablante* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 938).

Dêicticos de primeira ordem:

1. “I: *puedo permitirme esa extre eeh esa extravagancia ¿no? de decir bueno / si me gusta **este** sofá / si vale doscientas mil pesetas más de lo que me puedo permitir pues me espero y me pongo cuatro mantas en el suelo y veo la tele así ¿no? / con unos cojines*” (MADR_H22_026).³⁰

Dêicticos de segunda ordem:

2. “I: *entonces / o sea desde el año pasado que he estado mala del estómago **este** verano he intentado no trabajar / estar / tranquila / y ahora estoy intentando cuando voy a clase no agobiarme*” (MADR_M12_010).

Uma das funções determinantes para que o demonstrativo seja dêitico é estar orientado egocentricamente e também destacar que os gestos corporais podem acompanhá-los, assim como o contexto em que se dá o enunciado. Como explicitado em:

3. “/ ¿tú has oído eso de que está / está cambiando el tiem po? I: *sí/ y yo también creo que sí / que lo pienso // pienso que sí porque / pff // cambios de tiempo cada vez son más extraños las estaciones // no res no respetan mucho ya su // ahora no es normal **este** tiempo ni / E: uhuh / I: en invierno ahora no llovía ni nada*” (MADR_H11_002).

Nesse enunciado, o enunciador está se referenciando ao clima atual, que está passando por mudanças e utiliza a palavra “*ahora*” para reforçar essa aproximação. Nesse exemplo, também é possível a escuta do áudio ³¹e a percepção da maior entonação ao se referir à atualidade.

Esses complementos exofóricos, ou seja, cujos valores estão fora do enunciado, se fazem muito importantes quando os dêicticos assumem o papel de aproximação afetiva do interlocutor para com o ouvinte ou também de um afastamento de desprezo, assim como a entonação assumida, caso esteja presente no campo da fala. No próximo exemplo, o informante irá utilizar dos demonstrativos para assumir um valor depreciativo, de crítica e de zombaria, como se nota em:

4. I: *de los invernaderos **esos** que hacen con tanta<alargamiento/> lona de esa <risas = "E"/> <entre_risas> tanto plástico </entre_risas> // pero<alargamiento/> / claro los hacen de una manera que<alargamiento/> eeh la los abonos o lo que sea no lo sé porque*

³⁰ A sigla possui os seguintes dados do informante: “MADR” corresponde a origem do informante, isto é, de Madri. “H” refere-se ao gênero do falante (masculino), o primeiro número “2” informa o grupo etário do entrevistado (de 35 a 50 anos) e o segundo “2”, o grupo de escolaridade (nível médio). A sequência de três números finais (032) identifica a entrevista no corpus geral do PRESEEA.

³¹ Todas as entrevistas são gravadas e disponibilizadas na íntegra na página do corpus PRESEEA. Além do acesso ao conteúdo completo, também é possível a escuta pelos trechos de análise. Dessa maneira, é possível escutar a gravação na exata parte em que está sendo analisada. Assim, é possível perceber a entonação do informante e qual a função do demonstrativo empregado, por meio da entonação e da pausa que podem ser usados.

yo // a mí me gusta mucho las plantas y desde pequeña he sembrado / y tenía allí un / unas plantas muy bonitas // de vera <palabra_cortada/> de verano y de<alargamiento/> / de eso ¿no? // sigo teniendo / <simultáneo> pero bueno </simultáneo> (MADR_M31_040).

No último exemplo, se percebe o valor irônico e depreciativo do informante para com os “*invernaderos*” porque há a presença do riso e da pausa ao completar a oração. O demonstrativo “*esos*” carrega um valor depreciativo aqui ao expressar distanciamento e, ao mesmo tempo, um certo desprezo ou crítica em relação aos *invernaderos*. Nesse caso, o falante poderia estar indicando uma percepção negativa sobre esses *invernaderos*, possivelmente em relação ao excesso de plástico ou à forma como são construídos. O uso do demonstrativo “*esos*” ressalta um afastamento emocional ou avaliativo do falante, enfatizando que os tais “*invernaderos*” não são bem vistos ou são considerados de modo desdenhoso. Também observamos em (5) o uso dos demonstrativos para aproximar o objeto referido: o entrevistador (E) questiona o informante (I) como é a sua casa atual, e como resposta, o informante utiliza da primeira série dos demonstrativos (*esta*) para se referir à casa, para trazer o sentido de proximidade:

5. E: *uhum / ¿cómo es tu casa?*

I: *¿esta?*

E: *<simultáneo> uhum </simultáneo>*

I: *<simultáneo> ¿la actual? </simultáneo> / pues yo vivo muy a gustísimo en ella*

E: *uhum / ¿cómo está distribuida?*

I: *está muy organizada*

E: *uhum*

I: *está bien planteada en cuanto a<alargamiento/> al reparto*

E: *uhum (SEVI_H22_032).*

Desse modo, o informante, ao utilizar o demonstrativo *esta*, consegue reafirmar que está se referindo a sua atual moradia, com sentido de proximidade, tanto espacial quanto temporal.

Eguren Gutiérrez (1999) divide a classe da dêixis em alguns blocos, inicialmente a dêixis de pessoa, que faz referência ao papel dos interlocutores no evento comunicativo no que se produz o enunciado, podendo ser representada pelos pronomes pessoais, os possessivos, os demonstrativos e a flexão verbal de pessoa. Como observado em (6): a informante utiliza a primeira série dos demonstrativos *esta* para se referir a ela mesma ao replicar uma pergunta de terceiros “*¿esta quién es?*”:

6. I: *¿eh? entonces recuerdo que <ruido = “tose I”/> aparte de eso / ruido = “chasquido_boca”/> tenía yo unos catorce años / usaba yo muchos pantalones de petos de colorines / del verano total*

E: *uhum*

I: y según él me vio una vez entrando por el <vacilación/> por un bar // y dijo <cita> ¿esta quién es? </cita> / con el pelo muy largo como mi C

E: ajá

I: y dijo <cita> esa mujer es la hermana de F </cita> / de un hermano mío / de R / <cita> pues vaya no sé qué no sé cuánto </cita> / y empezó a comentar / pero ya no nos vimos a ver <ruido = “carraspea I”/> hasta que no empezó con mi vecina (SEVI_M21_018).

Portanto, o demonstrativo foi empregado para representar um pronome pessoal e identificar um dos interlocutores. Além de utilizar, em um segundo momento, a segunda série *esa* para se referir a ela mesma, porém com um maior grau de distanciamento físico.

Em seguida, temos a dêixis espacial que codifica a localização relativa dos elementos do contexto da enunciação, em que comumente são utilizados os deícticos espaciais, os demonstrativos, certos advérbios e frases preposicionais com significado locativo e alguns verbos de movimentos. No fragmento (7), se vê o uso do demonstrativo “*esta*” como dêitico de 1º série para indicar uma localidade no espaço e de maneira que esteja próxima ao informante:

7. I: hay / claro que hay / como en todos los barrios / hay / pero bueno // mmm yo no vivo alrededor de ella / o sea yo vivo en zona<alargamiento/> muy tranquila

E: uhum

I: pero / siempre se escucha que hay

E: ¿has escuchado de algún caso de<alargamiento/>?

I: sí / últimamente / hace una semana cogieron aquí

E: ah ¿sí?

I: mmm dos chavales que venían cargados con tabaco de contrabando / todo el maletero lleno <simultáneo> y<alargamiento/> </simultáneo>

E: <simultáneo> ¡venga ya! </simultáneo>

*I: y los cogió / los venía siguiendo la policía nacional / aquí en la calle **esta** (SEVI_H21_006).*

O informante utilizou da primeira série dos demonstrativos para identificar espacialmente a rua a qual ele estava se referindo, e também para indicar proximidade da mesma, pois é sua rua de residência atual. Utilizou também o adjunto adverbial *aquí* para reforçar a ideia de que está próximo ao referido.

A dêixis temporal, por sua vez, situa o descrito no discurso em relação com o momento que tem lugar no evento comunicativo, em que se utilizam alguns determinados verbos e frases nominais e preposicionais com valor temporal, assim como a conjugação verbal. Como analisado em (8): a informante compara ter um bom posto de trabalho, atualmente, a ter ganhado na loteria:

8. I: <tiempo = “14:43”/> y relacionado / algunas cosas / que<alargamiento/> / bueno / que el trabajo me gusta / ¿no? / y<alargamiento/> / además / con la situación económica que está<alargamiento/> / mmm / pasando España / que los jóvenes que estamos

licenciados no conseguimos / ninguna oportunidad ni ningún trabajo / estable / pues que me hayan<alargamiento/> / concedido esto / es para mí <vacilación/> / para mí es como si me hubiera tocado la lotería <risas = “I”/> / y estoy hablando de un puesto de trabajo
E: uhum

*I: que / bueno / que durará cuatro años / que está muy bien / pero que s<palabra_cortada/> / que sí / que pensamos así / que tener un puesto<alargamiento/> de trabajo con una<alargamiento/> relativa estabilidad / en<alargamiento/> **esta** época / eh<alargamiento/> / mmm / en **estos** momentos / es un<alargamiento/> / es una lot<palabra_cortada/> / vamos / una lotería / una bendición (SEVI_M13_064).*

A informante se utiliza de dois demonstrativos da primeira série (*esta* e *estos*, respectivamente) para indicar a temporalidade atual dos fatos: *esta época* e *estos momentos*.

Eguren Gutiérrez (1999) também divide essa classe entre os dêiticos transparentes ou completos (p. 935), que incluem os elementos *yo, tú, ahora, hoy, ayer, mañana*, e os dêiticos opacos ou incompletos (p. 940), sendo eles *él, este, aquí, entonces, así* ³².

A gramática Real Academia Española (online)³³ define os dêiticos transparentes como determinantes ou referentes denotados, empregando um único tipo de situação possível e seu referente não pode se alterar por meio de um gesto, o qual não quer dizer que não pode ser reforçado por meio deles. Já os dêiticos opacos, com a sua mera enunciação, não garantem a exata definição do referente, uma vez que é possível a referência a distintos elementos da situação de enunciação e podem alterar a referência por meio de gestos. RAE também nomeia de *Deixis ad oculos* ou deixis sensível (*sensible*):

Se suele distinguir entre elementos dêiticos OPACOS, que pueden requerir información gestual para identificar el referente, y elementos dêiticos TRANSPARENTES, que apuntan por sí mismos de modo inequívoco a las entidades a las que refieren. El pronombre personal yo es un buen ejemplo de dêitico transparente, ya que es capaz de identificar su referente (el hablante) sin necesidad de gesto alguno. En cambio, la mera enunciación del pronombre él no garantiza la identificación del referente³⁴ (Rae [en línea], 2019).

Eguren Gutiérrez (1999) exemplifica a classe dos dêiticos opacos em (J):

³² Tradução nossa: eu, você, agora, hoje, ontem, amanhã / ele, este, aqui, então, assim.

³³ Nueva gramática de la lengua española [en línea], <https://www.rae.es/gramática/sintaxis/introducción-el-concepto-de-deixis-los-demostrativos-como-expresiones-deícticas>. [Consulta: 28/03/2025].

³⁴ Tradução nossa: Geralmente é feita uma distinção entre elementos indexicais opacos, que podem exigir informações gestuais para identificar o referente, e elementos indexicais transparentes, que apontam inequivocamente para as entidades a que se referem. O pronome pessoal “eu” é um bom exemplo de dêitico transparente, pois é capaz de identificar seu referente (o locutor) sem a necessidade de qualquer gesto. Por outro lado, a mera enunciação do pronome ele não garante a identificação do referente.

- J.
- a. *Quiero eso, no eso;*
 - b. ***Esto*** no me está gustando nada;
 - [...]
 - c. – *Dame el martillo;*
 - *¿No irás golpear-me con eso?* ;
 - d. ***Estooo...***
 - ¿Qué os estaba diciendo?*
 - e. – *Los elefantes vuelan;*
 - ***Eso*** no es verdad (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941).

Os dêiticos transparentes ou completos Nessos exemplos, Eguren Gutiérrez utiliza a forma neutra dos demonstrativos para explicar os dêiticos opacos, com a justificativa de que são demonstrativos flexíveis e que podem se referir a diversas entidades: “*De entre los pronombres demostrativos, son especialmente flexibles los neutros debido a su capacidad para referirse a entidades de diverso orden (objetos, acciones y situaciones, proposiciones, etc)*”³⁵ (p. 941). Assim, nas frases supracitadas, o autor exemplifica que essa classe dêitica não é completa de sentido, pois precisa de contexto para sua total compreensão. Em adição, os dêiticos opacos são os únicos que podem ser empregados anaforicamente, como se observa em (J) no exemplo de letra b “*esto no me está gustando nada*”, o demonstrativo *esto* introduz o assunto a ser referenciado, portanto, função catafórica.

Por fim, Eguren Gutiérrez (1999) ainda divide a classe dos dêiticos locativos ou temporais em dêixis primária, que leva em consideração o contexto físico e real dos referentes, e também em dêixis secundária, ou chamada de deixis emocional ou empática, que irá implicar em uma reinterpretação da dimensão espaço-tempo. Como podemos analisar em:

- K. Deixis primária: *Esta mañana yo estudié, fui al parque y leí un buen libro.*
- L. Deixis secundária: *En 2010, yo hice un viaje muy especial con buenos amigos, vivimos buenos momentos. Estos días no vuelven más*³⁶.

³⁵ Tradução nossa: Dentre os pronomes demonstrativos, os pronomes neutros são especialmente flexíveis devido à sua capacidade de se referir a entidades de diferentes ordens (objetos, ações e situações, proposições, etc.).

³⁶ Tradução nossa:

Deixis primária: Esta manhã estudei, fui ao parque e li um bom livro.

Deixis Secundária: Em 2010 fiz uma viagem muito especial com bons amigos, vivemos bons momentos. Esses dias não voltam novamente.

Desse modo, em (K) notamos que o demonstrativo segue o uso real da temporalidade, enquanto que (L) ocorre uma aproximação de um passado distante, a fim de torná-lo mais presente, por conta da afeição do momento vivido.

Alarcos Llorach (1970), aborda a função da *deixis* que os demonstrativos podem assumir, como indicação da situação referida no espaço ou no tempo. Nesse ponto, as referências dos demonstrativos são paralelas às dos pronomes pessoais, unidades que efetuam também uma *deixis* e que distinguem “primeira pessoa” (eu como o falante se designa a si), “segunda pessoa” (você como o falante se designa ao ouvinte) e “terceira pessoa” (ele como o falante designa tudo o que não são dos participantes diretos da enunciação). “*Ahora bien, la situación que señalan los demostrativos no es objetivamente absoluta, sino resultado de la perspectiva subjetiva de cada hablante*”³⁷. (p. 303). O linguista ressalta que a escolha do demonstrativo, nesse caso, se orientará pelo interesse do falante e do ouvinte:

As particularidades de uma situação linguística são muito variadas, e assim o falante pode englobar em uma só zona comum o interessante para ele e para o ouvinte. Então, este situará o referido na imediatez dos interlocutores, e os outros dois demonstrativos mostrarão posições menos ou mais afastadas deles ³⁸ (Alarcos Llorach, 1970, p. 304 - Tradução nossa).

Alarcos Llorach (1970) propõe a seguinte organização do sistema pronominal dêitico: *yo: este / tú: ese / él: aquel*, sendo a divisão clássica ternária. Mas também, propõe outra divisão: *yo + tú: este / él: ese y aquel*. Essa *deixis* foi nomeada por Bühler por *deixis ad oculos*. Sendo assim, uma segunda norma é apresentada, em que quando a referência estiver próxima ao falante e ao ouvinte, o sistema ternário será reduzido a um binário: o demonstrativo utilizado para aproximar o referente do enunciador (*yo*) ou enunciatário (*tú*) será a primeira classe (*este*), enquanto que a segunda (*ese*) e a terceira (*aquel*) serão utilizadas para situações que estão distante de ambas as pessoas do discurso. Como analisamos em (6): o informante faz um contraponto entre o seu bairro de residência atual, utilizando a primeira série dos demonstrativos, com o bairro que ele morava quando era mais jovem, o referenciando com a terceira série dos demonstrativos:

³⁷ Tradução nossa: Agora bem, a situação que apontam os demonstrativos, não é objetivamente absoluta, mas sim o resultado da perspectiva subjetiva de cada falante.

³⁸ Texto original: *Las particularidades de una situación lingüística son muy variadas, y así el hablante puede englobar en una sola zona común lo interesante para él y para el oyente. Entonces, este situará lo referido en la inmediatez de los interlocutores, y los otros dos demostrativos señalarán posiciones menos o más alejadas de ellos* (Alarcos Llorach, 1970, p. 304).

9. E: *uhum / uhum / ¿has vivido siempre<alargamiento/> en este barrio?*

I: *no / me crié<alargamiento/> en el barrio de Madre de Dios*

E: *¿y qué tal? / ¿ves la diferencia entre?*

I: *no tiene nada que ver*

E: *no tiene nada que ver ¿no?*

I: *no tiene nada que ver // es que tampoco tiene nada que ver la época*

E: *uhum*

I: *aquel* *barrio* *cuando yo me criaba / que tenía ocho nueve años / era un barrio muy bonito y muy bueno de trabajadores también* (SEVI_H21_006).

Desse modo, os bairros em destaque são dois pontos referenciais já conhecidos e identificados pelo interlocutor, portanto, se encaixam na *deixis ad oculos*, e são indicados segundo a proximidade. Portanto, o bairro atual é destacado com a primeira série dos demonstrativos: “*en este barrio*” (neste bairro), pelo entrevistador, e a terceira série dos demonstrativos é usada para indicar o bairro de residência passada, de outra época: “*aquel barrio cuando yo em criaba*” (aquele bairro quando eu me criava), por parte do informante.

Há ainda algumas expressões dêiticas com o uso “textual ou discursivo”, isto é, se usam em um enunciado para se referir a uma expressão linguística ou a alguma porção do discurso em que se insere dito enunciado, como no exemplo dado por Eguren Gutiérrez (1999, p. 937) *Eso que acabas de decir no tiene ni pies ni cabeza*.³⁹ Esse é um exemplo de dêixis, pois referencia algo dito anteriormente. Assim como Santos (2022, p. 47) destaca: “A dêixis textual é o uso do próprio texto para apontar outras porções dele. A palavra ou expressão dêitica pode se referir a uma porção textual espalhada no discurso.” Essa função, por retomar partes do texto já ditas, se assemelha à função anafórica que os demonstrativos também podem assumir. Cavalcante (2000) mostra essa hibridez:

Tendo em vista apenas a dimensão referencial do signo, dêiticos e anafóricos poderiam caber perfeitamente num único grupo semântico: aquele que desempenha a função de designar uma entidade. No fundo, seriam todos “indicadores de referencialidade” (Benveniste, 1988 *apud* Cavalcante, 2000). A diferença seria apenas uma questão de grau: enquanto o dêitico mostra o elemento numa situação real de comunicação, a anafórica o lembra, ou representa-o, associando-o a um contexto já enunciado (Cavalcante, 2000, p. 35).

A autora diferencia o uso dêitico do uso anafórico ao indicar que apenas os dêiticos textuais ou discursivos podem estabelecer um vínculo entre o enunciado e a situação enunciativa relacionada às pessoas do discurso, caracterizando-os como indicadores de subjetividade. Assim,

³⁹ Tradução nossa: Isso que você acaba de dizer não tem nem pé, nem cabeça.

eles se enquadram na referenciação exofórica, ou seja, na referência situacional. Por outro lado, a classe da anáfora representa uma continuidade textual, se encaixando em outra referenciação, a chamada de endofórica, que seria a retomada ao que está no texto, assim como Santos (2022) explicita:

A anáfora está relacionada a uma continuidade, há uma progressão referencial. Constitui um importante elemento para o estabelecimento da coerência e coesão textual, evitando, por vezes, a repetição de um mesmo termo. Ela retoma objetos do discurso já mencionados explicitamente ou não pode também apresentá-los (Santos, 2022, p. 45).

Desse modo, a referenciação endofórica pode ser dividida entre anáforas ou catáforas, as quais apresentam o mesmo referente a outro termo ou expressão que já apareceu anteriormente, ou que aparecerá depois, no discurso. “A anáfora discursiva é um procedimento de acesso a uma representação mental que faz parte de uma representação discursiva” (Marine, 2009, p. 41). A anáfora, por sua vez, é compreendida como um referenciador ao que acabou de ser dito, enquanto que a catáfora, ao que será dito em seguida (Marine, 2009, p. 41). Como se observa nos seguintes exemplos (10) e (11) para anáfora e catáfora, respectivamente:

10. I: <tiempo = “39:37”/> en aquella época se podía <vacilación/> se podía hacer así ¿no? / y<alargamiento/> y no sé / podía haber hecho cualquiera / me gustaba medicina pero me daba un poquito miedo porque <vacilación/> porque las ciencias<alargamiento/> me resultaban mmm más difíciles y<alargamiento/> no sé / tampoco / mi familia me<alargamiento/> me podía ayudar mucho a tenerlo claro / y tenía<alargamiento/> un grupito de dos o tres amigas que <vacilación/> que decidimos meternos en Filosofía y Letras y nos metimos las cuatro en Filosofía y Letras / pero / tampoco es que yo tenía claro / me gustaba mucho las letras / me gustaba mucho la lengua / me gustaba mucho eh los idiomas / me gustaba mucho<alargamiento/> / la<alargamiento/> la historia / el arte // entonces bueno / pues más o menos **esas** asignaturas las tenía (SEVI_M33_071).

11. E: ¿por <vacilación/> por qué te gusta el invierno?

I: porque la calor<alargamiento/> es insoportable / para dormir<alargamiento/> y para todo / en invierno te echas cuatro mantas se te quita / la calor cuando te quitas tres chalecos ¿qué te quitas? / sigues teniendo <simultáneo> calor </simultáneo>

E: <simultáneo> claro </simultáneo>

I: calor es<alargamiento/> / no se pude salir a la calle / con la calor que hace te da un chungo / da dolores de cabeza / el agobio de tu casa encerrado / parece que estás aprisionado

E: uhum

I: y en invierno / calentito / te pones a ver una tele <vacilación/> / la tele y cualquier cosa y se te pasa

E: uhum

*I: lo único que pasa es **eso** / que tienes frío / y ya está / <simultáneo> pero te echas en lo alto una manta </simultáneo> (SEVI_H11_002).*

No exemplo (10) o demonstrativo da segunda série foi empregado para retomar as disciplinas escolares que a informante havia enumerado, por isso, função anafórica. Já em (11), o informante utiliza também da segunda série para introduzir sua constatação da situação discursiva, portanto, utiliza o demonstrativo para explicar o que será dito, assim, função catafórica.

Portanto, ao retomar termos em uma oração já realizada, a anáfora permite que um pronome demonstrativo, em lugar de um pronome pessoal, retire a ambiguidade na interpretação de algumas orações:

Uma construção frequente na prosa ensaística e na narrativa, ainda que estranha na língua coloquial, consiste em utilizar os demonstrativos da série aquel para se referir ao mais distante de dois possíveis antecedentes em um texto e os demonstrativos da série este para se referir ao que está mais próximo⁴⁰ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942 - tradução nossa).

Eguren Gutiérrez (1999, p. 945) exemplifica essa função dos demonstrativos em (M):

M.

- a. Juan y Pedro no se entienden porque él no es de izquierda;*
- b. Juan y Pedro no se entienden porque **este** no es de izquierda;*
- c. Juan y Pedro no se entienden porque **aquel** no es de izquierda.*

Como apontado pelo autor, a primeira frase apresenta ambiguidade, pois não era possível afirmar a qual dos dois nomes se estava fazendo referência em não ser de esquerda. Já substituindo o pronome pessoal *él* pelos demonstrativos *este* ou *aquel*, se retomam os nomes. Para *este*, se retoma o último nome descrito, portanto, *Pedro*, e ao optar por *aquel*, se retoma o primeiro escrito, mais distante, assim, *Juan*.

Os gramáticos e linguistas costumam designar a primeira série dos demonstrativos para a função anafórica:

Este parece funcionar especialmente bem como anáfora em uma mesma oração se lhe precedem ao menos duas frases referenciais, demaneira que o

⁴⁰ Texto original: *Una construcción frecuente en la prosa ensayística y en la narrativa, aunque extraña en la lengua coloquial, consiste en utilizar los demostrativos de la serie de aquel para referirse al más distante de dos posibles antecedentes en un texto y los demostrativos de la serie de este para referirse al más cercano* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

demonstrativo seja correferente com a frase referencial mais próxima na linha temporal do discurso⁴¹ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 944 - tradução nossa).

Porém, o autor ainda complementa que existe um predomínio da primeira série tanto para anáfora, quanto para catáfora, mas, habitualmente, nos diálogos, se utilizam a segunda série dos demonstrativos para referenciar ao que foi dito pelo interlocutor. Como podemos observar em (12):

12. I: *me gustaría tener más <vacilación/> más horas de las que tengo*

E: *<simultáneo> uhum </simultáneo>*

I: *<simultáneo> porque </simultáneo> se gana menos*

E: *claro*

I: *me gustaría tener un trabajo con muchas más horas*

E: *sí pero ahora como está <simultáneo> la cosa </simultáneo>*

I: *<simultáneo> claro </simultáneo> por eso / es lo único que cambiaría / porque yo estoy contento con mi trabajo / porque gracias a Dios con lo que hay / pero que me gustaría tener <vacilación/> cambiaría **eso** / que tuviera muchas más horas para trabajar (SEVI_H11_002).*

O informante em (12) utiliza a segunda série dos demonstrativos para retomar o que ele disse inicialmente a respeito do que gostaria de mudar no seu trabalho. Em resposta, ele aponta que apenas gostaria de ter mais horas para trabalhar, retomando ao final com *eso*.

Allarcos Llorach (1970) também distingue o uso de *este* e *aquel* na função anafórica com propósito de desambiguar. De modo que o demonstrativo da segunda série *ese* aparece como neutralizador de ambos (quando não importa sinalizar a polarização das referências): “*Lo mismo en las referencias anafóricas: Eso que acabas de decir no me convence mucho. Pero si es preciso distinguir entre dos menciones previas precedentes, volverá a utilizarse la oposición este/aquel*”⁴² (p. 305). O que não ocorre, por sua vez, na função catafórica, pois nesta o uso seria exclusivo da primeira série dos demonstrativos.

Após a explicação das funções que os demonstrativos podem assumir, apresentamos a classe dos demonstrativos:

São pronomes demonstrativos em espanhol as formas este, ese, aquel (masc. sing.), esta, esa, aquella (fem. sing.) e esto, eso, aquello (neut.). Os demonstrativos masculinos e femininos funcionam como determinantes e como

⁴¹ Texto original: *este parece funcionar especialmente bien como anáfora dentro de una misma oración si le preceden al menos dos frases referenciales, de manera que el demostrativo sea correferente con la frase referencial más próxima en la línea temporal del discurso* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

⁴² Tradução nossa: O mesmo nas referências anafóricas: Isso que acaba de dizer, não me convence muito, Mas, se é necessário diferenciar entre duas menções previas precedentes, voltará a utilizar a oposição *este/aquel*.

*pronomes, enquanto que os demonstrativos neutros são exclusivamente pronominais*⁴³ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 938).

Os pronomes demonstrativos, assim, podem flexionar em número e gênero, enquanto que as formas neutras mantêm o gênero neutro e o número singular. Os pronomes demonstrativos identificam entidades no mundo real, bem em mundos possíveis.

Porém, assim como muitos estudos apontam, essa divisão dos demonstrativos é difusa desde o Latim Clássico e permaneceu no Latim vulgar, em que algumas situações se utilizavam da segunda série, quando se previa a primeira série, nos termos de Marine (2009):

É interessante destacar que, embora a tradição normativa aponte, desde o Latim Clássico, para um sistema ternário dos pronomes demonstrativos, o uso, em contrapartida, aponta para um sistema binário. Por isso, apesar de estar previsto no português Arcaico um esquema tripartido na estrutura da língua, a verdadeira expressão desses pronomes ocorre por meio de um esquema bipartido representado pela oposição *este* vs *aquela*, herdado, provavelmente, do Latim Vulgar (Marine, 2009, p. 59).

Também se pode observar a expressão de distanciamento e desprezo proposital em um discurso, em que normalmente se utilizam da segunda pessoa e/ou série dos demonstrativos para indicar algo que se despreza. Em (13), o entrevistado é um homem sevilhano, ele utiliza a segunda série dos demonstrativos para se referir ao então presidente *Donald Trump*, visando se afastar do referido para criticá-lo:

13. *E: ahora me vino a la mente lo de un <vacilación/> / habrás visto en la tele ¿no? que Trump ha firmado eso de<alargamiento/> de <risas = “E”/>*

*I: <ruido = “resoplido”/> el Trump ese es un personaje bueno / yo no sé todavía cómo ha ganado **ese** tío / pero bueno <risas = “E”/>*

E: <risas = “E”/> lo que nos espera

I: a nosotros y a los mexicanos los pobres / también

E: sí sí sí sí

I: con el muro que va a hacer / parece que va a volver otra vez a la época de Hitler (SEVI_H11_002).

Desse modo, o informante utiliza a segunda série para fazer referência ao presidente e se mostra espantado como ele pôde assumir o cargo. O valor de desprezo se intensifica com a

⁴³ Texto original: *Son pronombres demostrativos en español las formas este, ese, aquel (masc. sing.), esta, esa, aquella (fem. sing.), estos, esos, aquellos (masc. pl.), estas, esas, aquellas (fem. pl.) y esto, eso, aquello (neut.). Los demostrativos masculinos y femeninos funcionan como determinantes y como pronombres, mientras que los demostrativos neutros son exclusivamente pronominales* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 938 - tradução nossa).

palavra empregada para se referir ao Trump, “tío”, que poderia ser traduzido por “homem / um cara qualquer”:

O demonstrativo de proximidade este onde deveria usar ese o aquel, para dar um valor afetivo, ou para aproximar subjetivamente algo que está afastado no tempo ou no espaço, ou talvez para expressar um maior grau de implicação com a situação. Ou substituir este por ese em sinal de distanciamento, dando lugar a ocasiões que são chamadas de ese despectivo, etc⁴⁴ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941- tradução nossa).

Para além desse tema de dêixis e anáfora, também há as formas fixas e os operadores conversacionais que ocorrem em algumas variedades do espanhol. Por exemplo, os usos não dêíticos e não anafóricos dos demonstrativos são as “muletillas”, como *estooo/ esteee* (habitual em boa parte de hispanoamérica), assim como as locuções e as fórmulas fixas. Locuções: *eso que* (valor concessivo); *esto es (es decir)* e *en eso/esto/estas* com significado de *entonces*. Algumas outras fórmulas fixas, porém, menos recorrentes: *en esa estamos? / con que esas tenemos? no me vengas con esas!; ni por esas!; esa es otra!; Mario tiene su aquel!* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

Em conclusão, os demonstrativos desempenham um papel multifacetado na linguagem, não apenas indicando proximidade ou distância no espaço e no tempo, mas também refletindo nuances emocionais e atitudes sociais. Além de sua função básica de destacar e especificar elementos no discurso, eles podem expressar afeto, desprezo ou enfatizar pontos de vista de forma enfática. Como demonstrado pelas diferentes formas de utilização dos demonstrativos em diversos contextos e frases fixas, sua flexibilidade linguística permite que eles comuniquem não apenas informações objetivas, mas também transmitam sentimentos e atitudes subjacentes, enriquecendo assim a comunicação humana. O quadro 03 sistematiza os valores explicitados nessa seção com uma breve descrição:

⁴⁴ Texto original: *El demostrativo de cercanía este donde deberían usarse ese o aquel, bien con un valor afectivo, bien para acercar subjetivamente algo que está lejano en el tiempo o en el espacio, o quizás para expresar un mayor grado de implicación en la situación. O sustituye este por ese en señal de distanciamento, dando lugar en ocasiones a lo que se ha llamado el ese despectivo, etc* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941).

Quadro 3 - Valores demonstrativos

Valores	Definições
Dêíticos	A dêixis é um tipo de vínculo referencial entre certas unidades ou expressões linguísticas, que representa o signo no mundo ou no universo do discurso, por meio do qual se identificam “indivíduos” em relação com as variáveis básicas de todo ato comunicativo: o falante, o interlocutor (ou interlocutores), o momento e o lugar em que se emite um enunciado (Eguren Gutiérrez, 1999).
Anafóricos	Os anafóricos são referenciadores textuais de algum termo ou porção do texto que já foi dito.
Catafóricos	Os catafóricos são referenciadores de algum termo ou porção do texto que será dito.
Valores afetivos/ depreciativos	Os demonstrativos, também, podem ser usados para aproximar afetivamente o referente do interlocutor ou, ainda, podem afastá-lo em tom de desprezo.
Formas Fixas	Os demonstrativos podem aparecer em locuções, tais como: <i>eso que</i> (valor concessivo); <i>esto es</i> (<i>es decir</i>) e <i>en eso/esto/estas</i> con significado de <i>entonces</i> .
Operadores conversacionais	Os operadores conversacionais são as “muletillas”, como <i>estooo/ esteee</i> (habitual em boa parte de hispanoamérica).

Fonte: da autora.

2.1. Os demonstrativos numa viagem do tempo: do latim clássico ao espanhol atual:

Para compreender com mais profundidade a organização e também as funções que os demonstrativos podem assumir, é importante retomar como eles foram sistematizados desde o latim clássico e as modificações que foram surgindo ao longo do desenvolvimento das línguas. A partir de tais conhecimentos, podemos repensar os usos de cada uma das séries dos

demonstrativos e também algumas variações que comumente acontecem, as quais muitas gramáticas não identificam ou escrevem, que ocorrem apenas no espanhol latino-americano.

Ao retomar a época latina clássica, observamos que o sistema demonstrativo já possuía três séries relacionadas às pessoas do discurso, que eram: *hic/iste/ille*:

Quadro 04 - Demonstrativos latim clássico

Pessoa do discurso	Demonstrativos			Funções
1º pessoa	<i>hic</i> (este)	<i>haec</i> (esta)	<i>hoc</i> (isto)	Função dêitica / fórica ⁴⁵ .
2º pessoa	<i>iste</i> (esse)	<i>ista</i> (essa)	<i>istud</i> (isso)	Função dêitica / fórica e função enfática (sentido negativo).
3º pessoa	<i>ille</i> (aquele)	<i>illa</i> (aquela)	<i>illud</i> (aquilo)	Função dêitica / fórica e função enfática (sentido positivo).

Fonte: da autora adaptado de Marine, 2009.

Também tínhamos no Latim Clássico uma classe de três pronomes destinados como demonstrativos de identidade, que são aqueles que indicam identidade de seres e ideias que já foram expressos anteriormente no texto:

⁴⁵ “Alguns autores preferem denominar como uso fórico o que Halliday e Hasan (1976) chamam de uso endofórico, já que o sentido da referência contextual pode ser, como acabamos de observar, ambivalente; afinal, tal referência tanto pode ser relativa a um antecedente (anafórica), como a um conseqüente (catafórica). Neste sentido, teríamos uma distinção do uso referencial marcada pela oposição exofórica vs. fórica” (Marine, 2009, p. 41).

Quadro 05 - Demonstrativos de identidade latim clássico

Pessoa do discurso	Demonstrativos			Funções
1º pessoa	<i>is</i> (este)	<i>ea</i> (esta)	<i>id</i> (isto)	Empregado como anafórico ou catafórico.
2º pessoa	<i>ipse</i> (esse)	<i>ipsa</i> (essa)	<i>ipsum</i> (isso)	Tipicamente enfático.
3º pessoa	<i>idem</i> (aquele)	<i>eadem</i> (aquela)	<i>idem</i> (aquilo)	Tem caráter fórico e enfático, não só faz referência a algo já referido como reforça.

Fonte: da autora.

Contudo, iniciou-se uma realocação dos demonstrativos, uma vez que o *hic* substituiu o pronome demonstrativo relativo à 2ª Pessoa na função de determinante, em função adjetiva, em que se usava o pronome *is*, na época do Latim Clássico. O demonstrativo determinante é aquele que está sempre acompanhado de um substantivo para o especificar em um sintagma nominal. Esse tema será aprofundado nas seções a seguir:

Houve um deslocamento de *hic* que desapareceu completamente antes mesmo do fim do latim. Resistiram as formas *iste* e *ille* como representantes dos pronomes demonstrativos, configurando-se assim um sistema pronominal binário. Devido à tendência que a língua tem de conservar as distinções, o sistema tripartido dos demonstrativos se repôs. Para isso, recorreu ao pronome enfático *ipse*, que passou a ocupar o lugar de *iste*, como podia ser observado no latim vulgar (Dos Santos, 2014, p. 16).

Portanto, a forma estabelecida no latim vulgar foi:

Quadro 06 - Demonstrativos latim vulgar

Pessoa do discurso	Demonstrativos		
	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
1ª pessoa	<i>iste</i> (este)	<i>haec</i> (esta)	<i>hoc</i> (isto)
2ª pessoa	<i>ipse</i> (esse)	<i>ista</i> (essa)	<i>istud</i> (isso)
3ª pessoa	<i>ille</i> (aquele)	<i>illa</i> (aquela)	<i>illud</i> (aquilo)

Fonte: do autor.

Portanto, com o desaparecimento de *hic* na 1ª pessoa do discurso, *iste*, que originalmente se estabelecia na 2ª pessoa, precisou deslocar-se para a 1ª pessoa. Assim, a 2ª pessoa foi preenchida por *ipse*, enquanto a 3ª pessoa manteve a forma *ille*, conforme mostrado no quadro número 06.

Isso se deu também por razões métricas entre os poetas por conta do seu diferente valor vocálico. Com essa realocação do *hic*, resta apenas a dualidade entre o *iste* e o *ille*. Desse modo, a fim de tentar reconstruir esse sistema ternário, passam a utilizar o pronome de identidade *ipse* para a função da segunda pessoa do discurso, resultando em: *iste / ipse/ ille*. O *ipse* se manteve conservado na língua espanhola, português, catalão, sardo e italiano.

Ainda assim, o sistema demonstrativo apresentava variações na modalidade falada e também na escrita, portanto, começaram a se procurar por reforços (Marine, 2009). O primeiro deles, e o mais simples, foi a aglutinação de vários demonstrativos, como: *ipsa*, *ista* e *lege*. O *ipse* e o *ille* reforçados somente se usavam em acusativo. Os demonstrativos representam um caráter de fidelidade ao latim. No espanhol antigo se encontrou a forma *est*, ainda que muito pontualmente. Na língua dos leonês se encontrou as formas *ista* e *istos*. Os demonstrativos tiveram bastante influência analógica da declinação do relativo. Após a assimilação de *-ps*, se encontrou a *-s* surda, com grafia de *-ss*, resultando em espanhol a forma *ese* com seus correspondentes. Os demonstrativos se derivam das formas nominativas latinas, e formam seus plurais do acusativo plural latino:

O Latim vulgar tendeu a desenvolver uma tríplice oposição entre os pronomes demonstrativos, em que *iste* marcava proximidade da pessoa que fala, *ipse*, proximidade da pessoa a quem se fala - embora com um sentido menos definido e menos rigorosamente ligado à 2ª pessoa - e *ille* - fazia referência a uma posição remota (Marine, 2009, p. 54).

Desse modo, é possível perceber a heterogeneidade que já ocorria nessa classe gramatical desde o Latim Clássico e também a percepção de traços de redução desse sistema, passando de um sistema ternário para um sistema binário. A relação entre o próximo/distante era o que permanecia e que por vezes é decorrente atualmente na língua espanhola, em que a primeira e a segunda série se diversifica quanto aos usos e são neutralizadas dando origem a um sistema binário: i) *este/ese* vs *aquel*; ii) *este* vs *ese* ou ainda iii) *este* vs *aquel*. Assim, se nota que a binaridade que perpassa por essa classe gramatical não é algo recente e tampouco apenas do espanhol peninsular:

[...] se o ipse marca um sentido menos definido em comparação à relação *iste* vs. *ille* presente no Latim Clássico, na verdade, a real oposição entre os demonstrativos no Latim Vulgar era, provavelmente, *iste* vs. *ille*. Assim, a forma *iste* no Latim Clássico provavelmente já estava perdendo seu valor referencial relativo à segunda pessoa, o que a teria levado a assumir o lugar de 1a. pessoa no Latim Vulgar, ficando ipse para as referências de 2a. pessoa. Essa possível tentativa de resgatar o sistema ternário não teria se consolidado, de acordo com a hipótese de Marine (2004), pelo fato de ipse marcar um sentido menos definido em comparação a *iste* vs. *ille*. Logo, o verdadeiro uso dos pronomes demonstrativos em Latim Vulgar era *iste* vs. *ille*, originado de uma variação do sistema pronominal terciário do Latim Clássico que, no uso, mostrava-se binário (Marine, 2009, p. 56).

Eguren Gutiérrez (1999), ao descrever os demonstrativos, também descreve alguns possíveis traços de variação quanto aos usos desse sistema dito a princípio como ternário. No espanhol americano, por exemplo, o linguista escreve que se tende a substituir *aquel* por *ese*, resultando em um sistema binário. Por outro lado, tanto na chamada *deixis am phantasma*, como nos usos temporais e anafóricos dos demonstrativos, o sistema se simplifica: se utilizam *este* y *aquel* para expressar, respectivamente, o que está próximo e o que está distante do falante, e o demonstrativo *ese* ou não se emprega, ou fica neutralizado. Além disso, o lugar em que se encontra o falante também é relativa, sendo essa uma das funções mais recorrentes da classe, a função de deixis. Sendo assim, os pronomes demonstrativos são unidades dêiticas opacas: requerem informações gestuais ou contextuais adicionais para identificar com precisão o seu referente. Por ser uma distância relativa e flexível, permite a aparição da dêixis empática o emocional. Muito presente na língua coloquial:

O demonstrativo de proximidade *este* onde deveria se usar *ese* ou *aquel*, bem como com um valor afetivo, bem como para aproximar subjetivamente algo que está afastado no tempo ou no espaço, ou talvez para expressar um grau maior de

implicação na situação. Ou substitui *este* por *ese* em sinal de distanciamento, dando lugar em ocasiões ao que foi chamado de ‘*ese despectivo*’, etc ⁴⁶(Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941- tradução nossa).

Assim, quando o interlocutor quer trazer a noção de mais intimidade, mais afeto ou aproximar a situação que está sendo referenciado como mais próxima, seja temporal ou espacialmente, se tende a utilizar a primeira série dos demonstrativos, mesmo em situações que a gramática normativa exigiria outras séries. O mesmo ocorre quando se busca o afastamento, tanto da pessoa referenciada, quanto do momento em que a situação ocorreu ou o espaço onde se deu tal evento, utilizando para isso, a segunda série dos demonstrativos.

Em sequência, o quadro de número 07 explicita o processo de mudança dos demonstrativos, de forma resumida, do latim até o espanhol atual e como alguns gramáticos os descrevem:

Quadro 07 - Processo de mudança dos demonstrativos

<p>Pronomes demonstrativos - No latim clássico (hic, iste, ille) e vulgar (iste, ipse, ille):</p>	<p>Divisão inicial</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1º pessoa: <i>hic, haec, hoc</i> • 2º pessoa: <i>iste, ista, istud</i> • 3º pessoa: <i>ille, illa, illud</i>
	<ul style="list-style-type: none"> • Desaparecimento de <i>hic</i>; • Se mantém somente <i>iste</i> e <i>ille</i>; • O sistema tripartido se restabelece, pois recorre ao pronome enfático <i>ipse</i>, que passou a ocupar o lugar de <i>iste</i>, como podia ser observado no latim vulgar.
	<p>Resultando em</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1º pessoa <i>iste</i> • 2º pessoa <i>ipse</i> • 3º pessoa <i>ille</i>.
	<ul style="list-style-type: none"> • Configuração de um sistema ternário permanece; • O espanhol clássico conservou as três séries de demonstrativos, com

⁴⁶ Texto original: *El demostrativo de cercanía este donde deberían usarse ese o aquel, bien con un valor afectivo, bien para acercar subjetivamente algo que está lejano en el tiempo o en el espacio, o quizás para expresar un mayor grado de implicación en la situación. O sustituye este por ese en señal de distanciamento, dando lugar en ocasiones a lo que se ha llamado el ese despectivo, etc* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941)

<p>No espanhol arcaico e clássico:</p>	<p>variação entre norma e uso, assim como acontecia no latim clássico e vulgar.</p> <p>Divisão clássico ternária:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Este / esta / esto</i> • <i>ese / esa / eso</i> • <i>aquel / aquella / aquello</i>
<p>Segundo as gramáticas - no espanhol moderno (Andrés Bello, 1984; Gutiérrez, 1999; Di Tullio, 2014; Hernández Alonso, 1996; RAE, 1982; Torrego, 2005; RAE, 2010):</p>	<p>RAE (1982): aborda a classe ternária e as funções exercidas: anafóricas e dêiticas.</p>
	<p>Bello (1984): descreve a classe ternária e reconhece alguns usos binários.</p>
	<p>Hernández Alonso (1996): aborda a classe ternária, as funções e reconhece que como não há um limite fixo entre as distâncias dos interlocutores quanto a função ternária, podem ocorrer variações.</p>
	<p>Gutiérrez (1999): descreve a classe ternária e aborda variação quanto aos usos na função dêitica, porém como ocorrendo somente no espanhol da América.</p>
	<p>Torrego (2005): aborda a classe ternária e as funções exercidas: anafóricas e dêiticas.</p>
	<p>RAE (2010): esta edição além de abordar a classe ternária e as funções respectivas, também descreve uma variação entre as classes que ocorreria somente no espanhol americano: “<i>En algunos países americanos se reducen las series ternarias a las binarias [...]</i>” p. 330.</p>
	<p>Di tullio (2014): são destacadas as funções dos demonstrativos, como anafórico, catafóricos e dêíticos e as três classes.</p>

Fonte: do autor.

2.2 Usos e valores do demonstrativo no sistema atual do espanhol

Alarcos Llorach (1970) parte da citação de Bello (1984, p. 98) a respeito dos demonstrativos “*pronombres demostrativos son aquellos de que nos servimos para mostrar los*

*objetos señalando su situación respecto de determinada persona*⁴⁷” (p. 287). Porém, identifica que seria uma definição puramente semântica, o que não é suficiente, sendo necessário um entendimento também funcional da classe. O autor, retoma, assim, Karl Buhler que reatualiza a antiga noção grega de *Deixis*, insistindo que parte importante das unidades linguísticas faz referência dêitica ou mostrativa.

Partindo dessa reflexão inicial dêitica, se entende que o objeto que se designa para menção demonstrativa é infinitamente variável: *Esto es, éste puede referirse a un armario, a un árbol, a un diplodocus, a un hombre, a un sentimiento*⁴⁸ (p. 289). Portanto, o autor conclui, que apenas considerar um critério semântico de *deixis* ou mostrativos para a classificação dos demonstrativos não é suficiente, pois há no sistema outras unidades que também se caracterizam semanticamente pela mesma propriedade mostrativa, como os advérbios de lugar e os pronomes pessoais. Assim, o autor irá tratar das funções e valores que caracterizam o espanhol nas unidades agrupadas no paradigma fechado dos demonstrativos: *este/estos/estas/esto; ese/esos/esas/eso; aquel/aquellos/aquellas/aquello*, como exemplificado pelo autor. “*En principio, pues, los demostrativos son unidades que se caracterizan por presentar la triple variación de ‘género’ y la doble normal de ‘número*⁴⁹” (Alarcos Llorach, 1970, p. 292).

Alarcos Llorach (1970), então, adentra nas descrições morfológicas dos demonstrativos, encontrando duas funções para essa classe:

Tradicionalmente, entre os demonstrativos, costumam distinguir-se duas funções (e até recentemente a escrita acadêmica as diferenciava: *este /éste, esa/ésa, aquellos/áquellos*): o uso como “adjetivo” junto com um “substantivo” (*este libro*) e o como “pronome” (*quiero éste*), e ainda foi acrescentado que os “neutros” eram exclusivamente “pronomes” (*dame eso*) (Llorach, 1970, p. 292 - tradução nossa).⁵⁰

⁴⁷ Tradução nossa: pronomes demonstrativos são aqueles de que nos servimos para mostrar os objetos pontuando sua situação de respeito de determinada pessoa.

⁴⁸ Tradução nossa: Isto é, este pode se referir a um armário, a uma árvore, a um diplodocus, a um homem, a um sentimento.

⁴⁹ Tradução nossa: Em princípio, pois, os demonstrativos são unidades que se caracterizam por apresentar a tripla variação de gênero e a dupla normal de número.

⁵⁰ Texto original: *Tradicionalmente, entre los demostrativos, suelen distinguirse dos oficios (y hasta hace poco la escritura académica los diferenciada: este/éste, esa/ésa, aquellos/áquellos): el uso como “adjetivo” junto a un “sustantivo” (este libro) y el como “pronombre” (quiero éste), y aún se agregaba que los “neutros” era exclusivamente “pronombres” (dame eso)* (Llorach, 1970, p. 292).

Desse modo, o autor diferencia as duas funções que os demonstrativos podem assumir, que são os adjetivos e os pronominais. O adjetivo, são determinativos e estão juntos de um substantivo. A segunda função é a pronominal, em que os demonstrativos de gênero neutro também são incluídos, pois estão substituindo um nome:

Os adjetivos, quando nominalizados, exigem a presença do artigo, e é aí que podem adotar a tripla variação genérica: *el blanco, la blanca, lo blanco*. Portanto, só apresentam um “neutro” diferenciado quando cumprem a função nominal. É o que acontece com o demonstrativo: embora funcione como “adjetivo” não pode ser combinado com “neutro” (já que a variação genérica depende do substantivo, apenas combinável com masculino e feminino) e apenas aparecem as variantes neutras (*esto, eso, aquello*) em função nominal: *esto no me gusta, dame eso, se olvidó de aquello*. Mas, para serem nominalizados, os demonstrativos não precisam da aparência do artigo como os adjetivos em geral, eles o excluem. Como veremos mais adiante, este fato explica-se porque o demonstrativo, no seu lexema, incorpora os valores morfológicos de “identificação” que caracterizam o artigo. Portanto, diferentemente dos adjetivos em geral e de algumas de suas classes, que admitem a oposição “sem artigo”/ “com artigo” na função de atributo, o demonstrativo não a apresenta. Do lado oposto la alfombra es nueva/ la alfombra es la nueva, es mío/es el mío, con el demostrativo sólo se cabe el segundo valor: la alfombra es esta, este (Llorach, 1970, p. 293 - tradução nossa).

51

Assim, os demonstrativos masculinos e femininos funcionam como determinantes e como pronomes, enquanto que demonstrativos neutros são exclusivamente pronominais. Os pronomes pessoais são funcionalmente nomes que atuam igual aos chamados “nomes próprios”. Como pronome não é aceito artigo, apenas como determinante, ainda que seja uma possibilidade menos recorrente. Mas, no seu conteúdo, sempre está o valor de identificação. Desse modo, tanto os nomes próprios, como os pronomes pessoais e os demonstrativos, poderiam se incluir no grupo de unidades significativamente identificadoras: não apenas classificam os objetos de suas referências, mas fundamentalmente identificam:

⁵¹ Texto original: Los adjetivos, cuando se nominalizan, requieren la presencia del artículo, y es entonces cuando pueden adoptar la triple variación genérica: *el blanco, la blanca, lo blanco*. Sólo presentan, pues, “neutro” diferenciado cuando cumplen la función nominal. Así ocurre con el demostrativo: mientras funciona como “adjetivo” no puede combinarse con “neutro” (puesto que la variación genérica depende del sustantivo, sólo combinable con masculino y femenino) y sólo aparecen las variantes neutras (*esto, eso, aquello*) en función nominal: *esto no me gusta, dame eso, se olvidó de aquello*. Pero, para nominalizarse, los demostrativos no necesitan como los adjetivos en general la aparición del artículo, la excluyen. Como veremos luego, este hecho se explica porque el demostrativo, en su lexema, lleva incorporados los valores morfológicos de “identificación” que caracteriza el artículo. Por ello, en contraste con los adjetivos en general y con algunas de sus clases, que admiten en la función de atributo la oposición “sin artículo”/ “con artículo”, el demostrativo no la presenta. Frente a la alfombra es nueva/ la alfombra es la nueva, es mío/es el mío, con el demostrativo sólo se cabe el segundo valor: la alfombra es esta, este (Llorach, 1970, p. 293).

Como geralmente acontece, este uso (verdadeiramente) adjetivo do demonstrativo conquistou seu próprio lugar em termos dos valores semânticos expressos, de modo que embora tanto o determinante quanto o adjetivo tenham o valor dêitico de maior ou menor distância em relação ao falante, este último adquire um valor extra, normalmente de natureza pejorativa – em maior medida no segundo grau, correspondente ao *ese-a* –, normalmente ausente no primeiro, buscando a rentabilidade do duplo uso como determinante e como modificador. adjetivo de um substantivo já determinado. Exemplos como (86) *No le trago, fíjate, al don Nicolás ese de mis pecados* (Delibes, Cinco Horas, 140; *apud* Seco *et al.* (1999) s.v. *that* 5b) (Jiménez, 2006, p. 168 - tradução nossa).

⁵²

Os demonstrativos adjetivos determinantes, quando combinados com outros de mesma função, como os possessivos e numerais, eles não podem vir intercalados com o outro adjacente e o núcleo. Ou seja, frente aos outros adjetivos do mesmo tipo, o demonstrativo deve preceder ao outro adjacente quando se antepõe ao núcleo: “*Los demostrativos son **determinativos**: como tales, ocupan la posición de especificador de un SN con o sin contenido léxico*” (⁵³Di Tullio, 2014, p. 170 - grifos nossos). Como a autora exemplifica em N:

(N) *Nos referimos ahora a los demostrativos y a los posesivos. **Estos** se relacionan directamente con los pronombres personales; **aquellos** también organizados en un sistema tripartito, permiten discriminar el referente en relación con las personas del discurso*⁵⁴ (Di Tullio, 2014, p. 170).

O autor também destaca que a posposição do demonstrativo pode ter um valor enfático ou também despectivo, assumindo o significado de desprezo e ou ironia:

Do ponto de vista semântico, a diferença entre um sintagma nominal com um 'determinante' demonstrativo (prefixado) e um sintagma nominal com um pronome demonstrativo posposto reside no fato de que, no primeiro caso, as duas características semânticas básicas dos demonstrativos (identificação e localização dêitica) são expressos ao mesmo tempo, por meio de uma única palavra (o demonstrativo preposto), enquanto, no caso do demonstrativo adiado, ambos os traços são materializados foneticamente em peças lexicais diferentes: o artigo definido *de* é responsável pela identificação de uma entidade, e o

⁵² Texto original: Como suele ocurrir, este uso (verdaderamente) adjetivo del demostrativo se ha hecho un hueco propio en cuanto a los valores semánticos expresados, de modo que aunque tanto determinante como adjetivo tienen el valor dêitico de mayor o menor lejanía con respecto al hablante, este último adquiere un valor extra, normalmente de carácter peyorativo –en mayor medida en el segundo grado, correspondiente a *ese-a*–, ausente normalmente en el primero, buscando la rentabilidad del doble uso como determinante y como adjetivo modificador de un sustantivo ya determinado. Ejemplos como (86) *No le trago, fíjate, al don Nicolás ese de mis pecados* (Delibes, Cinco horas, 140; *apud* Seco *et al.* (1999) s.v. *ese* 5b) (Jiménez, 2006, p. 168).

⁵³ Tradução nossa: Os demonstrativos são determinativos: como tais, ocupam a posição de especificador de um SN (sintagma nominal) com ou sem conteúdo léxico.

⁵⁴ Tradução nossa: Nos referimos agora aos demonstrativos e aos possessivos. Estes se relacionam diretamente com os pronomes pessoais: aqueles, também organizados em um sistema tripartido, permitem discriminar o referente em relação com as pessoas do discurso.

demonstrativo adiado reforça deiticamente essa referência, ou seja, especifica sua identificação fornecendo um valor dêitico locativo⁵⁵ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 950 - tradução nossa).

O demonstrativo com função pronominal alude a uma imagem já formulada pelo falante e/ou ouvinte, de modo que, indicando essa lembrança mentalmente. Assim, ele identifica entidades no mundo real, bem como em mundos possíveis, sendo expressões referenciais, que participam da identificabilidade dos referentes. Portanto, são os demonstrativos que podem exercer a função dêitica, pois além de indicarem a referência, também adicionam a informação da localização espacial e temporal do objeto. Desse modo, assumem também as funções anafóricas e catafóricas, pois são localizadores textuais das informações já mencionadas ou que ainda serão mencionadas, respectivamente.

Outra função que os demonstrativos com valor pronominal assumem são das formas fixas, já supracitadas, como:

Dentre as locuções com pronomes demonstrativos cabe destacar: *y eso que* (com valor concessivo), *esto es* (com significado de ‘es decir’) y en (*eso/esto/estas*) (com o significado de ‘entonces’). Em quanto as fórmulas fixas, são especialmente numerosas aquelas em que se emprega o chamado ‘*eso polémico*’: *eso sí* (que no), *eso no*, *eso es*, *eso nunca*, *lejos de eso*, *todo menos eso*, *nada de eso*, *pero de eso* a, etc⁵⁶ (Eguren, 1999, p. 943 - tradução nossa).

Além das formas marcadas no gênero feminino, que também são pronominais, todas essas formas referenciam algo, mesmo de maneira mais geral. Muito usadas na fala cotidiana, elas apenas substituem algo ou alguém já mencionado.

No primeiro, há a retomada da palavra *izquierda* com o demonstrativo da primeira série *esta*. No segundo enunciado temos o demonstrativo da primeira série *esto* introduzindo o que será tratado, uma função catafórica:

⁵⁵ Texto original: Desde el punto de vista semántico, la diferencia entre una frase nominal con un ‘determinante’ demostrativo (antepuesto) y una frase nominal con un pronombre demostrativo pospuesto reside en que, el primer caso, los dos rasgos semánticos básicos de los demostrativos (identificación y localización deíctica) se expresan a la vez por medio de una sola palabra (el demostrativo antepuesto), mientras que, en el caso del demostrativo pospuesto, ambos rasgos se materializan fonéticamente en piezas léxicas distintas: el artículo definido de encarga de la identificación de una entidad, y el demostrativo pospuesto refuerza deícticamente dicha referencia, es decir, precisa su identificación aportando un valor deíctico locativo [...] (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 950).

⁵⁶ Texto original: Entre las locuciones con pronombres demostrativos cabe destacar: *y eso que* (con valor concesivo), *esto es* (con significado de ‘es decir’) y en (*eso/esto/estas*) (con el significado de ‘entonces’). En cuanto a las fórmulas fijas, son especialmente numerosas aquellas en la que se emplea el llamado (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 943).

O. *Cuando la derecha quiso pactar con la izquierda, esta, rechazó la oferta;* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

P. *Aunque no se pueda demostrar, debéis creer en esto: Dios existe; Debéis creer en esto, aunque no se pueda demostrar: Dios existe* (Eguren Gutiérrez 1999, p. 943).

Contudo, a norma gramatical aponta que habitualmente nos diálogos também se utilizam a segunda série (isto é, *ese*) para o uso com função anafórica: “*existe un predominio del demostrativo este tanto en anáfora cuanto en catáfora, aunque, habitualmente, en el diálogo se utilice la serie del demostrativo ese para referirse a lo dicho por el interlocutor*⁵⁷” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942). Alarcos Llorach (1970), ainda, descreve que a segunda série para funções anafóricas deve ser utilizada quando não há a necessidade de sinalizar a polarização das referências.

Em oposição à forma *aquel*, *este* também pode ser utilizado na escrita como referenciador textual anafórico, com a finalidade de evitar uma ambiguidade:

Q. *El hombre y el mono se rascan, aquel la greña, murmurando, y este, las costillas, como si tocasse la guitarra* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

Outro uso associado à primeira série dos demonstrativos descrito por Eguren Gutiérrez (1999) é sobre a função que os demonstrativos podem assumir de operadores conversacionais. Ainda, o autor descreve que esse último é mais comum no espanhol da América. O autor também indica o uso de *este* expressando um valor afetivo, para aproximar o objeto referenciado do tempo ou do espaço do enunciador.

Por sua vez, o demonstrativo *ese* representa a segunda série desta classe e, na sua função dêitica, indica proximidade a quem se fala ou a quem se escreve, podendo marcar tempo não tão presente em relação a ambas as pessoas do discurso.

Bello (1984) e Eguren Gutiérrez (1999) afirmam que *ese* e suas variantes têm função primordial anafórica (Q), isto é, operam como recuperador de informação já dita ou compartilhada no discurso. No enunciado (R), o demonstrativo *eso* retoma o que já foi dito, *Dios existe*:

R. *Dios existe. Eso es verdad. Aunque no se pueda demostrar* (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942).

⁵⁷ Tradução nossa: Há predominância do demonstrativo *este* tanto na anáfora quanto na catáfora, embora, normalmente, no diálogo a série demonstrativa *ese* seja usada para se referir ao que o interlocutor disse.

Bello (1984, p. 100) que afirma: “*alguna vez, sin embargo, se emplean con la misma diferencia de significado este, esto y ese, eso.*”

Também opondo-se a *este*, a segunda série adquire valor afetivo expressando, contudo, distanciamento, isto é, em algumas situações *ese* é utilizado para afastar, semanticamente, o falante de alguma situação ou de alguém: [...] *sustituye este por ese en señal de distanciamiento, dando lugar en ocasiones a lo que se ha llamado el ‘ese despectivo’*⁵⁸ (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 941).

Finalmente, a terceira série, em sua função dêitica (S e T), indica um distanciamento de ambas as pessoas do discurso, seja temporal ou espacialmente. Assim, Bello (1984) afirma que *este* marca presente, enquanto *aquel*, o passado ou o futuro, logo, tempos distantes do momento da enunciação. Dessa maneira, explicitado no enunciado (R), se indica espacialmente que os alimentos desses cavaleiros estarão distantes. No enunciado (S), o *aquellos* indica um tempo passado:

S. Hágote saber, Sancho, que es honra de los caballeros andantes no comer en un mes, y ya que coman, sea de aquello que hallaren más a mano (Bello, 1984, p. 99).

T. ¡Ay de las madres en aquellos días! (Bello, 1984, p. 99).

Além dessa função, o *aquel*, assim como as duas demais séries dos demonstrativos, pode operar como um referenciador textual anafórico (U), isto é, recuperando uma informação dada:

U. Divididos estaban caballeros y escuderos, éstos contándose sus vidas y aquellos sus amores (Bello, 1984, p. 99).

Assim, como supracitado por Llorach (1970, p. 303) a *deixis* não é absoluta e irá flutuar conforme o interesse do falante e do ouvinte: “*Ahora bien, la situación que señalan los demostrativos no es objetivamente absoluta, sino resultado de la perspectiva subjetiva de cada hablante*⁵⁹”. Isso ocorre, pois as pessoas do discurso podem escolher afastar e ou aproximar a situação referida para o momento do discurso, podem trazer maior afeto, assim como desprezo para o tempo e/ou espaço em referência, bem como para uma pessoa que esteja sendo citada. Essa *deixis*, inclusive, é nomeada por Eguren Gutiérrez (1999, p. 941) como a *deixis* empática ou emocional. Hernández Alonso (1996, p. 605), em adição, escreve que nem sempre o advérbio de lugar do falante é o mesmo do seu receptor: “*Como no hay límites fijos entre las <<zonas>>*

⁵⁸ Tradução nossa: substituí *este* por *ese* como um sinal de distanciamento, dando origem, em algumas ocasiões, ao que tem sido chamado de ‘*ese depreciativo*’.

⁵⁹ Tradução nossa: Ora, a situação indicada pelos demonstrativos não é objetivamente absoluta, mas sim fruto da perspectiva subjetiva de cada locutor.

*señaladas, tenemos en ellos un rico recurso estilístico para distanciar o aproximar.*⁶⁰

Sobretudo, o que notamos é que as gramáticas analisadas tendem a descrever as variações possíveis dos sistemas ternários, porém apontando que ocorrem, em grande maioria, apenas no espanhol da América. Como na gramática da RAE (2010, p. 330):

Em alguns países americanos, as séries ternárias são reduzidas a séries binárias de outra forma: o demonstrativo *aquel* fica reservado para usos literários ou para a dêixis evocativa referida no § 17.2.3d, de modo que a dêixis ostensiva produz efeito com os demonstrativos *este* e *ese* (e suas variantes morfológicas - tradução nossa).⁶¹

Eguren Gutiérrez (1999) ainda descreve que o sistema ternário dos demonstrativos funciona sobretudo em casos de deixis gestual e simbólica no espanhol padrão da península. Enquanto que o espanhol da América tende a substituir o *aquel* por *ese*, resultando em um sistema binário.

Após destacados os valores mais recorrentes que foram descritos nas gramáticas analisadas, sistematizamos no quadro (8) a seguir, em que o “ok” sinaliza se o valor apontado está descrito na gramática em questão:

Quadro 08 - Descrições gramaticais

VALORES	Bello (1984)	Di tullio (2005)	Rae (2010)	Hernández Alonso (1984)	Rae (1982)	Gomez Torrego (2005)	Bosque y Demonte (1999)
1. Sistema Ternário:	OK	OK	OK	OK	OK		OK
“Reconhecem” variações no sistema ternário:	OK		OK				OK
FUNÇÃO							
Indicar a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso.	OK	OK	OK	OK	OK		OK

⁶⁰ Tradução nossa: Como não existem limites fixos entre as <<zonas>> indicadas, temos nelas um rico recurso estilístico para distanciar ou aproximar.

⁶¹ Texto original: En algunos países americanos se reducen las series ternarias a las binarias de otra manera: el demostrativo *aquel* queda reservado para los usos literarios o para la deixis evocadora a la que se hace referencia en el § 17.2.3d, de forma que la deixis ostensiva se lleva a efecto con los demostrativos *este* y *ese* (y sus variantes morfológicos).

Situar seres no espaço, no tempo ou no próprio discurso.	OK	OK	OK	OK	OK		OK
ESTE indica proximidade de quem fala ou quem escreve.	OK	OK	OK	OK	OK		
ESTE indica tempo presente em relação a quem fala ou escreve.	OK	OK	OK	OK	OK		
ESE indica proximidade a quem se fala ou quem escreve.	OK	OK	OK	OK	OK		
ESE indica tempo não tão presente em relação a ambas pessoas do discurso.	OK	OK	OK	OK	OK		
AQUEL indica distanciamento de ambas pessoas do discurso.	OK	OK	OK	OK	OK		
AQUEL indica tempo distante em relação a ambas pessoas do discurso.	OK	OK	OK	OK	OK		
Uso Anafórico.		OK	OK	OK	OK		OK
Uso Catafórico.		OK	OK	OK			OK
Valores afetivos / irônicos.		OK	OK				OK
Predicativo.			OK				
Aposto.			OK				OK
Pronome substantivo neutro.	OK	OK	OK	OK		OK	OK
Señaladores /Indicador /Determinativo.	OK		OK	OK	OK	OK	OK
Especificadores de Sintagma Nominal.		OK					
Artículos definidos X Demonstrativos.					OK		OK

Fonte: do autor.

Desse modo, é possível a visualização dos valores encontrados, por um lado, alguns são mais recorrentes na maioria das gramáticas analisadas, como a descrição do sistema ternário dos

demonstrativos, a função dêítica, a função anafórica e catafórica, a função de ser um pronome adjetivo, a de fazer alusão a termos precedentes, de serem determinativos/ indicadores e assumirem a função de pronomes substantivo neutro. Por outro lado, outros valores aparecem em poucas das gramáticas selecionadas, que são as descrições que reconhecem variações no sistema ternário (*este, ese e aquel*), que indicam valor afetivo e/ou irônico, as quais descrevem os demonstrativos como especificadores de sintagma nominal, como modificadores e também como artigos definidos, além de assumirem valores de predicado e aposto.

O próximo capítulo abordará sobre a metodologia utilizada neste trabalho, o corpus selecionado (PRESEEA) e o modo como compilamos e analisamos os dados coletados. Apresentamos, também, as siglas utilizadas ao longo das análises e a quantidade de informantes, de palavras por variedade e de demonstrativos.

3. METODOLOGIA

Com a presente seção, visamos à apresentação do percurso metodológico percorrido a fim de alcançar os objetivos propostos para este estudo. Desse modo, iremos expor os dados compilados para os *corpora* de análise. Apresentaremos os materiais do *corpus* oral, retirado do PRESEEA - *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de America*. As análises foram conduzidas a partir da perspectiva diatópica, abrangendo as variedades dialetais selecionadas.

Com esse objetivo, expomos nesta seção, a necessidade de proceder à análise nas variedades, de Sevilha, Madri e Havana e no gênero por meio de enunciados com menor grau monitoramento: entrevista sociolinguística. A opção por Madri se deve a que essa comunidade de fala tem sido tomada como norma de referência da Língua Espanhola. Sevilha, por sua vez, pelo provável impacto sobre a formação de algumas variedades do espanhol na América, como a da capital cubana. Partimos da hipótese de que as variedades diatópicas analisadas podem apresentar normas próprias de uso, refletindo o processo sócio-histórico de acomodação do idioma em cada território. Essas variedades serão estudadas em diferentes gêneros discursivos para verificar se há diferenças significativas no uso dos demonstrativos entre as modalidades oral e escrita da língua.

Os dados compilados do corpus PRESEEA foram organizados e segmentados em uma tabela de *Excel* e divididos nas seguintes seções: o código do informante (MADR_H11_002), o enunciado em que conste um dos demonstrativos analisados, algumas observações sobre este enunciado, a morfologia deste demonstrativo (*este, ese* ou *aquel*), o gênero e número do demonstrativo em questão, o sentido que ele está assumindo naquela oração e a sua função naquele enunciado:

Segue uma imagem da tabela para ilustrar a compilação dos dados:

Imagem 01 - Compilação de dados Madri

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1											
2	Código	Enunciado	Observações	Localidade	Sexo	Idade	Escolaridade	Morfologia	gênero e núme	Sentido	Função
3	MADR_H11_002	y / ¿tú has oído I: sí y yo también E: uhum I: en invierno ah este tiempo = es E: sí sí	este tiempo = es dético de 1º pes MR		H		1	1	T	? a	y
4	MADR_H11_002	es que no sé cómo E: se I: este era un ba E: ¿ahora? I: antes antes E: antes	este era un barri dético de 1º pes MR		H		1	1	T	? a	y
5	MADR_H11_002	I: y nadamuy sin E: ¿qué está es I: quinto de FP E: que es eeh / I: no no no no / E: ¿o es de tu e	este año = este dético 1º pessor MR		H		1	1	T	? a	y
6	MADR_H11_002	E: sí sí hm // y I: hombres lleg E: ¿sí? I: sí // bastante E: ¿setenta y cir	este barrio = est dético 1º pessor MR		H		1	1	T	? a	y

Fonte: acervo próprio.

Nessa tabela do Excel, estão presentes todos os casos encontrados nas três variedades estudadas e as suas respectivas análises que propusemos, que são: o enunciado em si, as observação quanto ao uso do demonstrativo, a localidade, o sexo, a idade e a idade do informante, a morfologia do demonstrativo utilizado e o seu gênero e número e o sentido e função que ele tem no enunciado analisado.

Como vimos na imagem 01 da tabela anterior, destacamos uma coluna para análise da morfologia dos demonstrativos. No quadro 09 temos a divisão proposta para esta análise de variáveis dependentes:⁶²

⁶² Segundo Marconi e Lakatos (2017), as variáveis em uma pesquisa científica podem ser definidas como: “Variável independente (X) é aquela que influencia, determina ou afeta outra variável; é fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência. É o fator manipulado (geralmente) pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenômeno observado ou a ser descoberto, para verificar que influência exerce sobre um possível resultado. Variável dependente (Y) consiste em valores (fenômenos, fatores) a serem explicados ou descobertos, em virtude de serem influenciados, determinados ou afetados pela variável independente. É o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente. Variável dependente é ainda a propriedade ou fator que é efeito, resultado, consequência ou resposta a algo que foi manipulado (variável independente).”

Quadro 09 - Siglas para a morfologia dos demonstrativos

MORFOLOGIA		
T → demonstrativos da primeira série;	S → demonstrativos da segunda série;	Q → demonstrativos da terceira série.
este	ese	aquel
esta	esa	aquella
esto	eso	aquello
estos	esos	aquellos
estas	esas	aquellas

Fonte: do autor.

No próximo quadro 10, temos a divisão conforme o gênero e número do demonstrativo utilizado no enunciado, em que são variáveis independentes:

Quadro 10 - Sigla para o gênero e número dos demonstrativos

GÊNERO E NÚMERO DO DEMONSTRATIVO				
? → demonstrativos masculinos e singular.	* → demonstrativos masculinos e plural.	! → demonstrativos femininos e singulares.	; → demonstrativos femininos e plural.	& → demonstrativos neutros.
este ese aquel	estos esos aquellos	esta esa aquella	estas esas aquellas	esto eso aquello

Fonte: do autor.

Em 11, o quadro apresenta os sentidos encontrados dos demonstrativos utilizados nas entrevistas, sendo também variáveis independentes:

Quadro 11 - Sigla sentidos demonstrativos

SENTIDO								
A → dêitico de 1º pessoa	B → dêitico de 2º pessoa	C → dêitico de 3º pessoa	D → usos anafóri cos	F → usos catafóricos	G → operadores conversacio nais	H → valores afetivos, irônicos	I → diferenciador de termos precedentes	J → formas fixas

Fonte: do autor.

Em 12, o último quadro expõe as funções que os demonstrativos assumem nas falas dos entrevistados, que também se encaixam como variáveis independentes:

Quadro 12 - Sigla funções demonstrativos

FUNÇÃO		
X → pronominal	Y → determinante	Z → adjetivo

Fonte: do autor.

3.2 COMPILAÇÃO DE *CORPUS* DE ANÁLISE

3.2.1 PRESEEA

O *corpus* PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España e de América*) teve seu início em 1996 como uma ideia, ainda em fase inicial, por Moreno Fernández. O nome é formado por siglas que expressam os objetivos gerais do projeto, que promovem investigar e investir em algo muito valioso no futuro para a língua espanhola e ser de muita utilidade para as pessoas que se ocupam dela. Para tanto, o *corpus* está formado por entrevistas sociolinguísticas coletadas por grupos de pesquisa associados. Para a criação desse *corpus*, foi necessário seguir algumas tarefas, como: adotar uma metodologia sociolinguística básica e comum, pois, assim, os materiais de análise teriam uma homogeneidade e seriam passíveis de comparação.

Os dados de análise do *corpus* consideram algumas variáveis sociais, que são: o sexo/gênero, idade e nível educativo. Quanto à organização etária, o proposto pelos pesquisadores foi:

- Grupo 01: informantes de 20 a 34 anos,

- Grupo 02: informantes de 35 a 54 anos
- Grupo 03: informantes com 55 anos ou mais.

Foi levado em consideração que a expectativa de vida do latino-americano é de 75,2 anos, em 2019 (CEPAL). Já para a organização educacional, as variantes que permeiam a variável de nível educativo são:

- Grupo 01: analfabetos, sem estudos. Ensino básico (até os 10-11 anos de idade);
- Grupo 02: Ensino fundamental (até os 16-18 anos de idade de escolarização);
- Grupo 03 - Ensino superior (universitário, técnico superior).

Desse modo, selecionamos os dados do *corpus* PRESEEA relativos às variedades de Sevilha, Madri e Havana. Para uma melhor visualização do processo de busca, traçamos nas linhas seguintes o passo a passo de como se deram as investigações. Assim, em um primeiro momento, entramos na aba de *corpus* disponível no site do projeto (<https://preseea.uah.es/corpus-preseea>) e ingressamos individualmente, em “Consulta Básica”, cada uma das formas variantes das três classes dos demonstrativos (*este, esta, esto, estas, estos / ese, esa, eso, esas, esos / aquel, aquella, aquello, aquellas, aquellos*), conforme ilustra a imagem 02:

FIGURA 02 - Aba principal de consulta ao *corpus*

The image shows the main search interface of the PRESEEA corpus. It is divided into three main sections: 'CONSULTA BÁSICA', 'CONSULTA AVANZADA', and 'FILTROS DISPONIBLES'.

CONSULTA BÁSICA: This section contains a search bar with the text 'este'. To the right of the search bar are two buttons: 'Buscar' (Search) and 'Limpiar' (Clear).

CONSULTA AVANZADA: This section is expanded and contains several options:

- A button 'Crear consulta' (Create query) with a plus icon.
- Checkboxes for 'Mayúsculas' (Uppercase) and 'Ignorar diacriticos' (Ignore diacritics).
- A section labeled 'TÉRMINO 1' with a plus icon and a double arrow icon.
- Below 'TÉRMINO 1', there are three input fields: 'Forma ortográfica: casa', 'Lema: casar', and 'Etiqueta gramatical: V+'. To the right of these fields are two buttons: a blue button with a question mark '?' and a green button with the letter 'O'.

FILTROS DISPONIBLES: This section contains various filters:

- CIUDAD:** A list of cities with checkboxes, including Alcalá de Henares, Barranquilla, Bogotá, Buenos Aires, Cádiz, Cali, Caracas, Cartagena de Indias, Ciudad de Guatemala, Granada, Gijón, Guadalajara, La Habana, La Paz, Las Palmas de GC, Lima, Madrid, Málaga, Medellín, Mérida, Mexicali, México, Monterrey, Montevideo, Pereira, Puebla, Santander, Santiago, Santiago Comp., Sevilla (which is checked), and Valencia.
- PARTICIPANTES:** A dropdown menu currently showing 'Informantes'.
- SEXO:** Checkboxes for 'Hombre' (Male) and 'Mujer' (Female).
- EDAD:** Checkboxes for 'Grupo I', 'Grupo II', and 'Grupo III'.
- NIVEL DE ESTUDIOS:** Checkboxes for 'Bajo' (Low), 'Medio' (Medium), and 'Alto' (High).

Fonte: <https://preseea.uah.es/corpus-preseea>

Conforme mostra a figura 02, selecionamos nos ‘filtros disponíveis’ a variedade analisada. Após essas organizações prévias, tivemos acesso a todas as entrevistas com entradas do demonstrativo *este*, e todas foram baixadas e armazenadas, no nosso *drive* pessoal, em uma pasta intitulada *Corpus* - Sevilha, a exemplo do que também fizemos com as demais variedades. Adotamos o critério de baixarmos a transcrição da entrevista que apresentasse ao menos um demonstrativo na fala do informante. Também baixamos os áudios das entrevistas para nos auxiliar em eventuais análises na percepção de algum fator fonético- fonológico que pode nos permitir maior efetividade de análise. Conseguimos quase todos os áudios das 18 entrevistas, com exceção de um áudio de Havana - Cuba, da informante mulher de idade superior acima de 55 anos e com escolaridade alta, com ensino superior, atingindo pelo menos 15 anos de escolarização.

Desse modo, em cada variedade, analisamos dados de 09 informantes homens, 03 de idades entre 20 e 34 anos, 03 de idades entre 35 e 54 anos e 03 com idades superiores a 55 anos. Em cada grupo de idade, há um homem de escolaridade baixa, ou seja, com até 05 anos de escolarização, um homem de escolaridade média, de 10 a 12 anos de escolarização, realizando o ensino secundário, e um homem de escolaridade alta, com ensino superior, atingindo pelo menos 15 anos de escolarização. O mesmo ocorre entre as mulheres. Por tanto, encontramos 18 informantes em cada uma das três variedades diatópicas selecionadas. Na tabela seguinte (1), apresentamos a quantidade de informantes distribuída em função das variáveis extralinguísticas controladas:

Tabela 1 – variáveis controladas e quantidade de informantes nos dados do *corpus* PRESEEA por variedade diatópica

Variáveis	Faixa etária e Escolaridade									
Idade Sexo	20 - 34 anos			35 - 54 anos			55 anos ou +			
Homens	Escolaridade			Escolaridade			Escolaridade			
	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	
	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Mulheres	20 - 34 anos			35 - 54 anos			55 anos ou +			
	Escolaridade			Escolaridade			Escolaridade			
	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	
	1	1	1	1	1	1	1	1	1	
Total	6			6			6			18

Fonte: dados coletados pela autora.

Na sequência, todas as entrevistas de uma mesma variedade foram agrupadas em um único documento *.doc* a fim de analisarmos a quantidade de palavras de cada material e, em um segundo momento, contabilizar quantos demonstrativos foram utilizados nas conversas, tanto no total (entrevistador e informante), como, posteriormente focalizando somente na quantidade utilizada pelos informantes. A tabela 2 mostra a quantidade de palavras total no *corpus* compilado para cada variedade diatópica:

Tabela 2 - Quantidade de palavras por variedade

Sevilha	172.322
Madri	163.267
Havana	148.575
Total	484.164

Fonte: dados coletados pela autora.

A tabela 3 mostra a quantidade total de demonstrativos de cada uma das variedades, isto é, diferenciando as ocorrências nos turnos do entrevistador e do entrevistado:

Tabela 3 – Quantidade total de demonstrativos por variedade diatópica

	Informante	Entrevistador	Total
Sevilha	1382	294	1676
Madri	1502	727	2229
Havana	1694	323	2017

Fonte: dados desta pesquisa.

A fim de entendermos os funcionamentos dos demonstrativos no vernáculo destas comunidades de fala, apenas nos ocupamos dos dados relativos aos informantes. Excluimos da análise, portanto, os dados presentes na fala dos entrevistadores por entender que eventualmente estão marcados por algum fator de monitoramento ou por pertencerem a outras variedades, inclusive.

Analizamos, a seguir, os dados de cada uma das variedades individualmente, para que posteriormente possamos compará-las.

4. O uso dos demonstrativos em Madri, Sevilha e Havana:

4.1 O uso dos demonstrativos em Madri

Neste capítulo, abordaremos as análises feitas sobre os demonstrativos empregados em cada um dos enunciados ditos pelos informantes de cada variedade. A começar pela variedade madrilenha, em que abordamos, inicialmente, a quantidade total de demonstrativos encontrados e em seguida a recorrência das três séries dos demonstrativos conforme o valor que eles assumem na oração. Desse modo, em sequência, explicamos cada um dos valores encontrados, com respectivos exemplos extraídos do corpus, a fim de analisarmos se os usos estão em ressonância com o descrito pela gramática ou se estão apresentando algum tipo de variação. Por fim, analisamos os demonstrativos segundo a função empregada: função de pronome, de determinante e de adjetivo.

Na tabela 4, temos a quantidade total de demonstrativos encontrados na variedade de Madri:

Tabela 4 - Quantidade de demonstrativos – Madri - PRESEEA

Demonstrativos em Madri						
1ª série		2ª série		3ª série		Total
Este	191	Ese	153	Aquel	19	1502
Esta	127	Esa	118	Aquella	10	
Esto	181	Eso	491	Aquello	37	
Estas	41	Esas	56	Aquellas	1	
Estos	39	Esos	33	Aquellos	5	
Total	579 (40%)	Total	851 (56%)	Total	72 (4%)	

Fonte: dados desta pesquisa.

Por meio da tabela 4, é possível notar que a segunda classe dos demonstrativos também foi a de maior recorrência pelos informantes de Madri, assim como ocorrido pelos Sevilhanos. Da mesma maneira que a terceira classe, também foi a de menor recorrência.

Nossa análise partiu de uma abordagem qualitativa que distribui as ocorrências do fenômeno segundo a função desempenhada em cada uso. Desse modo, foi possível visualizar, sob uma perspectiva onomasiológica,⁶³ o funcionamento dos demonstrativos na variedade madrilenha. Sob uma abordagem quantitativa, categorizamos as ocorrências em relação ao valor expressado, chegamos à tabela 5, que evidencia as funções de dêitico, fóricos (anafórico e catafórico), afetividade/ desprezo, operador conversacional e formas fixas. Como se nota, alguns usos foram mais recorrentes que outros. Partindo de uma análise inicial, constatamos que os sentidos com maiores ocorrências são os anafóricos seguidos dos dêiticos de 1º pessoa e a série dos demonstrativos com mais ocorrência é a segunda *-es*, seguida da primeira *-est*:

Tabela 5 - Recorrências das três séries dos demonstrativos no corpus analisado de Madri

VALOR	- EST	- ES	- AQUEL	TOTAL
Dêiticos 1º pessoa	350 (90%)	39 (10%)	0	389 (100%)
2º pessoa	3 (4%)	72 (96%)	0	75 (100%)
3º pessoa	8 (8.5%)	14 (15%)	72 (77%)	94 (100%)
Anáfora	170 (20%)	660 (78%)	16 (2%)	846 (100%)
Catáfora	8 (20%)	34 (80%)	0	42 (100%)
Operadores Conversacionais	26 (79%)	7 (21%)	0	33 (100%)
Valores afetivos	13 (61%)	5 (24%)	3 (15%)	21 (100%)
Formas fixas	1 (4%)	21 (84%)	3 (12%)	25 (100%)
TOTAL	579 (38%)	852 (56%)	94 (6%)	1525⁶⁴

Fonte: da autora.

⁶³ Conforme explica Araujo (2019), a abordagem onomasiológica permite o estudo das formas linguísticas conforme ocorrem em determinados campos funcionais da língua, revelando, desse modo, quais formas dos demonstrativos se ocupam da expressão de uma dada função.

⁶⁴ O total de funções encontradas dos demonstrativos foi superior ao valor de casos encontrados, pois algumas situações foram classificadas como tendo duas funções diferentes, exemplo: dêitico e valor afetivo ou dêitico e fórmula fixa.

Diante dos dados quantitativos expostos na tabela 05 e conforme discutiremos mais adiante, o valor dêítico presente nas três séries se organiza, nos dados observados de Madri, numa relação tripartida, isto é, a série *este* relaciona-se à dêixis de primeira pessoa, enquanto a segunda e a terceira séries, à segunda e à terceira pessoas, respectivamente. Porém, conseguimos analisar, alguns usos variantes, pois para a dêixis de 1º pessoa, em 40 casos, se utilizou a segunda série dos demonstrativos. Do mesmo modo, na dêixis de 2º e 3º pessoas variações quanto ao prescrito.

Podemos observar que a primeira série (este) se relaciona especialmente ao valor dêítico e ao valor anafórico, podendo ainda assumir outros sentidos de maneira mais discreta. Para o sentido de operador conversacional, que auxilia o informante a trazer mais coesão para sua fala, foram encontrados casos das duas primeiras séries, com maior recorrência da primeira série. A série *ese* se destaca na função anafórica (659 casos), embora também ocorra expressivamente na expressão de valor dêítico (73 casos). Para a função catafórica, identificamos as duas primeiras séries, com mais casos utilizando a série *-es*. Para os usos de valores afetivos, irônicos ou de desprezo foram identificados casos nas três séries, resultando no total apenas 18 situações, com maior destaque para a primeira série. As formas fixas encontradas resultaram em 25 casos, em que a segunda série dominou a ocorrência, com exemplos de: *eso sí*, *eso es*, *todo eso* e *pues eso*. Por fim, a terceira série foi a de menor ocorrência, se destacando em maior parte para usos de dêíticos de 3º pessoa, seguidos dos casos anafóricos, formas fixas e valores afetivos.

Em resumo, é importante salientar que o sistema de demonstrativos na variedade diatópica e diafásica em questão se concentra principalmente na expressão de valores dêíticos e anafóricos. Para explorar e exemplificar cada um desses usos, organizamos esta discussão conforme os valores apresentados na tabela 05.

Usos dêíticos

Este uso pretende localizar o elemento textual referenciado em relação ao lugar e tempo do falante. Conforme a divisão ternária, o *este* indica proximidade com o enunciador, o *ese* representa um grau intermediário entre proximidade e distância, e a terceira série indica afastamento.

Dêítico de 1ª pessoa

Gramaticalmente, como já citado, a primeira série é utilizada para a primeira pessoa do discurso e para indicar o tempo presente. Por meio das análises, identificamos que a série *-est* esteve presente em 350 dos casos, mostrando estar em congruência com o que é descrito:

14. *y / ¿tú has oído eso de que está / está cambiando el tiempo?*

I: sí/ y yo también creo que sí / que lo pienso // pienso que sí porque / pff // cambios de tiempo cada vez son más extraños las estaciones // no res no respetan mucho ya su // ahora no es normal este tiempo ni

E: uhum

I: en invierno ahora no llovía ni nada

E: sí sí (MADR_H11_002).

No exemplo (14), o informante utiliza a primeira série *este* para se referir ao tempo e às mudanças climáticas atuais, respondendo à pergunta feita pelo entrevistador. O marcador de tempo *ahora* também reforça essa proximidade temporal, justificando a classificação dêítica de 1ª pessoa. Como explicitado no exemplo a seguir (15):

15. *E: es la sensación que tú tienes de siempre ¿no? es*

I: sí / tengo la sensación de que aquí hay un mmm/ poca gente joven / hh nada este barrio lo que ha cambiado es que el alcalde ha puesto muchos árboles //

E: uhum (MADR_H13_013).

Neste último exemplo, o demonstrativo *este* é empregado para se referir espacialmente ao bairro em que o informante vive atualmente, ele reforça utilizando o adjunto adverbial *aquí* para indicar proximidade ou vivência. Porém, foram identificadas orações com a segunda série dos demonstrativos para indicar dêixis de 1ª pessoa, como em (16):

16. *I: en nada pero // mira te enseño la foto <risas = "E"/> / ¡pero es que no nos parecemos en nada! pero bueno dice la gente que somos mellizas parece más mayor que yo <ruido = "objetos"/>*

E: ¿sí? ¿y tiene cuatro menos <vacilación/> / cuatro años menos <simultáneo> que tú? </simultáneo>

I: <simultáneo> cuatro años </simultáneo> menos y la echan tres más que a mí /

E: ¿sí<alargamiento/>?

I: o sea es increíble // bueno este es mi novio / <ruido = "objetos"/> esta es mi hermana / <ruido = "objetos"/> ahora está más grande <simultáneo> con el pelo corto </simultáneo>

E: <simultáneo> sí<alargamiento/> / sí os </simultáneo> parecéis ¿eeh?

I: y ese <ruido = "objetos"/> es mi hermano //

E: se parece más tu hermano sí / (MADR_M11_004).

No exemplo de número 16, o demonstrativo utilizado foi da segunda série *ese*, em que a informante está se referindo ao seu próprio irmão e apresentando ao entrevistador por meio de uma foto. Os outros membros da foto que foram apresentados, foram introduzidos pela primeira série *-est*, mantendo a descrição gramatical da deixis, porém, ao apresentar o irmão, a informante altera a série dos demonstrativos, provocando uma variação quanto aos usos. Uma situação de variação entre a primeira e a segunda série ocorre similarmente neste outro exemplo (17), em que a informante utiliza a segunda série para fazer referência as tormentas :

17. : *te caes y*

I: *hombre con no veas ¡menudos porrazos! / y du de durar días // o sea / mmm de estar así en esta situación la nieve dura y / helada // y días //*

E: *¿y los 30 veranos? //*

I: *y y los veranos es curioso antes como que había veranos / que corría más aire que llovía // y ahora no ahora es // eh esas tormentas // mm / yo no las veo no no las noto /*

E: *¿vosotros en / vacaciones en verano tenéis costumbre de quedaros en Madrid o ha céis alguna escapada?*

I: *nosotros normalmente / nos marchamos a / a San Juan de Alicante // que allí tiene mi suegra un piso // y allí es / donde nos hospedamos*

E: *y ¿te gusta ir allí? // (MADR_M21_024).*

Em (17), a informante utiliza a segunda série *esas* para se referir às tormentas que estão acontecendo no período da enunciação em Madri. Ela reforça essa contemporaneidade com a palavra *ahora*, sendo outra situação que escapa ao que está descrito. Desse modo, embora a série *-est* (90%) tenha recorrência muita expressiva, nota-se o uso do *-es* (10%).

Dêitico de 2º pessoa

A segunda série dêitica é um referenciador exofórico que indica situações no campo da segunda pessoa do singular ou fazendo referência a uma situação não tão presente. A gramática descreve, que devemos utilizar a segunda série dos demonstrativos para tal função. Nas entrevistas, 73 dos casos são, de fato, com a segunda série *-es*, porém foram identificadas possíveis situações de variação com a primeira série. Em (18):

18. I: *hh y // y entonces no sé / no sé la verdad es que bah es una mala pregunta para estos días ¿no? porque estoy muy desanimado / pero vamos que hh // l lo que sí te puedo*

decir que no haría / es lo que probablemente sería me lo mejor de hacer / que es invertir meterlo en la una hipoteca de tu casa y así ese techo ya no te lo quita nadie ¿no? bueno sí / hacienda también como puedes comprobar tengo inquietudes ¿no? por ese camino pero no / no yo / con ese dinero no sé qué haría / no lo no lo guardaría ¿no? ni me lo gastaría e n / en lujos // eeh in lo invertiría / movería montaría otro negocio paralelo distinto para asegurarme un poco el pan ¿no?

E: hm (MADR_H22_026).

Neste exemplo (18), o informante utiliza a segunda série para se referir a sua casa, que se for colocada na hipoteca, ninguém pode tomá-la. Assim, ele utiliza elementos da segunda pessoa do singular, como se estivesse supondo que a casa fosse do entrevistador, portanto, segue a descrição gramatical. O mesmo ocorre nesta outra situação, em que o informante utiliza de um adjunto adverbial “ahí” para reforçar que está se referindo a algo distante:

19. E: uhum

I: y entonces por r por mi hija la mayor // que vive aquí / justamente pared con pared con esa de ahí / a otro piso / que ella compró / dos pisos más / y lo ha ido creciendo / y compró esto con miras de eso / y un día dijeron // oye que mira hemos pensado mamá y yo / que esto es mucha casa para vosotros / y que lo que vamos a hacer es que ese piso que tengo yo ahí cerrado tres años // que lo vamos a arreglar / y que os vais a ir a vivir ahí vosotros / y con lo que vendáis de del piso ese // disfrutáis la vida y que ya es tá bien y que ya es hora de que / de que cambiéis mm todo// y así se ha hecho

E: ahá

I: o sea tan sencillo como eso (MADR_H33_049).

Porém, foram identificados alguns casos dêiticos com o uso da primeira série dos demonstrativos, como se nota em (20):

20. I: achalasia / una enfermedad que no es común // mm según la doctora esto / mmm se da como una vez al año / mm te estoy hablando del especialista / no del

E: uhum

I: doctor de cabecera sino del especialista // y entonces pues sufrí una operación / ehm con ehm // ¿cómo se llama? / eh con los tubos estos que te meten / ¿en endoscopia?

E: sí puede ser sí

I: es una panentoscopia// mmm no panendoscopia/ no sé / ahora mismo no me acuerdo cómo se llama // el caso es que pues bueno // no lo hacía mm / no no podía venir aunque me agradaba muchísimo el asistir a clase // pero / mmm los días que estuve en el hospital más luego la recuperación // pues ya perdí medio curso / luego / también me regalaron uno unos muebles maravillosos // y / y entre la obra de la casa / la operación / el primer año lo perdí y el segundo por desgracia fue peor // porque mi padre enfermó de cáncer // y los últimos cuatro meses // pues decidí estar con él /

E: claro (MADR_M21_024).

Neste caso, a informante utiliza a primeira série dos demonstrativos para referir-se ao processo de endoscopia, porém utiliza elementos da segunda pessoa do singular, portanto, se enquadra como dêitico de 2º pessoa. Deste modo, apesar dos usos variantes, neste exemplo nota-se o uso mais consolidado de *-es*.

Dêitico de 3º pessoa:

A terceira série dos dêiticos faz referência a situações e/ou objetos que estão fora do campo da primeira e segunda pessoa do discurso, portanto, é algo mais distante espacial e temporalmente. Como descrito nas gramáticas, o utilizado para esta função é a terceira série dos demonstrativos e, de fato, encontramos um maior domínio dessa série, porém, também identificamos usos com demonstrativos *-est* e *-es*. Em (21) observamos que o demonstrativo *aquel* foi utilizado para fazer referenciar a um dia distante, em que houve um tornado na cidade:

21. E: *¿y cosas de de viento y cosas de esas también de ? ¿te han sucedido? //*

I: *pues / de viento yo lo lo que sí que recuerdo // que eso nunca se me olvidará fue como una especie de // de torne vamos como de torbellino // / y esto fue por el noventa y / cuatro o por ahí / porque yo una de las aficiones que tengo es el aeromodelismo // y me acuerdo / me acordaré siempre / además era en verano // que estando en un campo de vuelo en Móstoles // pues de repente ver pues / como una especie de torbellino que venía que venía que venía / y claro el campo este era de tierra / y cuando nos quisimos dar cuenta // lo teníamos encima y nunca se me olvidará yo cogía u n / al hermano de uno de lo s amigos que era pequeño / lo metí en el coche pero vamos / o sea el reloj salió volando/ o sea / eso sí*

E: *uhum / o sea ¿que era un a especie de tornado o ? /*

I: *sí pero que se formó en aquella zona / que fue también / pues eso por / sería no sé por el cambio / de presión o lo que fuese pero / y seguido de eso / pues de repente llegó como una especie de tormenta / además un rayo cayó en pues como a un kilómetro // y incendió u n depósito de neumáticos que se / armó una humareda bueno aquello / **aquel** día fue un espectáculo // sí sí sí*

E: *y ¿te notaste tú en peligro? / ¿tú? / quiero decir // (MADR_H12_007).*

O exemplo 21 segue o descrito gramaticalmente, fazendo uso da terceira série para indicar algo que está distante ou que aconteceu a algum tempo. Porém, identificamos usos com a primeira série também, como em 22:

22. E: ¿no? // y p eeh ¿qué puede hacer un joven?

I: claro /

E: ¿y qué puede hacer un joven?

I: peromucha gent / muchos jóvenes que no pueden comprarse aquí piso porque están muy caros / se tienen que ir a la periferia de Madrid // a Pozuelo a Majadahonda o a sitios de **estos**

E: sí / sí sí sí claro / claro // y ahí / eeh ya digo ¿quién quién podría // aportar?

I: ¿quién podríasolucionarlo?

E: ¿y cómo se podría abaratar el suelo? / ¿cómo? / es (MADR_H21_020).

Neste exemplo, o informante utilizou da primeira série para indicar alguns bairros distante do que ele se encontra, fazendo um contraponto com o adjunto adverbial *aquí*, portanto, indicando algo que está longe. Em (23), o informante utilizou da segunda série para fazer referenciar a um garoto, o qual não está nos domínios da primeira e ou segunda pessoa do discurso, que ganhou na loteria:

23. E: hm/ ¿y qué piensas cuando sale en la tele que a Ful / a alguien le han tocado quinientos millones? ¿qué se te ocurre?

I: siempre piendoque lo necesite // que si realmente lo necesita por ejemplo **ese al chico** ese que le tocaron los mil millones / que era de un pueblo de Sevilla un barrio marginal / que eran diez hermanos / y la madre se había muerto // pues ahí me alegré // porque le ha tocado por lo menos a alguien que lo necesita más que yo // ¿sabes? // pero por ejemplo que le toquen mil millones a un rico / pues me sentaría mal / ¿sabes? porque/ o que se lo quede el gobierno / pues me sentaría peor / todavía (MADR_M11_004).

Ao utilizar *ese al chico ese que le tocaron los mil millones*, o informante faz referência a alguém que não está próximo a ele e tampouco ao entrevistador, portanto, é dêitico de 3º pessoa, sendo uma variação ao que é descrito. Desse modo, apresentando um contexto de maior variação.

Sentido Anafórico

A função anafórica visa referenciar algo que já foi mencionado pelo interlocutor e, juntamente com a terceira série, pode ser usada para evitar ambiguidade no texto. Observamos que a função de diferenciação textual anafórica associada à oposição entre *este* e *aquel* não foi encontrada no corpus, possivelmente devido à modalidade.

O predomínio para esta função foi da segunda série *-es*, com 659 casos, seguida da primeira série *-est* com 170 casos e também com a terceira série apenas com 17 casos. Assim,

como já descrito em outras seções, a gramática prevê que o domínio tanto para anáfora, quanto para catáfora, seria da primeira série, porém, Eguren Gutiérrez (1999, p. 944) reconhece que habitualmente nos diálogos, o domínio para se referenciar a algo já dito é da segunda série. Como podemos observar em (24):

24. E: *eeh / ¿habitualmente tratas así de tú a la gente o cómo?*
I: *sí bueno también suelo / depende a las personas mayores no / a*
E: *ahá*
I: *las personas / de más o menos mi edad pues // de tú y a las más mayores pues de usted / se merecen // ese respeto*
E: *por ejemplo eeh bueno a a los vecinos de tu ... de tu bloque ¿cómo los tratas?*
(MADR_H11_002).

O informante MADR_H11_002, retomou o assunto sobre pronomes de tratamento e a questão do respeito em que está implícito ao utilizar cada um, com o demonstrativo *ese*. Desse modo, a norma madrilenha parece estar em consonância com o que é descrito por Eguren Gutiérrez.

Em (25), se identifica o uso da primeira série:

25. I: *sí // bastante // estuvo mirando una amiga mía un piso el otro día // que se l o va a comprar ya y / en un piso igual aquí // de ciento veinte metros cua mm / ciento veinte metros cuadrados / eeh setenta y cinco millones // y en Vallecas que se lo ha comprado pues eran veintiséis //*
E: *¡setenta y cinco millones de pesetas! /*
I: *cincuenta millones menos // lo único que este tenía una plaza de garaje pero vamos / que eso vale tres millones o sea que tampoco // hm / muy caro es este barrio*
E: *o sea que hay /*
I: *hm // zona de dinero*
E: *lo de lode / la posibilidad de comprar piso //* (MADR_H11_002).

Em (25), o mesmo informante utilizou a primeira série para retomar sobre o apartamento que ela havia dito anteriormente. Também encontramos com a terceira série - *aquel* para a função anafórica:

26. I: *ah / bueno el coche el coche destrozado como si lo hubieran abierto con un abrelatas // la cosa es que pusieron la la bolsa / encima / al llegar al al semáforo // pues los coches paran / y la moto se puso en paralelo //*
E: *ah*

*I: y estuvo esperando a que se abriera el semáforo // y cuando abrió el semáforo / soltaron la bolsa encima / y salieron disparados // claro pues los otros cuando quisieron reaccionar / ya había explotado **aquello** /*

E: hm

I: así que (MADR_H33_049).

Neste exemplo, o demonstrativo *aquello* identifica tanto espacialmente o que aconteceu, que está distante de ambas pessoas do discurso no momento da fala, e também retoma o que foi dito sobre o acidente, no caso em questão, retoma a palavra *coche*. Assim, tratando-se de um contexto muito variável e mostrando a inserção de *-aquel*. Para este valor, a série *-es* (78%) foi a mais utilizada, seguida da primeira série *-est* (20%) e apresentando somente 16 casos com a série *-aquel*, representando apenas 2% dos casos totais.

Sentido Catafórico

Para a função catafórica, foram identificados somente 42 casos, sendo entre a primeira e a segunda série. A segunda série *-es* teve o predomínio, com 34 ocorrências e o restante da primeira série. Como já descrito, a gramática prevê que tanto para as funções anafóricas quanto as catafóricas, utilizam a primeira série, porém, pelas análises do corpus, identificamos que a segunda série foi a mais utilizada. Em (27) temos que:

27. E: sus padres se lo dan claro

I: no no no pero ca

E: y luego trabajarno trabaja ninguno

*I: no no pero no porque los padres se lo dan es que a trapichean // es que trapichean // no sé cómo decirte **esto** / pero yo creo que trapichean / trapichean / pues cómo decirte a lo mejor roban cosas // que después venden // y que así manejan dinero*

E: ¿los chavales? (MADR_M21_024).

Neste caso, a informante utiliza a primeira série dos demonstrativos para introduzir o que irá dizer *no sé cómo decirte **esto** pero yo creo que trapichean*. Assim como em (28), em que a informante utiliza a primeira série para introduzir sobre o tema de lojas de marcas:

28. E: claro para quete pueda rentar para toda la vida ¿no?

*I: ¡claro! / sí sí pero vamos disfrú / ¡ah! / bueno me iría / un díade compras // pero en plan **estos de** / no a sitios de marcas / que es que a mí las marcas no me van // yo me iría a / yo que sé a Pimkie a H & M a eso que son camisetas por tres mil pelas / y me llenaría*

ocho armarios de ropa de todos los colores de / pero de tiendas de estas de las que siempre voy / Zara y cosas así // es que a mí la ropa de marca pues lo veo una tontería un poco / pero bueno (MADR_M11_004).

Desse modo, a informante introduz o assunto a ser debatido por meio do demonstrativo *estos*.

Em 29, no exemplo dado pela informante, ela utiliza o demonstrativo *esas* e introduz o que será dito: *soy de esas que que me gusta la familia me gusta coger todo*. Assim, a oração que segue o demonstrativo vem como uma explicação:

29. E: *pues sí ¿eh?*

I: *eso no era*

E: *eso eso en aquella época era muchísimo*

I: *que no estudiaban mucho pero lo que / se preparaban o lo que fuese ¿no? su madre // yo sé muchos refranes de la abuela porque mi madre los sabía y yo // soy de **esas** que que me gusta la familia me gusta coger todo y y / memoria tengo // relativa pero / bastante*

E: *oye C. y entonces tú (MADR_M31_040).*

O mesmo ocorre em 30, em que a informante explicará uma situação sobre ter somente um único filho:

30. E: *¿te gustaría tener hijos?*

I: *sí ¿no? es algo pues yo no sé una mujer // yo creo que tiene ese instinto maternal ¿no? a lo mejor hay gente que no que no cree en él porque quiere tener una vida más libre o tal pero a mí no me disgusta tener hijos / y yo además*

E: *a ti te gustaría ¿no?*

I: *sí además mi familia siempre hemos sido tres entonces / la vida familiar animada ¿no? **eso** de tener un hijo solo tampoco me gusta / por lo menos dos o tres ¿no? porque uno solo luego / se nos vuelve muy tonto / / pero / pero sí / pero sí pero tampoco es un plan futuro que tenga para hacerlo en dos años / o sea a lo mejor pasan cinco pasan siete o pasan diez*

E: *tú imagínate que has terminado ya los estudios y que de pronto te ha tocado la lotería / ¿qué harías? (MADR_M12_010).*

Assim, a informante utiliza o demonstrativo neutro *eso* para explicar que a situação de ter um único filho não lhe agrada, que para ela, o ideal, seriam dois ou três filhos e que esse é seu plano familiar. Para o valor catafórico, segundo Eguren Gutiérrez (1999), a primeira série *-est* é que deveria ser a mais utilizada, porém, os números se mostraram em divergência, pois a série *-est* representou apenas 20% da totalidade, enquanto que série *-es* com 80% dos casos totais.

Operadores conversacionais

Os operadores conversacionais funcionam como um apoio ao falante, utilizado enquanto o interlocutor pensa e reformula seu enunciado. Foram identificados 34 casos e ficaram entre as duas primeiras séries, com predomínio da primeira. No exemplo 31, podemos notar que:

31. I: *el Vaticano todo todo //*

E: *hm*

I: *y en París pue s / dicen que está muy bien ¿no? yo no lo conozco / la torre Eiffel sobre todo // y luego el / el parque **este** de / de París ¿cómo se llama? el de Euro Disney ¿no?*

E: *sí sí*

I: *elEuro Disney ese*

E: *hm // (MADR_H21_020).*

O demonstrativo *este* utilizado foi para fazer referência ao nome do parque em Paris que o informante esteve presente, porém, se nota pela repetição da preposição *de* e também pelo áudio da entrevista, que o informante estava relembrando o nome da cidade em questão, portanto, um operador conversacional. Assim como se percebe também em (32):

32. I: *que lo ha perseguido la policía que lo ha pillado con el coche lleno / el fiscal no se ha presentado / porque considera bueno eso lo dicen los medios de comunicación / considera que no había las suficientes pruebas como para a este señor encausarlo ¡oiga es que verdaderamente! es que*

E: *sí sí*

I: ***esto** es es que esto es 15 hiriente*

E: *uhum*

I: *es que esto es esto es*

E: *es clamoroso ¿no? (MADR_H32_043).*

Neste exemplo (32), também pela repetição dos termos e do próprio demonstrativo, assim como pela escuta da entrevista, se nota a função de operador conversacional. Também, para essa função, encontramos a segunda série assumindo esse valor, como em (33):

33. E: *oye / y<alargamiento/> para divertirse o<alargamiento/> como<alargamiento/> de ocio por tu zona ¿qué<alargamiento/> / qué alternativas existen?*

I: *mira por mi zona // hay un cine que es el Canciller // conocido // muy buen cine // mmm luego hay muchos bares / hay algún <extranjero> pub </extranjero> que otro / pequeñitos // mmm qué más cosas te puedo / decir // yo creo que no hay más <silencio/>*

E: *y<alargamiento/> por ejemplo tú cuando<alargamiento/>*

I: yo <simultáneo> soy una </simultáneo>

E: <simultáneo> <transcripción_dudosa> vas a </transcripción_dudosa> </simultáneo>

I: persona / ¡pff! / es que **esa** es mi <vacilación/> mi / mmm mi gran <vacilación/> / ese es mi gran problema porque<alargamiento/> <ruido = "motor"/> / <ruido = "chasquido lengua"/> a mí me encanta viajar me encanta salir me encanta disfrutar me encanta la naturaleza / irme al campo a la sierra // cosa / que <énfasis> no </énfasis> he podido hacer jamás

E: ¿por qué? / ¿por falta de tiempo? (MADR_M21_024)

A informante utilizou a segunda série *esa* neste momento de coesão textual para se relembrar e conectar as informações que estão sendo ditas. Fica mais nítido escutar o áudio e também pela transcrição, pois se descreve que houve uma *vacilación* e pausas entre a fala, inclusive, a informante retoma a linha de raciocínio, em seguida, utilizando o demonstrativo *ese*. A autora Ruiz- Sánchez (2015) escreve sobre esse valor vazio de significado que a segunda série pode assumir, além da anáfora, catáfora e dêitica:

El pronombre demostrativo neutro “eso” normalmente se refiere a objetos inanimados o ideas previamente mencionadas en el discurso (referencia anafórica), pero también puede referirse a objetos e ideas que se mencionan inmediatamente después (referencia catafórica). Además, “eso” puede tener un uso deíctico al referirse a objetos que podemos señalar en el mundo real. Finalmente, la Real Academia de la Lengua Española reconoce el uso del pronombre demostrativo “eso” en la expresión “y (todo) eso”, pero la considera una muletilla, completamente vacía de significado (Ruiz- Sánchez, 2015, p. 03).

Valores afetivos/ irônicos/ desprezo

Os demonstrativos também podem ser utilizados para criar um valor afetivo, irônico ou até mesmo de desprezo em relação à situação apresentada. Isso ocorre por meio da escolha da série de demonstrativos a ser utilizada. Por exemplo, se o interlocutor usar a primeira série *este* em uma posição em que a gramática descreve com *ese*, isso pode indicar uma sensação de proximidade com o objeto referido. Da mesma forma, o uso de um demonstrativo pode gerar distanciamento e despreço, funcionando como uma crítica. Para esses valores, foram identificadas ocorrências com as três séries, totalizando 20 casos, em que predomínio foi sobre a primeira série com 13 situações. No exemplo exposto a seguir, percebemos que o demonstrativo *este* foi utilizado seguido de uma ofensa e para se referir a uma terceira pessoa que não estava no momento da fala, porém para aproximá-lo da situação exposta:

34. I: *no pero en ese momento sentí y ahora que le he dado el dinero puede hacer lo que le da la gana // eeh puede clavarme la jeringuilla si quiere// claro que acto seguido / o sea si me tch si no me hace nada no aquí no va a pasar nada pero si me clava la jeringuilla le voy a matar // porque ya puestos / yo ya estoy condenado a muerte //*

E: *uhum claro*

I: *y no / miedo / o sea miedo y rabia de lo que te contaba antes // de que yo me iba por las mañanas a currar / a hacer de ordenanza // y venga este imbécil y me quite el dinero // ¡joder! que me lo he trabajado yo*

E: *¿ibas / tú solo / ibas tú solo entonces? (MADR_H13_013).*

O informante utiliza do demonstrativo *este* para acompanhar a ofensa *imbécil* e se referir a uma pessoa que pode lhe assaltar quando ele vai à montanha à trabalho. O mesmo ocorre em (35):

35. E: *¿no? ¿en todo el edificio no se puede en todo el edificio? yo es que*

I: *n o /*

E: *yo es que*

I: *no/ además como te vea el portero como yo digo // este pedazode portero que tenemos*

E: *me tienes que firmar esto / ¿vale?*

I: *¿el qué? / (MADR_M11_004).*

A informante de (35) utiliza da primeira série dos demonstrativos para se referir ao seu porteiro, ou seja, algo próximo a ela, também assumindo a função de dêitico de 1º pessoa, porém com tom de desprezo. Em (36), a informante utiliza da segunda série para se referir ironicamente à linha de metrô que ela precisa tomar para ir e voltar do trabalho:

36. E: *cuando vas al instituto o lo que sea a ver / cuéntame un día cualquiera / lo que te apetezca*

I: *¿qué prefieres / que trabaje todo el día o que trabaje medio día?*

E: *pues lo que prefieras tú*

I: *si trabajo todo el día / nada // me levanto depende / o a las siete o a las seis de la mañana // según entre a trabajar a las ocho o a las nueve // porque los COUs empiezan el bachillerato a las ocho / entonces uno cada día / nos toca a uno turnarnos un poco para que no / entonces me meto en ese maravilloso metro que es la línea cinco // hh que estás hora y media / desde Núñez de Balboa hast hasta Aluche luego haces trasbordo a Campamento // eso sí / leemos novelas // (MADR_M23_034).*

Em (36), a informante utiliza o demonstrativo *ese* junto do adjetivo *maravilloso* para se referir com tom de ironia à linha cinco de metrô, essa observação se observa ainda mais quando escutamos o áudio da entrevista. Já, para essa função, com a terceira série dos demonstrativos, tivemos:

37. E: *más más grandes ¿no? / ¿qué se podría hacer? desde su punto de vista ¿qué se puede?*

I: *¿qué se po ? ¿bajo mi punto de vista? muy muy muy y sobre todo con la experiencia y los antecedentes que ha habido / en otros casos / similares // por ejemplo en Estados Unidos en su momento de la de la ley seca / de la ley seca el consumo de alcohol / pues estaba estaba prohibido ¿no? todos lo sabe todos lo sabemos el tema / ¿y entonces qué pasa? que est había que adquirirlo / por por por otros caminos por unas uno unos precios eeh terribles un una cla una cla una clase de alcohol que creo que **aquello** era / era más o menos un veneno y tal*

E: *uhum*

I: *yo la legalizaba /*

E: *hm hm (MADR_H32_043).*

Neste exemplo apresentado, o informante está se referindo às bebidas alcoólicas e comparando à algumas que são mais baratas a um tipo de veneno. Desse modo, ele utiliza da terceira série *aquello*, para provocar um afastamento para com essa classe de bebidas e também para denotar desprezo com a qualidade do produto.

Formas fixas

As formas fixas encontradas no texto estiveram presentes nas três séries dos demonstrativos, totalizando 25 casos, com maior predomínio da segunda série. Os exemplos encontrados, foram: *esto es, eso sí, eso sí que, eso es, todo eso, luego sí eso, pues eso, en aquel entonces e como aquel que dice*. São expressões vazias de sentido lexical, porém que auxiliam, em um diálogo, para reforçar o que foi dito, encerrar um assunto, trazer uma conectividade entre os termos, aumentando, assim, a coerência da oração. Desse modo, quando os demonstrativos são utilizados como operadores conversacionais (*muletillas*) ou em expressões/ formas/ fórmulas fixas, eles, muitas vezes, irão reafirmar o que foi dito, irão finalizar um assunto e podem auxiliar na mudança para outro tema, e isso permite com que a fluidez do discurso aconteça. Com o demonstrativo da primeira série tivemos a seguinte situação:

38. I: *y entonces se quitan cuando le entra por llamar por teléfono que ya / hh es demasiado pues / **esto es** y entonces realmente para vivir a gusto / estoy mejor / sola con mi hija hh y luego pues mis nietos van mucho // me quedo con ellos cuando han sido pequeños pues / los dos niños pues han ido al colegio / al lado de mi casa y se han quedado a dormir allí o*

E: *claro (MADR_M33_054).*

Neste caso, a informante utilizou a forma fixa *esto es* para conectar as orações e finalizar o assunto dito. Com a segunda série, temos o seguinte exemplo:

39. I: *¿aquí en España? o*

E: *sí / bueno que te haya pasado a ti y no /*

I: *sí bueno en la Comunidad Valenciana nosotros tenemos allí un apartamento por Valencia y / sí ha habido // inundaciones muy fuertes y eso sí / (MADR_H21_020).*

Em 39, o informante utilizou a fórmula fixa *eso sí* apenas para finalizar o assunto e afirmar o que havia sido dito. Com a terceira série, encontramos duas formas fixas: *aquel entonces*, que indica um marco temporal passado, assumindo também o valor de *deixis* de 3º pessoa, e a forma *aquel que dice*⁶⁵, que é utilizada quando a pessoa não quer fazer uma afirmação pessoal e realoca para um terceiro. Como podemos notar em:

40. E: *sí sí*

I: *la el barrio de La Alegría fijate me acuerdo de todo eso // entonces fuimos allí y la mujer nos le / mi padre le compró todo lo que eso y vinimos los dos estaba lloviendo / era un barrio de / barrizal ¡bueno estaba! / yo / me acuerdo de todo porque es que era/ era una cosa sobre // no era costumbre de / de haber*

E: *claro*

I: *pasado yo que era una niña como **aquel** que dice // y ya vinimos a casa y siempre hemos ido comprando hasta que pasó todo // y teníamos cartillas de racionamiento / todavía la conservo yo la cartilla*

E: *¿sí? / ¿y y tie y no tienes mal recuerdo de aquellos años? // o bueno*

I: *pues mal*

E: *no sé cómo / (MADR_M31_040).*

A informante utilizou em duas situações semelhantes essa mesma expressão para terceirizar a afirmação do que está sendo dito, como uma fórmula vazia de significado, apenas como um vício de linguagem.

⁶⁵ Significado e explicação do termo encontrado no site Fundación de la lengua española (<https://www.fundacionlengua.com/es/aquel-dice-dice/art/2460/>) : “No hace mucho conocí a un tipo (un electricista que me hizo una instalación en casa) que no paraba de utilizar esta muletilla. Estuve observándole y me di cuenta de que, para no pillarse los dedos, jamás hacía una afirmación personal, propia. Siempre que se tocaba un tema mínimamente (muy mínimamente) serio, era un otro imaginario (un aquél, un fulano X) el que se atrevía a decir las cosas. Él se limitaba a convertirse en informador, en testigo imparcial, eso sí con bastante buena memoria, como aquel que dice.”

Demonstrativos com função pronominal, determinativo e adjetival:

Como já descrito em seções anteriores sobre as funções que os demonstrativos podem assumir, é válido recordar que a função pronominal inclui os demonstrativos neutros, enquanto que os determinativos e adjetivos não os inclui. É importante destacar que muitos estudos, como os de Alarcos Llorach (1970), de Tomás Jiménez Juliá (2006) e de Eguren Gutiérrez (1999), apenas diferenciam as funções entre pronome e determinativo adjetivo. Aqui, decidimos classificar em três funções, considerando as funções adjetivas como os demonstrativos pospostos ao nome, as determinativas e as posições antepostas ao nome.

Separamos as ocorrências das funções por cada uma das séries dos demonstrativos. A primeira série *-est* possui mais ocorrências com a função determinativa, em sequência com a pronominal e poucos casos com a de adjetiva:

Tabela 06 - Primeira série - *est* - no corpus de Madri, organizado em relação à função assumida

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	96 (43%)	64 (20%)	10 (24%)	
Catáfora	4 (1.7%)	3 (1%)	1 (2.4%)	
Dêiticos 1º pessoa	98 (44%)	226 (72%)	26 (62%)	
2º pessoa	1 (0.45%)	1 (0.33%)	1 (2.4%)	
3º pessoa	3 (1.3%)	5 (1.6%)	0	
Operadores Conversacionais	17 (7.6%)	6 (2%)	3 (7.2%)	
Valores afetivos	3 (1.3%)	9 (2.8%)	1 (2.4%)	
Formas fixas	1 (0.45%)	0	0	
TOTAL	223 (39%)	314 (54%)	42 (7%)	579 (100%)

Fonte: do autor.

Desse modo, conseguimos visualizar que os demonstrativos analisados assumem em maior quantidade o valor de determinativo (54%), seguido dos valores pronominais (39%) e, por último, assumindo o valor de adjetivo (7%). Os determinativos, em sua maioria, se relacionam com os demonstrativos de função dêitica de 1º pessoa (72%) e em seguida da função anafórica (20%). Para o valor pronominal, as funções que se relacionam são as mesmas e também na mesma ordem, em primeiro lugar estão os dêiticos de 1º pessoa (44%) e em seguida as anáforas (43%). Porém, nesse último caso, os valores quase se coincidem. Para o valor de adjetivo, sendo o valor menos recorrente dentre os três, a relação com as funções estabelecidas permaneceram as mesmas, dêitico de 1º pessoa (62%) e anáfora (24%).

As outras funções encontradas nas análises, se distribuem de maneira bastante semelhante entre os valores assumidos, porém, cabe destacar que para a função de operador conversacional de 26 casos, 17 foram de valor pronominal. Para os valores afetivos e/ ou irônicos, de 13 casos, 9 foram de valor determinativo.

Para a segunda série dos demonstrativos *-es*, foram encontrados um grande número de ocorrências com a função pronominal (65%), seguido da função determinativa (33%) e poucos casos, novamente, com função adjetiva (2%). Interessante perceber que houve uma alteração, em relação à primeira série *-est*, pois agora a maior quantidade se deu com valor pronominal, enquanto que anteriormente a maior quantidade se deu com valor de determinativo:

Tabela 07 - Segunda série - *es* - no corpus de Madri, organizado em relação à função assumida

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	485 (87%)	168 (60%)	7 (42%)	
Catáfora	25 (5%)	9 (3%)	0	
Dêiticos 1º pessoa	6 (1%)	32 (11.5%)	1 (6%)	
2º pessoa	11 (2%)	57 (20.5%)	4 (24%)	
3º pessoa	2 (0.36%)	9 (3%)	3 (18%)	
Operadores Conversacionais	5 (0.9%)	2 (0.7%)	0	
Valores afetivos	1 (0.18%)	2 (0.7%)	2 (12%)	
Formas fixas	21 (3.8%)	0	0	
TOTAL	556 (65%)	279 (33%)	17 (2%)	852 (100%)

Fonte: do autor.

Os dados apresentados nos mostram que a série *-es* se relaciona, em maior quantidade, com a função anafórica para os três valores apresentados. Tanto para o valor pronominal, em que assumiu 87% dos casos, para o valor de determinativo com 60% e para o valor de adjetivo com 42%. Os dados mostram essa preferência de relação ocorrente entre as duas primeiras séries, pois na primeira *-est*, a relação se deu, em sua grande maioria, com a função de dêixis de primeira pessoa, enquanto que para a série *-es*, a relação se deu com a função anafórica.

Para essa série (*-es*), a dêixis ficou em segundo plano, pois quando relacionada com a função pronominal, assumiu apenas 5% dos casos, para a função determinativa 20% e na função adjetival assume 24% na dêixis de 2º pessoa e 18% na dêixis de 3º pessoa.

Em relação as outras funções encontradas, a distribuição em relação aos valores, se deu de modo bastante semelhante, o único ponto de destaque se dá para a função de formas fixas, em que os casos encontrados se relacionam em sua totalidade com o valor pronominal.

Para a terceira e última série, a função mais utilizada foi a pronominal (60%), em sequência foram os determinativos (38%) e apenas 2% para a função de adjetivo:

Tabela 08 - Terceira série - *aquel* - no corpus de Madri, organizado em relação à função assumida

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	16 (29%)	0	0	
Catáfora	0		0	
Dêiticos 1º pessoa	0	0	0	
2º pessoa	0	0	0	
3º pessoa	38 (70%)	32 (91%)	2 (100%)	
Operadores Conversacionais	0	0	0	
Valores afetivos	0	3 (9%)	0	
Formas fixas	3 (5%)	0	0	
TOTAL	54 (60%)	35 (38%)	2 (2%)	91 (100%)

Fonte: do autor.

Nesta série *-aquel*, a função que mais se relacionou com todas as séries foi a dêixis, assim como tinha ocorrido na série *-est*. A terceira série apresentou 70% dos casos com a relação de dêitico de 3º pessoa com o valor de pronome, 91% com o valor de determinante e 100% com o valor de adjetivo. Foram encontrados poucos dados para esta série, portanto muitas funções não foram identificadas nas análises. Além da dêixis, analisamos casos com anáfora se relacionando com o valor pronominal (29%), casos de valores afetivos e /ou irônicos com valor de determinante (9%) e casos de demonstrativos assumindo a função de forma fixa com valor de pronome (5%).

Desse modo, concluímos que para a variedade madrilenha, as funções de dêixis e anáfora foram as mais recorrentes, na primeira série houve uma preferência pela dêixis e o valor mais assumido pelos demonstrativos foi o determinante. Para a segunda série, o valor mais recorrente foi o de pronome, porém a função mais utilizada foi a anafórica. Para a terceira série, o valor que

mais apareceu foi, também, o pronominal, porém com maior relação com a função dêitica de terceira pessoa.

4.2 Uso dos demonstrativos em Sevilha

A tabela 09 nos mostra a quantidade de cada um dos demonstrativos utilizados nas entrevistas dos informantes de Sevilha:

Tabela 09 - Quantidade de demonstrativos - Sevilha

Demonstrativos em Sevilla						
1ª série		2ª série		3ª série		Total
Este	120	Ese	160	Aquel	4	1382
Esta	72	Esa	155	Aquella	11	
Esto	126	Eso	549	Aquello	18	
Estas	52	Esas	40	Aquellas	1	
Estos	36	Esos	33	Aquellos	5	
Total	406 (29%)	Total	937 (68%)	Total	39 (3%)	

Fonte: dados desta pesquisa.

A quantidade total encontrada foi de 1382 demonstrativos, sendo que a grande parte dessa ocorrência foi de demonstrativos da segunda classe *es-*, enquanto que a terceira classe *-aquel-* foi pouco utilizada nas falas.

Tabela 10 - Recorrências das três séries dos demonstrativos no corpus analisado de Sevilha

VALOR	EST	ES	AQUEL	TOTAL
Dêiticos 1º pessoa	215 (75%)	71 (25%)	0	285 (100%)
	5 (6%)	79 (94%)	0	84 (100%)
	3 (4%)	37 (49%)	36 (47%)	76 (100%)
2º pessoa				
3º pessoa				
Anáfora	156 (18%)	727 (82%)	0	883 (100%)
Catáfora	7 (29%)	17 (71%)	0	24 (100%)
Operadores Conversacionais	6 (21%)	22 (79%)	0	28 (100%)
Valores afetivos	34 (64%)	19 (36%)	0	53 (100%)
Formas fixas	3 (6%)	43 (88 %)	3 (6%)	49 (100%)
TOTAL	430 (29%)	1014 (68%)	39 (3%)	1483⁶⁶ (100%)

Fonte: da autora.

Diante dos dados quantitativos expostos na tabela 10 e conforme discutimos mais adiante, o valor dêitico presente nas três séries se organiza, nos dados observados de Sevilha, numa relação tripartida, isto é, a série *este* relaciona-se à dêixis de primeira pessoa, enquanto a segunda e a terceira séries, à segunda e à terceira pessoas, respectivamente. Porém, conseguimos analisar, também, algumas variações quanto aos usos e ao que se prevê na revisão da tradição gramatical que fizemos, pois identificamos que para a dêixis de 1º pessoa, em 71 casos (25%), se utilizou a segunda série dos demonstrativos. Do mesmo modo, identificamos nas dêixis de 2º e 3º pessoas variações quanto ao descrito. A mesma variação ocorreu na variedade de Madri, como já supracitado.

Podemos observar que a primeira série (*este*) se relaciona especialmente ao valor dêitico e ao valor anafórico, podendo ainda assumir outros sentidos de maneira mais discreta. Para o sentido de operador conversacional, que auxilia o informante a trazer mais coesão para sua fala,

⁶⁶ O total de funções encontradas dos demonstrativos foi superior ao valor de casos encontrados, pois algumas situações foram classificadas como tendo duas ou mais funções diferentes, exemplo: dêitico e valor afetivo ou dêitico e fórmula fixa.

foram encontrados caso das duas primeiras séries, com maior recorrência da segunda série. Neste ponto, se diferenciou da variedade madrilenha. Em Madri, a primeira série que é a mais utilizada com esta função.

A série *ese* se destaca na função anafórica (727 casos), embora também ocorra expressivamente na expressão de dêixis (187 casos - para as três pessoas do discurso). Para a função catafórica, identificamos as duas primeiras séries, com mais casos utilizando a série *-es*. Para os usos de valores afetivos, irônicos ou de desprezo foram identificados casos somente nas duas primeiras séries, resultando no total 53 situações, com maior destaque para a primeira série. Assim como ocorreu na variedade de Madri.

As formas fixas encontradas resultaram em 49 casos, com exemplos de usos das três séries dos demonstrativos, em que a segunda série dominou a ocorrência, com exemplos de: *eso sí, eso es, todo eso e pues eso*. Por fim, a terceira série foi a de menor ocorrência, se destacando em maior parte para usos de dêiticos de 3º pessoa, seguidos dos casos de formas fixas.

Em resumo, é importante salientar que o sistema de demonstrativos na variedade diatópica e diafásica em questão se concentra principalmente na expressão de valores dêiticos e anafóricos. Para explorar e exemplificar cada um desses usos, organizamos esta discussão conforme os valores apresentados na tabela 10.

Os usos dos demonstrativos na variedade Sevilhana foi o tema inicial dos meus estudos na graduação, que proporcionou a escrita do meu Trabalho final de conclusão de curso (2022) e também alguns artigos (Pinheiro, 2020; 2024) sobre. Esses primeiros contatos, inicialmente, foram com um número reduzido das análises de usos, porém que já nos mostraram as funções assumidas mais recorrentes e que se mantiveram quando ampliadas:

Podemos observar que a primeira série (este) se relaciona especialmente ao valor dêitico (53% dos casos) e ao valor anafórico (40% dos casos), podendo ainda ocupar-se dos demais sentidos de modo mais discreto. É importante observar que apenas o demonstrativo *este* assume valor de operador conversacional. Por sua vez, a série *ese* tem maior destaque na função anafórica (83% dos casos), ainda que ocorra com significativa recorrência na expressão de valor dêitico (16% dos casos). Casos pontuais da segunda série são observados com função catafórica e com valor afetivo. Finalmente, a terceira série caracteriza-se com um uso exclusivamente dêitico, sem variar funcionalmente, portanto (Pinheiro, 2020, p. 22).

Aos ampliarmos os dados, pudemos perceber que os operadores conversacionais não apenas se mantiveram com a primeira série, mas também foram mais utilizadas com a segunda

série. As funções catafóricas e os valores afetivos e/ ou irônicos também se ampliaram para as duas primeiras séries e, também, encontramos variação quanto ao uso da função de dêixis.

Usos dêiticos

Dêitico de 1ª pessoa

Por meio das análises, identificamos que a série *-est* esteve presente em 215 (75%) dos casos, mostrando estar em congruência com o que é descrito na gramática:

41.

E: uhum

I: lo que pasa que agravadas por por los cambios de temperaturas / claro

E: uhum / ¿crees que al final las estaciones se irán alargando hasta tal punto que solo exista verano o invierno?

I: por lo que estamos viendo este año sí / pero habrá que ver muchos años qué es lo que está pasando para tomar una decisión / estas cosas son así / hace falta muchos años para ver que cómo evolucionan / por lo que pasa este año pues parece que sí / pero / es solo un año / es muy poco tiempo

E: uhum / ¿qué estación del año prefiere?

I: primavera

E: ¿por qué? (SEVI_H23_055).

No exemplo (41), o informante utiliza a primeira série *este año sí* para destacar que no ano que está em curso, estão ocorrendo mudanças climáticas perceptíveis. De tal modo que a primeira série foi utilizada para destacar uma situação que está ocorrendo no momento de fala, na situação presente. Também, para reforçar a posição espacial, se utiliza da primeira série para mostrar a proximidade do informante com o espaço referido:

42.

E: uhum

I: tres azulejos uno encima de otro / eso era todos los azulejos que había / no había más / y entonces pues con mucho trabajo pues / y poquito a poco / pues fuimos arreglándolo / nos llevamos dos años para arreglarlo

E: normal / si estaba en esas circunstancias / entonces ¿cuánto tiempo llevas viviendo en este barrio?

I: pues en este barrio / aquí en en la otra casa me he llevado veinte años / y aquí ahora llevo trece / treinta y tres años

E: y ¿dónde vivías antes?

I: pues antes vivía en en la barri / en la barriada de La Paz

E: uhum (SEVI_M31_021).

Em (42), a informante utiliza a primeira série para destacar a proximidade do bairro que ela está se referindo e ainda utiliza o adjunto adverbial de espaço *aquí* para reforçar a ideia. Porém, identificamos alguns casos em que ocorrem a variação entre a primeira e a segunda série para indicar a deixis de primeira pessoa, 5% dos demonstrativos da primeira série assumem dêixis de segunda pessoa e 25% dos demonstrativos da série *-es* assumem valor de dêitico de primeira pessoa. Como, por exemplo em (43):

43.

I: incluso alguno incluso alguno de del colegio de de primaria ¡fíjate! / porque yo viví en este barrio ¿no? / mis padres vi vivían aquí / vivíamos en Triana // y / y los sigo viendo / en en ese

E: increíble

I: espacio que te digo que es el bar / el bar de esta barriada ¿no? // y los sigo viendo // y con algunos sí tengo un poquito de más relación ¿no? / pero / no me atrevería yo a decir a casi ninguno de ellos que son mis amigos / ¿sabes? / y y si lo cuen digo a cualquiera sí sí sí eh sí sí allí / he visto a fulanito / sí sí es mi amigo / mi amigo tal mi amigo cual mi amigo/ y vale sí son amigos / pero no en el mismo sentido que te decía antes ¿no?

E: uhum (SEVI_M13_064).

Em (43), o informante está compartilhando com o entrevistador sobre a casa em que ele viveu quando mais novo, e que seus pais seguem vivendo neste mesmo bairro. O informante utiliza, em um primeiro momento, a primeira série para fazer referência ao bairro “*porque yo viví en este barrio*” e também utiliza do adjunto adverbial de espaço *aquí* para reforçar a ideia de proximidade espacial. Porém, na segunda menção ao bairro, utiliza da segunda série “*y los sigo viendo / en en ese ... espacio que te digo...*”.

Neste próximo exemplo (44), a informante utiliza a segunda série do demonstrativo para fazer referência a um trabalho, que está próximo a ela, e para reforçar esta proximidade, utiliza o adjunto adverbial *aquí*:

44.

E: muy abiertos

I: muy abiertos / en le / vamos / los inconvenientes que encuentro en esta / personalidad / social

E: sí / sí

*I: es / mmm // que no hay un / cómo lo diría / no hay una / mmm / responsabilidad muy grande cuando / bueno / no somos muy responsables / en el sentido de / laboral / ¿no? / que a lo mejor en otros países sí he visto que / si dicen mañana hay que tener este trabajo se tiene **ese** trabajo / aquí / bueno / es más menos un día / el el típico la típica frase ¡ya nos vemos!*

E:

I: *pues noes ya nos vemos mmm de verdad / sino que puede que ocurra o puede que no*

E: *o puede que no ocurra.*

A informante (44), navega entre as duas primeiras séries para fazer referência a mesma palavra *trabajo*. Em um primeiro momento utiliza a primeira série *este trabajo*, porém logo em seguida altera para o demonstrativo determinativo *ese*.

Dêitico de 2º pessoa

Como já citado e explicado, a deixis de segunda pessoa é um referenciador exofórico que indica espacial e temporalmente lugares e objetos que estão no campo da segunda pessoa do discurso. Deste modo, temos os seguintes exemplos:

45.

E: *la verdad es que sí / pero bueno / y en el barrio que vivías antes / me dijiste / en La Romería*

I: *sí*

E: *¿cómo era ese barrio?*

I: *pues ese barrio era un poco más de obrero / pasa que es muy buena gente*

E: *uhum*

I: *estaba contento / yo tenía mis amigos / porque yo siempre // aunque a las personas las tuteo las respeto / mucho más que a lo mejor gente que le habla de usted a otros señores*

E: *uhum (SEVI_H22_032).*

Em (45), o informante faz referência ao bairro que morava quando era criança, portanto, uma situação passada. O informante, pode ter sido influenciado pela própria pergunta do entrevistador, uma vez que ele introduz a indagação já com o demonstrativo da segunda série. Assim como em (46), em que a informante utiliza segunda série para referenciar outra cidade próxima a Jaén. Ela utiliza, também, o adjunto adverbial *ahí*, para indicar uma não proximidade com o local referido:

46.

E: *Jerez ¿no?*

I: *Jerez que también es de Cádiz / pero bueno Jerez / ¿no? / eh mmm Jaén // no la conozco*

E: *no / ¿no?*

I: no Jaén / la parte de Jaén / Baeza / toda esa parte de ahí / no / pero de todas las demás / y de Málaga / parte de Málaga

E: uhum uhum

I: también la conozco / por Nerja y esa parte de ahí también

E: uhum y ¿qué ciudad te ha gustado más? (SEVI_M21_018).

Em (47), o informante está compartilhando sobre sua viagem a Granada e as visitas realizadas. Foi uma viagem que ocorreu há algumas semanas, como destacado pelo próprio informante. Ele utiliza a primeira série para fazer referência ao feriado que se emendou e ocorreu em abril. Em espanhol, se utiliza a palavra *punte* para fazer referência a um feriado prolongado:

47.

I: cerca de Granada / bueno pues fuimos un día a Alhama de Granada / yo decía ¡qué pueblo más bonito! / yo nunca había escuchado hablar de él pero qué bonito / unos tajos el pueblo ahí en él y ahora hemos estado hace poco hace poco no hace un par de semanas / en el puente este último de de últimos de abril / en en Arcos / en / ¿dónde era lo otro?

A: Tarifa

O informante (47) utiliza verbos no passado e o adjunto adverbial *ahí*, mas ao referenciar uma ponte que foi visitada, utiliza da primeira série, porém é uma variação mai discreta com apenas 5 casos (6%).

Dêitico de 3º pessoa:

A terceira série dos dêiticos, como já mencionado, faz referência a situações e ou objetos que estão fora do campo da primeira e segunda pessoa do discurso, portanto, é algo mais distante espacial e temporalmente. Em (48), o informante utiliza a terceira série dos demonstrativos para introduzir o bairro que ele morou durante sua infância, e assim, demonstrar um tempo passado maior:

48.

E: uhum / uhum / ¿has vivido siempre<alargamiento/> en este barrio?

I: no / me crié<alargamiento/> en el barrio de Madre de Dios

E: ¿y qué tal? / ¿ves la diferencia entre?

I: no tiene nada que ver

E: no tiene nada que ver ¿no?

I: no tiene nada que ver // es que tampoco tiene nada que ver la época

E: uhum

*I: **aquel** barrio cuando yo me criaba / que tenía ocho nueve años / era un barrio muy bonito y muy bueno de trabajadores también (SEVI_H21_006).*

Assim como em (49), a informante utiliza a terceira série para indicar algo que ficou em um tempo passado e já está distante da realidade presente. No exemplo a seguir se nota essa referência a um passado, pois a informante destaca que “naquela época quando não existia aparelho celular ainda...”:

49. I: pues<alargamiento/> J es<alargamiento/> / un niño / bueno un niño / un hombre <risas = “E”/> un poquito especial ha sido siempre un poquito especial // pues<alargamiento/> mmm ¿qué te voy a decir yo de <vacilación/> de mi hijo? / ha sido<alargamiento/> <simultáneo> un poquito </simultáneo>

E: <simultáneo> describemelo ¿cómo es físicamente? </simultáneo> empieza por ahí

*I: <tiempo = “33:06”/> físicamente / pues físicamente<alargamiento/> / es<alargamiento/> es delgado / eh<alargamiento/> muy delgado / mmm <risas = “E”/> no es muy alto / eh<alargamiento/> es guapo eh eso lo dicen las <vacilación/> lo dicen las niñas / que tiene <vacilación/> tiene niñas por <vacilación/> desde que tenía trece o catorce años / me tenían la casa <risas = “E”/> / invadida de las niñas y <vacilación/> / y<alargamiento/> el teléfono no dejaba de sonar en **aquella** época cuando no había móviles todavía / y<alargamiento/> bueno / tiene una sonrisa muy especial / una mirada también que es muy lindo / físicamente es un niño lindo // y después pues ha sido complicado porque mmm no ha sido buen estudiante y eso yo lo he llevado muy mal / pero bueno / al final terminó su carrera / ahora mismo<alargamiento/> está en Londres vive en Londres / después de haber tenido como cuatro o cinco novias <risas = “E”/> / pues ahora ya lleva dos años con su pareja / no / dos no / lleva tres años ya / y muy estable los veo<alargamiento/> felices / ahora mismo acaban de hacer un viaje a Croacia // y<alargamiento/> pues aunque a él le gustaría venirse para España pues<alargamiento/> están haciendo vida en Londres y a largo plazo porque tal como está el panorama / laboral aquí no creo que vuelvan <ruido = “chasquido_boca”/> de momento”*

Mas, também temos alguns pontos de variação quanto a deixis de terceira pessoa. Esta variação ocorre com a segunda série *-es* e esse uso variável está previsto pela tradição gramatical, associado apenas à América. A informante 50, utilizou a segunda série para fazer referência a uma estadia antiga que ela já morou e que está distante, espacialmente, tanto dela quanto do entrevistador:

50. E: *uhum*

I: *en la calle Grabadores*

E: *y ¿cómo era aquella casa?*

I: *e ese piso era un poquito más pequeño*

E: *uhum*

I: *tenía un cuarto de baño solamente / el salón también era más pequeño / y después tuvimos oportunidad de cambiarnos aquí / porque la casa era mejor / esta casa tiene ascensor / la otra no la tenía / nosotros vamos para mayores / necesitábamos también una comodidad más*

E: *uhum.*

A entrevistadora utiliza da terceira série em sua pergunta *aquella casa*, mas a informante utiliza da segunda série. Essa mudança pode ter ocorrido devido a que a informante morou na casa no passado e, portanto, para ela, era apenas uma referência passada e não tão distante, como a entrevistadora coloca.

Sentido Anafórico

Assim como já encontrado na variedade madrilenha, a segunda série foi a mais utilizada para identificar este valor. Eguren Gutiérrez (1999) já havia descrito tal preferência para a modalidade oral, porém as gramáticas descrevem que a primeira série é a que deveria ser empregada para as funções fóricas: anáfora e catáfora. Em 51 temos que:

51.

E: *claro*

I: *además de forma altruista / completa*

E: *claro*

I: *completamente altruista / nuestro tiempo se lo damos por entero mmm a ellos / a esta a una asociación de vecinos de aquí del barrio también que es la que / tuvo la idea // y y entonces claro mi día a día es este ¿no? mmm / si tenemos proyectos de / con el Colectivo Surcos de edición de libros como solemos tenerlo / pues / ir avanzando en eso / los trabajos de transcripciones que tú sabes que son tremendos / los trabajos también / ahora estamos / eh mmm intentando hacer un guion para una entrevista a un historiador / que ya (SEVI_H33_059).*

O informante retoma as atividades que ela citou, que são as associações de vizinhos do bairro, e para isso, utiliza da primeira série dos demonstrativos, estando presente em 18% dos casos anafóricos analisados. Já o próximo informante (52), utiliza a segunda série para retomar a explicação dele sobre a eutanásia, fazendo parte dos 82% da totalidade:

52. I: entonces esa persona ya su vida manda él mismo

E: uhum

I: si él dice <cita> mira / yo me quiero suici<palabra_cortada/> me quiero <vacilación/> porque no / tengo vida propia / vivo a costa de los demás </cita> / yo no veo de acuerdo en eso

E: claro / uhum

I: la verdad que sí / en ese sentido nada más ¿eh?

E: sí // uhum

I: es lo que yo<alargamiento/> opino / esa es

E: uhum

I: es doloroso / porque es <simultáneo> doloroso </simultáneo> (SEVI_H11_002).

Sentido Catafórico

Para este valor foram encontrados apenas 24 casos, sendo o valor com menos recorrência nesta variedade da língua. A segunda série foi a mais utilizada. A catáfora é utilizada para introduzir um novo assunto ainda não citado, em (53), a informante explicará sobre o fato de muitos religiosos não comerem carne na sexta-feira santa e o contexto que fez com que isso surgisse desde a idade média:

53. I: pues los pestiños / los cocidos con bacalao / con el rollo este de que no se puede comer carne / por lo menos según las creencias religiosas

E: uhum

I: con **esto** de que en la Edad Media la carne era muy carísima y había mucho pescado / pues inventaron el rollo de que en viernes no se podía comer carne / y había que comer pescado / entonces el bacalao con tomate / el bacalao al pil pil / las cocochas de bacalao / el cocido de bacalao / las espinacas con garbanzo / ¡todo menos carne!

E: ¿se te hace difícil no comer carne en esa semana? (SEVI_M23_065).

A informante (53) utiliza, assim, para introduzir sua explicação, a primeira série dos demonstrativos *esto*, estando presente nos 29% dos demonstrativos com função catafórica. Já em (54), o informante explica qual seria o seu maior desejo para os seus filhos, e para isso, ao introduzir sua resposta, utiliza da segunda série, que apresentou 71% dos usos totais de catáforas:

54. I: la mayor porque lo compró antes de la de esta mal llamada crisis / lo compró y / el coche está que se cae a trozos / y se el otro día / se le rompió el embrague / y se planteaba comprarse uno / y empieza a echar números y dice ¡qué va qué va qué va! papá ¡qué va! / imposible / ¡qué va! / no puedo / porque mmm / este año me han llamado el año

*entero / pero el año pasado fue solamente un trimestre / y el año que viene yo no lo sé/
entonces viven en una situación / de interinidad en to en todos los sentidos // triste / triste
/ entonces mi mayor deseo sería ese mmm que a mi hija la 45 llamaran / a la chica la
llamaran para hacer una no una película sino dos tres y*

E: una serie

I: y además que le pagaran con dignidad

E: sí (SEVI_H33_059).

Operadores conversacionais

Para este sentido, foram identificados 28 casos, com maior destaque para a segunda série (79%). Muitos informantes utilizaram o demonstrativo neutro *eso* para complementar alguma informação ou para finalizar alguma oração, de modo que o demonstrativo não represente nada, apenas um fechamento de ideia:

55.E: uhum

I: y cuando se acababa tu labor allí / pues te tenías que marchar

E: y hoy en día entra la gente como quieren

I: se se quedan / y hay una facilidad de entrada total / le falta mucho control / y eso / por ahí sí se podía erradicar gran par gran parte de lo digamos / de todo lo que hay malo en de los inmigrantes aquí en este país

E: uhum / ¿crees que Sevilla Este es un barrio seguro? (SEVI_H22_032).

O demonstrativo empregado não possui nenhum valor explicativo, está sendo empregado apenas para ajudar o informante a concluir sua ideia e também conectá-la com a seguinte informação. Neste próximo exemplo, o informante utilizou a primeira série (21%) para trazer este auxílio em sua frase:

56. I: pues una está trabajando en un tema de venta de/ de maquinaria de oficina de<alargamiento/> en fin / de esta de ¿cómo se llama? de fotocopidora y demás // y eso mi niña..."

Neste exemplo (56), o informante está tentando se lembrar do nome da loja em que a filha trabalha, para isso, utiliza o demonstrativo *esta* para lhe auxiliar.

Esta função dos demonstrativos foi mais utilizada pela segunda série *-es* (79%) e conseguimos identificar alguns poucos casos com a primeira série *-est* (21%), não aparecendo ocorrências com a terceira série *-aquel*. A tradição gramatical aponta que é um uso habitual na

hispanoamérica e que pode aparecer com os demonstrativos das duas primeiras séries, como pudemos visualizar. Para Eguren Gutiérrez (1999, p. 943), a primeira série *-est* costuma aparecer sozinha para indicar este valor e a segunda série *-es* tende a vir acompanhada de outras formas, como “*y todo eso es*” ou “*eso es*” y “*eso que*”. Mas, também, pode aparecer como o chamado “*eso polémico*” que seriam as formas: *eso sí, eso sí (que no), eso no, eso es, eso nunca, lejos de eso, todo menos eso, nada de eso, pero de eso a, etc.* O autor (1999) também aborda que esta função pode ser assumida pelas formas femininas dos demonstrativos, como conseguimos comprovar por meio do exemplo 56.

Valores afetivos/ irônicos/ desprezo

Este valor apareceu em 53 casos na variedade sevilhana, superando os valores encontrados na variedade de Madri. Os casos apareceram com os usos das duas primeiras séries, com maior destaque para a primeira série *-est*. Em (57), é possível perceber a informante utilizando do desprezo para se referir às mulheres que deixam suas heranças para seus animais de estimação. O demonstrativo *estas* empregado tem função determinativa e acompanha o adjetiva “*viejas*”, intensificando o menosprezo e tom de julgamento:

57. E: *¿y qué piensas tú cuando a alguien le toca una<alargamiento> cantidad de dinero muy grande?*

I: *depende // si <vacilación/> / es una persona que no conozco de nada pues pienso / <cita> ¡qué suerte tiene el jodido! </cita> / jodido por no decir otra palabra más grande*

E: *uhum*

I: *pero<alargamiento/> si es alguien que conozco / y sé<alargamiento/> que lo está usando mal / pues me fastidia / me fastidia por el hecho de que no lo tengo yo y no puedo usarlo yo de otra manera / pero vamos que cada uno con su dinero hace lo que le da la gana*

E: *pues sí*

I: *pero estas viejas que dejan veinte o cincuenta millones de dólares a su perro / a mí me da mucho coraje (SEVI_M11_014).*

Neste próximo exemplo (58), o informante utiliza do demonstrativo *este* para se referir ao *slogan* feminista, que segundo ele, seria de “*nós parimos, nós decidimos*” (tradução nossa), porém com um sentido de julgamento e menosprezo. O assunto surge quando o entrevistador lhe pergunta sobre o aborto e se ele estaria de acordo. O informante é contra o aborto e diz que não

gostaria que nenhuma mulher de sua família o faça. Deste modo, tanto pela escrita, como também pela escuta da entrevista, é possível perceber o tom de julgamento empregado:

58. E: *¿qué piensas tú?*

I: *el aborto ya eh son / palabras mayores en ese en este caso ¿no? / el aborto / yo fundamentalmente no me gustaría que ninguna de mi familia nadie de mi familia abortara*

E: *uhum*

I: *eso te soy to totalmente sincero / yo eso de que el eslogan este tipo feminista de nosotras parimos nosotras decidimos / yo la verdad no lo veo porque esa una vida que está que está dentro de la persona / es una vida independiente de la persona / aunque se esté nutriendo de la sangre de la persona / eso de nosotras parimos nosotras decidimos / esa persona está engendrada por dos personas / todo se ha engendrado por dos personas / se ha fecundado / el óvulo se ha fecundado*

E: *claro (SEVI_H32_036).*

Em (59), o informante está discorrendo sobre os estrangeiros que saem dos seus países e buscam refúgio em outros e as possíveis guerras que podem ser geradas por estas situações. O informante utiliza a segunda série para se referir aos estrangeiros e refugiados, dizendo que a culpa por muitos problemas sociais são deles. O tom de desprezo se inicia desde o início da conversa, por meio do posicionamento político e social que o informante ocupa:

59. I: *yo espero no vivirlo / hombre / porque ver otra vez / pelearse otra vez los países entre ellos*

E: *<simultáneo> sí sí sí </simultáneo>*

I: *<simultáneo> lo veo </simultáneo> una tontería / más que nada por la gente / y los niños<alargamiento/> / y las familias que / por culpa de esa gente / que después / los que realmente crean la guerra son los primeros que salen corriendo*

E: *por su<palabra cortada/> sí es verdad / te doy la razón / sí sí <simultáneo> sí sí </simultáneo> (SEVI_H11_002).*

Para este sentido, encontramos somente valores irônicos e de desprezo. Não foram encontrados casos com valores afetivos positivos. Todos os casos, tinham em comum, a estrutura de um demonstrativo, que tinha função de determinante, e em seguida um substantivo amplo para se referir ao grupo social que estaria sendo julgado e ou menosprezado. Por exemplo, muitas ocorrências foram de “*esa gente*”, “*esa persona*”, “*esa mujer*”, “*esa madre*”.

Formas fixas

As formas fixas ou como também nomeamos de “fórmulas fixas”, apareceram em 49 casos, em que a maioria foi da segunda série dos demonstrativos, porém, encontramos casos nas três séries. Em (60), o informante utiliza a estrutura “esto sí”, para concluir o que estava dizendo e também confirmar sua informação:

60. E: *uhum*

I: *¿eh? / vas en el coche / vas en / esto es una herramienta llevarlo en lo alto /*

E: *uhum*

I: *para cualquier tema / esto sí / pero para eso nada más ¿eh? // no cojo por ejemplo yo llevo compañeros que he llevado antes // y vamos / hacemos un mercado / terminamos // nos subimos en el camión*

E: *uhum* (SEVI_H21_006).

Com a segunda série, encontramos algumas formas: *esa es/eso es, por eso, todo eso, eso sí* e *eso entonces*. Neste próximo exemplo (61), conseguimos visualizar um dos usos:

61. A: *Varadero*

I: *hum / no somos muy de playa / con lo cual tampoco a mí se me hizo muy largo estar allí tres o cuatro días en una playa*

A: *también estuvimos en un 30 cayo*

I: *estuvimos haciendo snorkel / eso sí nos gusta mucho*

E: *uhum* (SEVI_M31_021).

A informante (61) utilizou a forma “*eso sí*” para confirmar sua informação e reafirmar sua escolha e preferência por um esporte na praia. Para a terceira série, encontramos três casos com as seguintes formas: *en aquel entonces* e *aquello es*. No exemplo a seguir (62), a informante utilizou a forma *en aquel entonces*, para se referir a um tempo passado distante:

62. E: *y ¿catástrofes de esas recuerdas de cuando eras pequeña?*

I: *bueno / yo era muy pequeña cuando hubo aquí en Sevilla una riada*

E: *uhum*

I: *y recuerdo yo que donde yo vivía antes llegó<alargamiento/> el agua / yo vivía en la parte alta / pero en el patio llegó<alargamiento/> hasta un metro de altura / y ya hubo muchísimas casas que se dañaron / la verdad que sí*

E: *uhum*

I: *hubo <vacilación/> / mmm entonces **en aquel entonces** era la iglesia la que se dedicaba también a ayudar a los damnificados*

E: *uhum* (SEVI_M31_021).

Demonstrativos com função pronominal, determinativo e adjetival:

Tabela 11: Primeira série - *est*

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	79 (44%)	72 (31%)	5 (30%)	
Catáfora	5 (3%)	1 (0.4%)	1 (6%)	
Dêíticos 1º pessoa	76 (42%)	133 (57%)	6 (36%)	
2º pessoa	0	5 (2%)	1 (6%)	
3º pessoa	1 (0.6%)	0	2 (12%)	
Operadores Conversacionais	3 (1.7%)	3 (1.3%)	0	
Valores afetivos	14 (7.8%)	18 (7.7%)	2 (12%)	
Formas fixas	3 (1.7%)	0	0	
TOTAL	181 (42%)	232 (54%)	17 (4%)	430 (100%)

Fonte: do autor.

Para a primeira série *-est*, identificamos que com o valor pronominal a função que mais se relaciona é a de anáfora (44%), assim como pudemos observar na série *-es*. Para o valor pronominal, também identificamos que os dêíticos de primeira pessoa foram de bastante ocorrência (42%), situação bastante semelhante ao que ocorreu na variedade madrilenha. Para o valor determinante, as relações mais estabelecidas foram de dêixis de primeira pessoa (57%), seguida de anáfora (31%), situação igual à variedade madrilenha. Para o valor de adjetivo, novamente, os números são menores, porém as relações se mantiveram, dêixis de primeira pessoa (36%) e anáfora (30%).

Com as outras funções, os valores foram menores e as ocorrências se distribuíram de maneira quase que igualitária, as formas fixas se mantiveram entre as duas primeiras séries, assim como na variedade madrilenha.

Tabela 12: Segunda série - *es*

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	534 (81%)	184 (55%)	9 (45%)	
Catáfora	14 (2%)	3 (0.9%)	0	
Dêíticos 1º pessoa	18 (2.7%)	48 (14.3%)	5 (25%)	
2º pessoa	20 (3%)	55 (16%)	4 (20%)	
3º pessoa	8 (1.2%)	27 (8%)	2 (10%)	
Operadores Conversacionais	19 (2.9%)	3 (0.9%)	0	
Valores afetivos	6 (0.9%)	16 (4.8%)	0	
Formas fixas	43 (6.5%)	0	0	
TOTAL	662 (65%)	336 (33%)	20 (2%)	1018 (100%)

Fonte: do autor.

Os valores assumidos pelos demonstrativos na variedade sevilhana foram, em maior quantidade, pelos pronominais (65%), assim como observado na variedade madrilenha também. O valor pronominal se relacionou bastante com a função anafórica (81%) e apenas 3% com a função de dêixis de segunda pessoa. Para o valor de determinativo, também houve maior correlação com a anáfora e redução dos números em relação com a dêixis. Por último, para o valor de adjetivo, a maior relação também foi com a anáfora.

É interessante observar que ambas as variedades espanholas analisados apresentam correlações de valor e função de modos bastante semelhantes. Para a segunda série *-es*, percebemos que as ocorrências dos demonstrativos se dão pelos valores pronominais e pela função anafórica.

Tabela 13: Terceira série - aquel

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	0	0	0	
Catáfora	0	0	0	
Dêíticos 1º pessoa	0	0	0	
2º pessoa	0	0	0	
3º pessoa	18 (95%)	15 (88%)	3 (100%)	
Operadores Conversacionais	0	0	0	
Valores afetivos	0	0	0	
Formas fixas	1 (5%)	2 (12%)	0	
TOTAL	19 (49%)	17 (44%)	3 (7%)	39 (100%)

Fonte: do autor.

Com a terceira série dos demonstrativos - *aquel*, tivemos números mais baixos, pois não foram muito utilizados pelos informantes. Mas, é possível observar que os valores pronominais (49%) e de determinante (44%) são os mais ocorrentes e, novamente, o valor de adjetivo é pouco visível (7%). As únicas relações que encontramos foram com a dêixis de terceira pessoa, quase me sua totalidade, e também um único caso de forma fixa com valor de pronome (63) e dois casos com valor de determinante (64):

63 "I: <tiempo = "14:04"/> todo el mundo tiene Facebook fuera / y es como por facilitar el trabajo

E: ya

I: aunque yo algunas veces creo que es para<alargamiento/>

E: controlar

I: no y para entretenernos más

E: bueno

I: porque te terminas entreteniendo / y después / el listín corporativo que es donde tenemos el<alargamiento/> / donde vemos la<alargamiento/> / el<alargamiento/> el teléfono / el móvil y demás / también tiene foto / y tiene un poco<alargamiento/> como un perfil de tu

vida / que te lo publican obligatorio desde recursos humanos / y es una forma de<alargamiento/> cotillear también que tiene allí la gente

E: totalmente porque yo he bicheado más de una vez el perfil de ¿este quién es? y le he visto la <simultáneo> foto </simultáneo>

I: <simultáneo> por </simultáneo> la blackberry / ¿no?

E: sí

*I: sí sí **aquello** es<alargamiento/> / no tienes mucha intimidad que digamos" (SEVI_H13_052).*

64. "E: y ¿catástrofes de esas recuerdas de cuando eras pequeña?

I: bueno / yo era muy pequeña cuando hubo aquí en Sevilla una riada

E: uhum

I: y recuerdo yo que donde yo vivía antes llegó<alargamiento/> el agua / yo vivía en la parte alta / pero en el patio llegó<alargamiento/> hasta un metro de altura / y ya hubo muchísimas casas que se dañaron / la verdad que sí

E: uhum

*I: hubo <vacilación/> / mmm entonces en **aquel** entonces era la iglesia la que se dedicaba también a ayudar a los damnificados*

E: uhum" (SEVI_M31_021).

Após as análises de Madri e Sevilha, foi possível observar que para a primeira série dos demonstrativos, em ambas variedades da língua espanhola, a função mais recorrente foi a de determinativo e em sequência, a pronominal. Para a segunda série dos demonstrativos, tanto na variedade madrilenha, quando na sevilhana, observamos uma inversão nas funções mais recorrentes. Em primeiro lugar, a função pronominal e em sequência, a função determinativa. Para a terceira série, como os dados foram menores, as taxas não tiveram muita variação de uma função para a outra. Porém, a função de valor adjetivo, teve baixa ocorrência em todas as séries dos demonstrativos nas duas variedades analisadas.

4.3 Uso dos demonstrativos em Havana

Para a última variedade analisada, temos os informantes de Havana - Cuba, em que obtivemos 1620 ocorrências de demonstrativos:

Tabela 14 - quantidade de demonstrativos – Habana

Demonstrativos em Habana						
1ª série		2ª série		3ª série		Total
Este	120	Ese	247	Aquel	23	1694
Esta	85	Esa	251	Aquella	36	
Esto	73	Eso	491	Aquello	56	
Estas	20	Esas	134	Aquellas	6	
Estos	57	Esos	91	Aquellos	4	
Total	355 (21%)	Total	1214 (72%)	Total	125 (7%)	

Fonte: dados desta pesquisa.

Por meio da tabela 14, é possível notar que a segunda classe dos demonstrativos também foi a de maior recorrência pelos informantes de Havana, assim como notado nas variedades analisadas anteriormente. Da mesma maneira que a terceira classe também foi a de menor recorrência, porém com valores mais elevados que o observado até então.

Tabela 15: Recorrências das três séries dos demonstrativos no corpus de Havana

VALOR	EST	ES	AQUEL	TOTAL
Dêiticos 1º pessoa 2º pessoa 3º pessoa	217 (53%)	193 (47%)	0	410 (100%)
	10 (6%)	148 (94%)	0	158 (100%)
	0	34 (24%)	107 (76%)	141 (100%)
Anáfora	103 (12%)	742 (87%)	13 (1.5%)	858 (100%)
Catáfora	10 (42%)	12 (50%)	2 (8%)	24 (100%)
Operadores Conversacionais	12 (39%)	14 (45%)	4 (13%)	31 (100%)
Valores afetivos	8 (31%)	12 (46%)	6 (23%)	26 (100%)
Formas fixas	0	72 (99%)	1 (1%)	73(100%)
TOTAL	361(21%)	1227 (71%)	133 (8%)	1720⁶⁷ (100%)

Fonte: da autora.

Assim como já exposto nas análises das tabelas de Madri e de Sevilha, encontramos em Havana 1695 casos dos demonstrativos empregados ao longo das entrevistas, porém, isso nos resultou em 1720 funções aplicadas, já que em algumas situações empregadas, os demonstrativos assumiram mais de um valor. Os números encontrados foram divididos na tabela 15 conforme a série do demonstrativo e seu valor dentro do enunciado. Foram encontrados valores anafóricos, catafóricos, de dêixis, operadores conversacionais, valores afetivos/ irônicos/ de desprezo e fórmulas fixas.

Em Havana, a segunda série foi a mais utilizada, quase que resultando na totalidade dos casos, fator esse de diferença em relação com as outras variedades analisadas. Desse modo, é possível observar uma redução em relação aos usos dos demonstrativos. Os valores totais de Havana também foram superiores às variedades espanholas analisadas, bem como, a terceira série dos demonstrativos teve uma maior aparição nesta variedade em questão.

⁶⁷ O total de funções encontradas dos demonstrativos foi superior ao valor de casos encontrados, pois algumas situações foram classificadas como tendo duas ou mais funções diferentes, exemplo: dêitico e valor afetivo ou dêitico e fórmula fixa.

A primeira série, assim como nas variedades anteriores, segue sendo mais associada com os casos de dêixis de primeira pessoa e em sequência com o valor de anáfora. Enquanto que os outros valores seguem com números aproximados nas três variedades analisadas. A segunda série também se manteve com os maiores números na função anafórica, porém, as variedades espanholas não possuem números muito elevados para os outros valores, já em Havana, isso ocorre. Para a segunda série também foram identificados vários casos de dêixis, com números bastante próximos entre a primeira e a segunda série. Sendo, portanto, um caso de variação quanto aos usos. A terceira série apresentou valores de dêixis de terceira pessoa e alguns casos de anáfora, operadores conversacionais e valores afetivos/ irônicos e/ou de desprezo. Para explorar e exemplificar cada um desses usos, organizamos esta discussão conforme os valores apresentados na tabela 15:

Usos dêiticos

Dêitico de 1º pessoa

Por meio das análises, identificamos que a série *-est* esteve presente em 217 (53%) dos casos e a segunda série *-es*, esteve presente em 193 (47%) casos, de modo que os valores foram bastante próximos, sendo um caso de variação em relação ao descrito na tradição gramatical visitada neste estudo. Nossa hipótese é que a forma da série *-es* está avançando sobre *-est* nesta variedade para a função dêitica, dados que os valores se aproximam, enquanto que nas variedades da península isso não ocorre. Seria uma redução que se parece ao que ocorre no português brasileiro. Esse uso não é notado em Sevilha e tampouco Madri, sendo um possível sistema de acomodação próprio da língua.

Em (65), evidencia-se um caso em que o demonstrativo *este* foi empregado como dêitico de primeira pessoa:

65. E: y / E. // ¿ahora por ejemplo / qué es lo que hacen tus hijos cuando salen a divertirse si lo sabes? //

I: bueno mis hijos / mmm // el tiempo que estu / estuvieron aquí / porque no están aquí / me queda uno nada más aquí // que es M. // y salía muy poco porque estaba / estaba estudiando y // no era de / muy salir /

E: ¿y los otros cuando estaban?

*I: y ahora/ y ahora en **este** momento es un muchacho de edad ya / con / casado / con una familia y los otros cuatro están afuera // tres varones y una hembra // (LHAB_H31_025).*

Neste caso apresentado, o determinante empregado é ainda reforçado com as palavras “momento” e “ahora”, para indicar o tempo presente. Em (66), a informante cubana utiliza o demonstrativo com função pronominal para apontar e fazer referência a um amigo que seria o exemplo de uma boa amizade:

*66. I: sí / eh yo tengo amigos de la niñez yo tengo muchos amigos porque / estando en cuarto grado / tuve que cambiar de vivienda para / porque a mami le habían dado casa / y / ahí creé nuevos amigos // casi todos mis amigos se han ido del país / así que no me quedan muchos amigos // y los amigos realmente así amigo s / cuando uno puede [Y1] cuando te puedo decir no este tuve amigo fue cuando estuve en el técnico medio / ahí tuve realmente los verdaderos amigos que creé los tuve ahí / más / los que tengo después ya en la universidad / cuando empecé la universidad / eh ahí esta amiga que te digo que es como si fuera mi hermana es de la universidad y además / éramos vecinas después / cuando permuté llegamos a ser vecinas // pero // los intereses van cambiando / cuando uno es adolescente no es lo mismo y / desgraciadamente también a mí me tocó vivir la etapa esta de período especial donde / las diferencias se marcaron donde / mi familia no era una familia pobre pero era muy sencilla / no era pobre de no sé hay de tengo amistades que dicen no porque nosotros pasamos hambre porque nosotros pasamos necesidad/ no nosotros / quizás no teníamos / las mejores ropas y los mejores zapatos / pero nunca pasamos necesidad en el sentido de que mi mamá / era una maestra en el arte de la cocina / y / comíamos siempre aunque fuera / una proteína había aunque fuera un huevo siempre había algo que comer / ahora sí / sí nos golpeó mucho esto de / el adolescente / sale/ quiere comprarse una ropa nueva / quiere / estar a la / a la moda igual que los demás // son cosas de muchacho ¿no? / y / y sí sí en en eso sí fue un poco difícil // entonces hay amigos que tú dices ¡bueno **este** es un amigo! y en esos momentos tú te das cuenta que / son gente que / también nosotros éramos un poco adultas la mente era más adulta que / que la media porque nos habíamos criado solas con mi mamá / mi mamá y mi papá se habían divorciado cuando yo tenía siete años / eh mi mamá trabajaba mucho y había que ayudar en la casa como si fuera un adulto ¿no? yo de hecho tenía responsabilidades que no me tocaban con la edad que tenía / y tenía que hacerlo porque éramos mi mamá y yo con mi hermana chiquita / que yo le llevaba siete años a mi hermana // entonces eh en esos momentos quizás alguien que yo pensaba que era mi amigo / eh me decepcionaba y decía bueno realmente este no era mi amigo/ y así tuve amigos / amigos que dejaron de ser amigos // que algunos me dolieron otros no / y tuve amigos que s fueron amigos para toda la vida amigos que / tú no hablas con ellos todos los días pero te pones / el día que hablas con ellos es como ponerte al día y parece que el día antes estuviste hablando con ellos ¿no? // (LHAB_M12_043).*

Em (67), veremos um caso em que o demonstrativo da segunda série assume o valor de dêixis de primeira pessoa:

67. E: *cuando no está trabajando / ¿qué suele hacer?*

I: *me gustan las novelas aunque no tengo mucho tiempo para ver novelas / si por mí fuera / estuviera todo el día viendo novelas // pero tengo un jardín en el patio / donde / pongo mi manguera / le hecho agua a mis matas / las trasplanto / hablo con ellas / a veces tengo un nieto que me dice mami tú / yo creo que tú no estás muy bien porque tú hablas con las ni con las matas/ y yo le digo mi amor / las matas son seres vivos / unas en hojas y otras en personas // pero son vivas porque tú dejas de echarle agüita / y ellas se mueren / no viven/ y ese patio mío es tan acogedor / que / ojalá que muchas personas pudieran venir y verlo porque / a mí me fascina / y si es mi hija / llega del trabajo / nos sentamos en el patio a soñar / a hablar / a hacer proyectos // horas y horas / yo no tengo / es que en mi casa donde quiera que yo me pongo me siento bien / porque si voy al balcón me siento bien / me pongo a mirar la ciudad // a ver la gente pasar // siempre / yo en mi casa soy muy feliz / eso / ese patio me lleva mucho tiempo //*

E: *eeh / ¿está contenta con su vida? (LHAB_M31_031).*

Em (67), a informante utilizou o demonstrativo *ese* para indicar o jardim de sua casa e como seu lar a faz muito feliz. O valor assumido é a dêixis de primeira pessoa, pois, está fazendo referência a sua própria casa, que lhe pertence atualmente. Em (68), o demonstrativo *eso* foi empregado como dêitico de primeira pessoa, uma vez que o informante está falando sobre o bairro e seus estabelecimentos. Ele utiliza o adjunto adverbial “aquí” para reforçar sua ideia de proximidade espacial:

68. E: *una historia // buena / que usted siempre tiene*

I: *claro / mira // mi estancia // en este edificio // en el Martín Dihigo // no se me va a olvidar jamás ese nombre empezando / que este edificio / lo vi construir yo // porque recuerda que yo nací en el Vedado*

E: *sí*

I: *apenas a unas poquití simascuadras de aquí // nací yo // y yo lo vi construir // bien / como vi construir muchísimas cosas // ¡buh! // el Vedado / la parte nueva del Vedado / vamos a llamarle nueva / ¿no? / entre los años cuarenta / y cincuenta // todos esos edificios / incluso rascacielos / que tú ves en el Vedado / el Focsa / y todos esos grandes edificios // el mismo Radio Centro // donde está el // el teatro / donde está el cine / donde está la emisora / que / todo eso / yo lo vi construir // La Rampa // yo conozco La Rampa / de cuando La Rampa era campo que iban a llevar chivas ahí / a comer hierbas / y eso // que era una callejuela / una calle de tercera / categoría /*

Portanto, identificamos casos com as duas primeiras séries para o valor dêitico de primeira pessoa, alguns marcados com adjuntos adverbiais de espaço ou tempo (9 casos), ou também com a marcação da primeira pessoa (seja com o pronome pessoal ou pronome possessivo) e os verbos conjugados no presente.

Dêítico de 2ª pessoa

Para o valor de dêixis de segunda pessoa, a segunda série (*ese*) foi dominante com 148 casos, enquanto que a primeira série esteve presente em somente 10 casos. Este valor, deste modo, segue em congruência com o descrito pela gramática normativa. Em (69), a informante identifica espacialmente um local que se assemelha a uma livraria e reforça o pequeno distanciamento com o adjunto adverbial *ahí*:

69. E: *uhum*

I: *entre el Yara y un edificio grande / que es la Facultad de Economía*

E: *aha*

I: *que se llama Julio Antonio Mella / ahí / eso no es una librería como tal pero bueno un señor mayor vende li bros*

E: *ah sí que vendeviejos*

I: *y cantidad de libros / mucha gente le compra / porque / tienen to mos y ediciones / muy antiguas / que son libros que que hacen falta / yo he comprado poco libros / porque a mi mamá le han hecho falta / libros de la construcción y eso*

E: *uhum (LHAB_M11_007).*

Neste próximo exemplo, se nota o valor de dêixis de segunda pessoa, pois o demonstrativo é utilizado para concordar com o pronome de segunda pessoa *tú* empregado e também, porque os tempos verbais indicam ações passadas:

70. E: *¿y desde el punto de vista urbanístico?*

I: *¿urbanístico? / bueno Los Pinos ha sido*

E: *por ejemplo los servicios que tenía y que tiene ahora*

I: *Los Pinos / era un barrio / desde que se creó / con característica distintiva // Los Pinos no tenía bares // pero sin embargo tenía eeh quincalla / tenía lo que nosotros le decíamos el consolidadodonde tú arreglabas tus zapa tos / eeh / eeh los servicios pequeñitos esos de / de las casas los teníamos cerca / eso eso fue desapareciendo / eeh fue desapareciendo / por ejemplo / los cines // teníamos dos cines / solo queda uno / funcionando a media máquina / el cine pasó a Casa de la cultura pero cultura entre comillas / eeh teníamos nuestra peletería / teníamos vaya era un barrio con distinción // y se han ido perdiendo cosas / ¡ah! ¿qué ganamos? / un policlínico que que es ahora un policlínico de la comunidad / que tiene todos los servicios // hace poco que nos restablecieron / vaya nos / nos asfaltaron las calles que estaban // en mal estado // el servicio de las guaguas se ha mantenido / con sus limitaciones se ha mantenido / como estaba de toda la vida / eeh la señalización vial / mejoró un poquito eeh a ver / bueno / el arribo de la shoppingeso es natural en todos los lugares han invadido las shopping // y servicios eeh // que prestan de // uhm de comercios // que es a precio más elevado pero bueno está ahí / tenemos el agro //*

esas cosas así fundamentales / perdimos el tren / que era algo distintivo de de nuestro reparto // tren que era desde los primeros que se hizo en el país / había algún comentario de que Eusebio Leal / iba a ayudar en la reconstrucción pero no / eeh nos hemos quedado ahí a la expectativa // y ya / han resurgido / han surgido // muchos lugares de punto de expendio de bebidas alcohólicas / ninguno de refresco que eso nos duele un poquito // y ya / no sé (LHAB_M23_091).

Em (71), temos um exemplo em que o informante utiliza o demonstrativo *este* para indicar o bairro em que ele cresceu quando era mais jovem. Ele está se referindo a um local que não está mais espacialmente tão próximo em sua vida e que tampoco ele está vivendo no atual momento lá. A escolha pelo demonstrativo da primeira série para tal referência pode indicar uma aproximação afetiva que o informante tem por esse bairro, logo, assumindo também um valor afetivo:

71. E: eeh / me decías ahorita que que antes que te mudaste a esa casa sobre el el ochenta y seis

I: en el año ochenta y seis / sí

E: eeh cuéntame de dónde tú vivías antes

*I: bueno / donde yo vivía antes / eeh si tú supieras / hoy mismo cuando venía hacia acá / estaba hablando con unos compañeros míos de trabajo de eso / y yo decía que yo recuerdo mi infancia / y y una de las cosas que más recuerdo es mi lugar de origen ¿no? / el lugar de origen / si si yo antes te comenté que el Cerro era / una cosa que para mí era de la media / así / era un barrio bueno / **este** barrio donde yo nací que es Santa Amalia allá en la Vibora / eso está en el municipio Arroyo Naranjo / después de un lugar que le dicen el Café Colón que es muy famoso / muchos años / la línea del ferrocarril y eso / aquel barrio para mí fue todo / eh eh imagínate tú que que era un barrio que el noventa por ciento de las casas eran de made ra / no había piso / las calles muy malas / ahí sí había una gran familia// yo comparaba aquello cuando yo veía una película del oeste / yo comparaba aquel barrio con esos barrios del oeste que / tenían su trastienda / su bodega / entonces todas las casitas a los alrededores así / la gente en la calle / como si fueran hermanos / todos como si fueran familia / de hecho tengo algunas anécdotas ahí que contarte ¿no? / eeh noso tros cuando B. y yo nos mudamos para allá / y estuvimos viviendo cerca de tres años / a veces nos acostábamos / y era tanto el cansancio / nos quedábamos dormidos y ya / y B. ya había lavado / un ejemplo / y dejaba tendida la ropa afuera / y los mismos vecinos nos recogían la ropa / y al otro día por la mañana nos decían por la mañana / B. / te recogí la ropa / mira / está guardada/ o sea / no no sucedía el aquello de que de que te roba ran / ¡vaya! / había sus problemas / como en toda cuando hay una co una convivencia / donde hay / donde hay varios varios caracteresviviendo viviendo en comunidad pues / eh siempre siempre / nunca es lineal ¿no? / siempre hay algo que / hay algún elemento que no funciona correctamente / puede ser que un / un muchacho joven / debido a su inmadurez cometiera errores / no sé / pero por lo demás todo era una gran familia ahí igual (LHAB_H22_049).*

Em (72), a informante utiliza o demonstrativo *esta* para fazer referência a uma vizinha sua e indica com o adjunto adverbial *ahí* para indicar que, no atual momento da entrevista, eles não se encontram nesse bairro em que elas vivem em questão:

72. E: *¿entonces has / has vivido ahí desde niña?*

I: *bueno / hace cuarenta y ocho años que vivo ahí /*

E: *¿qué tal las relaciones con los veci nos?*

I: *de lo más bien la verdad // de lo más bien // sí siempre hay alguien que bueno que / que no pero cosas muy pasajeras no // así // no sé cómo se dice // no una vecina que **esta** medialoquita ahí / pero bueno // pero no no / no nada grave / quitó la escalera / la escalera de la azotea la quitó / la escalera original del edificio la quitó y yo fui la que más / la más perjudicada porque yo vivo arriba / pero no no / nada cada cual vive dentro de su casa / nos llevamos bien / honestamente / nos llevamos bien // como en otros lugares que yo ido y que hay otros problemas / de verdad que no*

E: *en general como has vivido en La Habana de toda la vida / ¿has notado cambios en la ciudad? // (LHAB_M22_055).*

O uso de *-est* é muito pouco expressivo quantitativamente, portanto. Indicando que o uso de *-es* é a regra para a expressão dêitica de 2º pessoa. A segunda série *-es*, assim, apresenta um comportamento particular em Cuba, o que perpassa tanto a primeira (47%) como a terceira pessoa (25%). Além de estar bem consolidado na segunda pessoa (94%). Nossa hipótese é de que seja uma forma coringa. Talvez até um indício de redução para um sistema com uma única forma (embora não tenhamos como provar isso).

Dêítico de 3º pessoa:

Para a dêixis de 3º pessoa, a terceira série dos demonstrativos foi a mais utilizada, em congruência com as descrições normativas, mas ainda foram identificados casos com a primeira e a segunda série, em números menores. Em (73), o informante utiliza o demonstrativo *aquel* para se referir ao bairro em que ele morou quando era criança. Desse modo, ao utilizar a terceira série, o informante reforça o aspecto distante do bairro, seja espacialmente em relação ao bairro em que eles se encontram ou ao bairro que ele está morando atualmente, e também em relação ao tempo transcorrido desde que ele se mudou de lá:

73. E: eeh cuéntame de dónde tú vivías antes

I: bueno / donde yo vivía antes / eeh si tú supieras / hoy mismo cuando venía hacia acá / estaba hablando con unos compañeros míos de trabajo de eso / y yo decía que yo recuerdo mi infancia / y y una de las cosas que más recuerdo es mi lugar de origen ¿no? / el lugar de origen / si si yo antes te comenté que el Cerro era / una cosa que para mí era de la media / así / era un barrio bueno / este barrio donde yo nací que es Santa Amalia allá en la Vibora / eso está en el municipio Arroyo Naranjo / después de un lugar que le dicen el Café Colón que es muy famoso / muchos años / la línea del ferrocarril y eso / **aquel** barrio para mí fue todo / eh eh imagínate tú que que era un barrio que el noventa por ciento de las casas eran de made ra / no había piso / las calles muy malas / ahí sí había una gran familia// yo comparaba aquello cuando yo veía una película del oeste / yo comparaba aquel barrio con esos barrios del oeste que / tenían su trastienda / su bodega / entonces todas las casitas a los alrededores así / la gente en la calle / como si fueran hermanos / todos como si fueran familia / de hecho tengo algunas anécdotas ahí que contarte ¿no? / eeh nos tros cuando B. y yo nos mudamos para allá / y estuvimos viviendo cerca de tres años / a veces nos acostábamos / y era tanto el cansancio / nos quedábamos dormidos y ya / y B. ya había lavado / un ejemplo / y dejaba tendida la ropa afuera / y los mismos vecinos nos recogían la ropa / y al otro día por la mañana nos decían por la mañana / B. / te recogí la ropa / mira / está guardada/ o sea / no no sucedía el aquello de que de que te roba ran / ¡vaya! / había sus problemas / como en toda cuando hay una co una convivencia / donde hay / donde hay varios varios caracteresviviendo viviendo en comunidad pues / eh siempre siempre / nunca es lineal ¿no? / siempre hay algo que / hay algún elemento que no funciona correctamente / puede ser que un / un muchacho joven / debido a su inmadurez cometiera errores / no sé / pero por lo demás todo era una gran familia ahí igual (LHAB_H22_049).

Assim como em (74), a informante cubana também utiliza o demonstrativo para se referir ao seu tempo de infância, sendo algo distante dos tempos atuais:

74. E: ya pero supongo que también tu barrio desde todos estos años que dices que llevas viviendo allí haya cambiado un poco ¿no? / porque eeh es mi caso que también llevo / es decir yo no nací en mi casa donde vivo actualmente pero bueno ha cambiado un poco ¿y la tuya sigue igual o ha cambiado?

I: a ver / mira / eeh a medida de los años / y que tú vas creciendo / vas viendo más bien el deterioro / ¿entiendes?

E: aha

I: un edificio que recientemente arreglaron o / no sé / remodelaron cuando en el tiempo de mi mamá / ahora en mi tiempo / ya es algo destruido / porque no hay tanta facilidad de de las reparaciones de bienes y todo eso pero relativamente el barrio ha seguido igual / o sea / cuando yo era pequeña / personas mayores adultas que ahora en este momento no están porque han fallecido / eeh son viejitos qué sé yo y **en aquel** momento de niña // eeh / muchachas con tres cuatro años más grandes que yo que ahora tienen su bebé / ¿entiendes? (LHAB_M11_007).

Em (75), já observamos a segunda série sendo utilizada como dêixis de terceira pessoa, pois o informante está referenciando algo que está longe de ambas as pessoas do discurso e também reafirma esta ideia ao utilizar o adjunto adverbial *allí*:

75. E: *claro //*

I: *le dijo // yo te agradezco mucho// esto / que tú me acabas de informar// porque sé que lo haces de corazón// lo haces de muy buena fe // pero ese no era mi marido// ¡te digo que sí era él!// y yo te digo a ti // que no // de todas maneras // muchas gracias mi amigaplan // y cuelga // pero mi madre // sabía // perfectamente// que era él // ¿que tú crees / qué hizo? // mi madre // se planteó // la siguiente disyuntiva // ¡yo tengo que ir! // y tengo que verlo con mis propios ojos // ¡y que él sepa*

E: *que yo lo sé*

I: *que yo lo descubrí!// pero había otra // había un inconveniente // una dificultad muy grande // y es que / a ese lugar // no iban mujeres decentes iban / como se decía en aquella época / mujeres del arroyo // mujeres cualquiera // y ella era una señora// muy decente // que no podía // ni siquiera pensar // que la fueran a ver // en un lugar como ese // ¿qué tú crees que ella hizo para resolver el / problema? // ¿qué tú crees que se le ocurrió hacer? porque ella como mujer // no podía ir allí/ **eso** era // un antro // de perdición// simplemente // vestirse // de hombre (LHAB_H33_097).*

Em (76), observamos outra situação de variação, como a anterior, em que a segunda série assume o valor dêitico de 3º pessoa:

76. E: *¿qué crees de las salidas de noche entonces? //*

I: *¿qué crees de las salidas de noche? / para mí son fabulosas me gusta / eh / eeh / no sé / mm // me siento bien cuando salgo de noche de día cuando voy a la playa y a esos lugares porque de noche si no son muy*

E: *¿y a qué lugares te gusta ir de noche? //*

I: *bueno / como ya te dije haber así mira / de noche / eeh a un cine / eeh he ido mucho a lo que es el Mónaco a la heladería **esa** nueva que han hecho // me gusta allí / eh hay un barcito también que está cerca de la pizzería arriba / que es un // eh cantan / se hacen sus descargas y eso ahí y también te ponen música grabada // y es agradable esos lugares // el / el restaurant vegetariano que lo cerraron // y ahora está de nuevo como pizzería y esas cosas // esos lugares me gustan y como ya te dije ya anteriormente el Vedado así / mis salidas mayormente / son así a esos lugares // (LHAB_M21_019).*

O demonstrativo empregado em *a la heladería esa nueva* foi marcado como dêixis de terceira pessoa, pois está referenciando no espaço uma sorveteria que há em Havana, como um possível local para que as pessoas possam ir e passear, contudo que não está próximo ao

informante e ao entrevistador no momento da entrevista. O adjunto adverbial marcado após a oração em destaque é o *allí*, indicando essa distância dos locais referidos.

Sentido Anafórico

Nossas coletas de dados de Havana resultaram em 858 casos com o valor anafórico, sendo que destes, 742 (87%) eram com os demonstrativos da segunda série, seguidos de 103 (12%) casos da primeira série e apenas 13 casos com a terceira série (1.5%). Conseguimos observar uma grande preferência pela segunda série e uma redução quanto aos usos das três séries clássicas dos demonstrativos, ficando contrastado com a tradição normativa analisada: “*En concreto, existe un predominio del demostrativo este tanto en anáfora cuanto en catáfora, aunque, habitualmente, en el dialogo se utilice la serie del demostrativo ese para referirse a lo dicho por el interlocutor*” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 942). E também em “[...] *un pronombre demostrativo de la serie de este parece funcionar especialmente bien como anáfora dentro de una misma oración si le preceden al menos dos frases referenciales*” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 944).

Em (77), o informante utiliza o demonstrativo *ese* para retomar a palavra *anorexia*, que estava em pauta no momento da entrevista:

77. E: *anorexia*

I: *n o sé //*

E: *la anorexia / esto de que // de que / tienen problema s / para comer y entonces s vomitan la comida que comen //*

I: *sí ya conocía / bueno conocía pero no / no con ese nombre / sino // era no una enfermedad sino un // un problema que le da a / a los niños cuando / que / reflujo se le llamaba / es decir que / tomaban la leche y volvía la / la / la expulsaban otra vez / y / eso es lo que conocía más o menos // pero así con ese nombre no*

E: *¿y la eutanasia? //* (LHAB_H21_013).

Assim como acontece em (78):

78. E: *entonces son dos ya los cumpleaños que que pasas en México seguidos*

I: *sí // sí*

E: *te porque viajas por asuntos de trabajo*

I: *viajo / sí por asuntos de trabajo / eh tengo / el tutor de mi maestría / fue es mejicano / esmejicano / y él / él es la misma persona que me está dirigiendo ahora el doctorado / entonces ahora voy a tener una estancia de tres meses // y el viaje pasado eh / el viaje*

anterior fue poco / fue de diez días / este viaje es un poco más largo también fui para un / para un evento / un taller de física del estado sólido // que fue este año la edición / la tercera edición de ese taller / este / el año que viene pienso volver a ir a ese taller de estado sólido / un taller que tiene muchísimo nivel // lo celebran en / en Méjico / y hay bastantes cubanos que va que que participan // también hay alemanes / españoles // un montón de países / ucraniamos

E: antes me decías que recién graduada eh habías trabajado con / en la parte de la biofísica ¿no? / era (LHAB_M13_079).

Neste último exemplo, a informante, em um primeiro momento, comenta sobre o *taller de física del estado sólido* (oficina de física do estado sólido) e em seguida retoma o assunto sobre este *taller* utilizando o demonstrativo *ese*, assumindo assim o valor anafórico.

O exemplo de número 15 já mostra o demonstrativo da primeira série assumindo o valor anafórico. Recordando que as gramáticas descrevem que a primeira série seria a utilizada para os valores fóricos, mas já havia sido previsto, por Gutiérrez (1999), que comumente a segunda série poderia ser mais empregada na fala:

79. E: entonces han hecho muchas reformas

I: sí / sí prácticamente lo que se hizo fue lo mismo la casa / como mismo está abajo pero arriba con cuarto y un baño un cuarto de baño

E: y cómo se llevan con los vecinos

I: bueno la convivencia con los vecinos nosotros no nos llevamos mal porque mi papá eeh siempre fue una persona bueno siempre fue no / es una persona muy recta eeh es militar bueno fue es jubilado de las FAR eeh médico en fin que ha tenido un prestigio siempre dentro de la cuadra pero realmente nosotros no nos relacionamos con la gente de la cuadra solamente de manera educada saludar buenos días y así todo son a ciertas personas no a todo el mundo porque la cuadra las características de la cuadra no tienen nada que ver con nosotros / eeh las personas que viven ahí eeh todos son delincuentes bisnerosen fin se dedican a cualquier tipo de eeh negocios ilegales y por lo tanto mi papá no nunca ha permitido que la relación vaya más allá de lo de saludar o quizá no sé / de hecho no son / hemos tenido problemas por este mismo tipo de cosas de las personas hemos tenido que discutir con cierta gente que ninguno ni siquiera son de la cuadra / pero normal eeh eso no es nada que

E: ¿y el barrio ha cambiado de cuando tú eras niño a ahora? (LHAB_H12_037).

Em 79, quando o informante relata *hemos tenido problemas por este mismo tipo de cosas de las personas*, ele está retomando o que já havia explicado para o informante anteriormente. *Este mismo tipo de cosas* retoma que os vizinhos são delinquentes e que se dedicam a atividade

ilegais. No exemplo a seguir (80), a informante também utiliza a primeira série para retomar a situação que lhe havia sido proposta:

80. E: *¿o una dirección?*

I: *bueno primeramente que nada me acerco / le digo buenas noches si es de noche ¿no? / según a la hora que sea y le pregunto // con // con delicadeza / si pudiera indicarme / eeh / la calle que ando buscando / así / normal//*

E: *y a tu médico / ¿cómo lo tratas? //*

I: *eeh / bueno / eh en este caso sería doctora // siempre la trato con ¿doctora cómo está? ! / donde quiera que la veo eeh / normal / doctora / siempre le digo doctora o seño //*

E: *y a los vecinos con los que no tiene mucho contacto / ¿cómo los trata? //*
(LHAB_M21_019).

Em 80, a informante retoma a situação que o entrevistador lhe propõe a respeito do uso pronominal em algumas situações, no caso em questão, ao se referir ao médico, qual pronome seria utilizado. A informante retoma o caso proposto com a primeira série dos demonstrativos *este*. Em 81, temos a terceira série com função anafórica:

81. E: *¿cómo recuerdas el nacimiento de / de tu primer hijo?*

I: *bueno // yo tengo una hija mayor // eh de mi primer matrimonio que nació un // y recuerdo eso como una gran alegría / una gran alegría la verdad que yo // yo nunca pensé // de joven / tener un hijo // un hijo // yo pensé que eso era no sé no // no lo veía // dentro de mis / mis posibilidades no sé si era por la juventud o por // y cuando recibí la noticia **aquello** fue una alegría muy grande // y la gente me decía ¡pero tú eres loco / porque te vas a amarrar / estás embarcado!pero pero aquello fue muy grande para mí // muy grande muy grande muy grande //y esa niña representó bueno lo más grande de mi vida // lo más grande // y ahora en estos momentos bueno // no la tengo aquí conmigo // se // se fue del país // por su // por su propio // pensamientos ¿no? / por sus // ideas // se casó y // y se fueron pero bueno // la sigo teniendo en // en el recuerdo // y me comunico con ella // que es lo más importante //* (LHAB_H32_061).

O informante (81), retoma a situação do nascimento do seu filho, que já havia sido comentada, com o pronome demonstrativo *aquello*.

Sentido Catafórico

Para o valor catafórico, foram identificados 24 casos, em que as duas primeiras séries foram quase igualmente aplicadas, resultando em 10 *-est* (42%) e 12 casos *-es* (50%) e somente

02 casos com a terceira série *-aquel* (8%), situação que normalmente não é prevista pelas gramáticas. Assim como nas outras variedades, as situações em que o valor catafórico aparece são menores, porém, é possível percebermos indícios de variação, uma vez que a norma descreve que para este valor a primeira série que é a mais empregada:

82. E: *¿qué piensa que estarán haciendo ahora mismo? / tus hijos?*

I: *¿mis hijos?/ trabajar / se me salen las lágrimas / trabajar // trabajar / porque los he enseñado a trabajar // luchar / quieren mucho a sus padres // piensan mucho en ellos / siempre están por eso es todo esto que siempre están / eeh / preocupados que estemos bien / que no nos falte nada / no se preocupen / ¡si nosotros no necesitamos nada! / ¡no quiero nada! / ¡no nos falta nada! / tenemos todoque es uhm ¿qué más que el amor de los hijos? / ¡no nos hace falta nada! / todo lo demás es / todo lo demás es eeh // es vano / es vacío / e s / no sé / no sé // yo lo que quiero es luchar / luchar / luchar / tener fuerzas para luchar / y para seguirlos ayudando / y y dar yo // que ellos no me den a mí / dar yo// ha / hasta mis últimas consecuencias (LHAB_M33_103)*

Em 82, a informante utiliza o demonstrativo *esto* para concluir seu pensamento e explicar sua resposta quanto a pergunta sobre o que seus filhos farão no futuro. Eles estarão trabalhando arduamente, é a resposta da informante, pois estão e são preocupados em que falte algo para sua família. O demonstrativo introduz essa resposta, portanto, assumindo um valor catafórico.

No exemplo (83), o informante utiliza o demonstrativo *eso* para introduzir sua fala:

83. E: *no pero yo he visto en la calle que la gente trata de tú hasta las personas mayores*

I: *sí pero ya eso es una cosa problemas de educación y problemas en la educación que le dan los padres / me imagino que eso tenga que ver también con la familia y en el medio donde se / donde se mueven*

E: *incluso / en el aula hay alumnos que te tratan de tú también*

I: *también / también es que la educación se ha degenerado bastante creo que al pasar de los tiempos / más bien es eso / cosa que debería rescatarse no porque / son cosas que son cosas que deben existir en todo momento cuando va a conversar con persona / te vas a dirigir a una persona / vas a pedir algo*

E: *bueno dime ¿cómo estás hoy? (LHAB_H12_037).*

O informante diz: *más bien es eso cosa que debería rescatarse no porque son cosas [...]*, explicando assim sua posição em relação ao uso pronominal dentro da sala de aula.

Em 84, temos o demonstrativo *aquello* com a função catafórica:

84. E: eeh cuéntame de dónde tú vivías antes

I: bueno / donde yo vivía antes / eeh si tú supieras / hoy mismo cuando venía hacia acá / estaba hablando con unos compañeros míos de trabajo de eso / y yo decía que yo recuerdo mi infancia / y y una de las cosas que más recuerdo es mi lugar de origen ¿no? / el lugar de origen / si si yo antes te comenté que el Cerro era / una cosa que para mí era de la media / así / era un barrio bueno / este barrio donde yo nací que es Santa Amalia allá en la Vibora / eso está en el municipio Arroyo Naranjo / después de un lugar que le dicen el Café Colón que es muy famoso / muchos años / la línea del ferrocarril y eso / aquel barrio para mí fue todo / eh eh imagínate tú que que era un barrio que el noventa por ciento de las casas eran de made ra / no había piso / las calles muy malas / ahí sí había una gran familia// yo comparaba aquello cuando yo veía una película del oeste / yo comparaba aquel barrio con esos barrios del oeste que / tenían su trastienda / su bodega / entonces todas las casitas a los alrededores así / la gente en la calle / como si fueran hermanos / todos como si fueran familia / de hecho tengo algunas anécdotas ahí que contarte ¿no? / eeh noso tros cuando B. y yo nos mudamos para allá / y estuvimos viviendo cerca de tres años / a veces nos acostábamos / y era tanto el cansancio / nos quedábamos dormidos y ya / y B. ya había lavado / un ejemplo / y dejaba tendida la ropa afuera / y los mismos vecinos nos recogían la ropa / y al otro día por la mañana nos decían por la mañana / B. / te recogí la ropa / mira / está guardada/ o sea / no no sucedía el **aquello** de que de que te roba ran / ¡vaya! / había sus problemas / como en toda cuando hay una co una convivencia / donde hay / donde hay varios varios caracteresviviendo viviendo en comunidad pues / eh siempre siempre / nunca es lineal ¿no? / siempre hay algo que / hay algún elemento que no funciona correctamente / puede ser que un / un muchacho joven / debido a su inmadurez cometiera errores / no sé / pero por lo demás todo era una gran familia ahí igual (LHAB_H22_049).

No enunciado “no no sucedía el **aquello** de que de que te roba ran / ¡vaya!”, o informante introduz pela primeira vez o tema dos roubos no seu bairro de infância. Para explicar sobre o tema, ele utiliza o demonstrativo *aquello*, portanto, assumindo a função catafórica.

Operadores conversacionais

Foram identificados 31 casos com este valor, sendo que a primeira série esteve presente em 12 situações, a segunda série em 14 e a terceira em 5. Os valores na três variedades do espanhol analisadas resultaram em números semelhantes. Com o uso da primeira série, identificamos em 85:

85. : eeh // en estos días / en estos días ha hecho bue / buen frío / en los últimos días / esta semana // ¿cómo te ha llevado el frío?

I: bueno / bastante bien // basta nte bien // no / no me gusta el frío para nada / siempre me gusta // el calor // yo / adoro el calor / aunque tenga que poner / un ventilador //

E: no este año ha hecho récord de / en temperatura baja en

*I: así mismo y sobre todo / en este / y sobre todo **este** / **este** mes / ha roto los récords // por años /*

E: no / en esta zona / parece que (LHAB_H21_013).

Para esse caso (85), se nota que o informante utiliza o demonstrativo para lhe auxiliar a lembrar a palavra *mes*, repetindo duas vezes até conseguir a conclusão efetiva. Esta pausa para efetuar esta lembrança, conseguimos notar por meio do áudio da entrevista e também por meio da barra (/) presente na transcrição. O mesmo ocorreu com a informante LHAB_M21_019, justamente com a mesma palavra *mes*:

86. E: ¿y recuerdas // cómo se comportó el invierno por esta fecha / el año pasado?

I: sí // hubo frío también

E: ¿hubo frío también?

*I: sí // fue fuerte // inclusive / yo creo que **este** / **este** mes ha estado su frialdad / pero // así a comparación / y haciéndome memoria / eh // no sé ahora este treinta y uno porque todavía no hemos llegado al treinta y uno / pero recuerdo que el año pasado el treinta y uno / hubo / un frío / que eso fue / horrible / frío / frío / el veinticuatro de diciembre no se me olvida es mi cumpleaños // y oye / nada de lo que yo quise ponerme para ese día me lo pude estrenar / un friotuve que disfrazarme de / de / de pantalón / camisón / de todo porque un frío / horrible // (LHAB_M21_019).*

Com a segunda série, tivemos:

87. E: ¿quién es tu mejor amigo?

I: ¿mi mejor amigo ? / mi pensamiento

E: ¿tu pensamiento? // bueno pero ami go / cuando te estoy hablando de amistad / vaya / si hay alguien en que pudieras confiar así

*I: vaya tengo buenos compañeros / tengo buenos compañeros de trabajo / tengo buenos compañeros de trabajo / pero / sí pero eeh creo que hay cosas que / que me dan la medida de que no puedo ponerlo en **ese** // en en la o sea donde está la palabra amigo no lo puedo poner / no / mi mejor amigo / no lo puedo poner (LHAB_H22_049).*

Em 87, conseguimos notar a pausa após o uso do demonstrativo *ese*, para que o informante consiga concluir sua linha de raciocínio. O áudio auxilia ainda mais esta percepção. O mesmo ocorre neste próximo caso, em que também o informante repete o demonstrativo uma segunda vez a fim de lhe auxiliar na construção da frase completa:

88. E: *mmm y // ¿qué piensas por ejemplo de madres que actualmente tienen problemas con sus hijos jóvenes // como por ejemplo la anorexia? //*

I: *¿la anorexia es los que se limitan a / a comer o vomitan lo que comen?*

E: *los que por adquirir la costumbre de no comer / ya llega un momento en que no pueden asimilar la comida*

I: *eh eeh / que se dañan su salud / porque // el cuerpo humano necesita alimentarse / la persona necesita comer bueno // ¿qué creo de eso? que de alguna manera o otra eso indudablemente la familia necesita / atenderlo // acercarse más a ese niño / llevarlo a un médico / a un psicólogo // a alguien que pueda sacarlo de ese / de ese plano // porque / las personas llegan a / a / a esa manera o esa forma de vida es por algún tipo de complejo // a veces son la / las muchachitas que si la figura // esos estereotipos que se han creado // eh la mujer perfecta que / que la delgada / que / no sé qué / no sé qué más son muchas // a veces yo creo que eso tiene mucho / mucho que ver con / con los medios / las modas // las revistas / las cosas que ponen en el televisor / los estereotipos // de // la mujer perfecta / el cuerpo perfecto (LHAB_M21_019).*

Com o uso da terceira série, a estrutura também se manteve, em duplicar o demonstrativo a fim de operar essa construção da ideia final:

89. I: *a mí me han pasado muchas cosas / pero // bueno mira // yo trabajaba en una casa / eso era en los años cincuenta y ocho por ahí // yo trabajaba en una casa porque tenía que vivir / imagínese había que luchar / los padres míos eran enfermos / y cuando aquello no tenían jubilación ni tenían nada / no teníamos a nadie que nos mantuviera / esto es un relato bastante / desagradable / pero bueno / yo trabajaba en esa casa / y la señora de esa casa era una mujer tan / pobrecita / tan majadera / y tan // tan grosera a veces porque hay personas que se divierten con el sufrimiento y la angustia de otra persona // que ella / ella hacía todo lo posible porque yo me sintiera mal // y yo tenía que sentirme bien porque tenía que seguir trabajando // entonces un día // pensé // yo voy a hacerle una maldad a esta señora porque / de alguna forma yo me tengo que vengar de ella / fue una / una cosa bastante dolo penosa / pero bueno lo hice y yo / y ya qué voy a hacer // cogí y llamé a una funeraria // y cité a nombre de ella / con nombre y apellido / la dirección de la casa // el ataúd más caro que hubiera / las flores más caras y mejores / y aquello fue terrible / cuando aquello llegó aquella casa ya yo me había ido pero estaba en la casa de al lado con la muchacha que trabajaba igual que yo en la otra casa / viendo todo el panorama / y aquello fue que yo no quisiera recordarme aquello / yo estuve yo creo riéndome tres días y medio / porque aquella vieja por poco se muere / de verdad porque empezó a gritar que quién le había hecho aquello / y fue terrible // yo no sé ahora en este momento / yo creo que no lo haría / porque / es una venganza un poco triste / un poco mala / pero óigame aquella señora me tenía la vida imposible / echa // para qué / llegar yo a aquella casa tenía que llegar y / y / y llegaba predispuesta / sintiéndome muy mal / porque era una gente que se / ella se divertía con el sufrimiento de los demás / y de alguna forma yo tenía que / tocarle algo que le doliera / o que se sintiera / por lo menos que // pero fue / muy grosera / una mujer mala // y así pasó todo // en aquella / aquellas anécdotas mías de mi*

trabajo // de trabajar día y noche / y luchar / pero ya después me fui de allí / y encontré con unos españoles bellos

Desse modo, concluímos que todos os informantes utilizaram do recurso de duplicar o demonstrativo, para que a conexão entre os termos acontecesse e o informante conseguisse se lembrar do termo ou pensar em alguma palavra que representasse o que ele estava querendo dizer.

Valores afetivos/ irônicos/ desprezo

Os valores totais encontrados para este valor foram inferiores as outras variedades analisadas, totalizando somente 26 casos, que ficaram praticamente divididos entre as três séries: *-est* (30%), *-es* (46%) e *-aquele* (23%). Sendo a segunda série, novamente, a de porcentual mais alto e também sendo a série mais recorrente para esta função em relação às outras variedades. Um dos casos encontrados com a primeira série foi:

90. E: *y / ¿cómo es C. ? descríbelo / físicamente /*

I: *¿C. ? / bueno C.*

E: *físicamente*

I: *cuando yo me empaté con C. yo lo veía como Brad Pitt [Y3] // era un muchacho muy delgado / eeh bonito a mí me gustaba mucho / eh después con los años ha ido engordando porque después de los 30 / uno va perdiendo la figura ¿no? / y él el pobre me ha perdido la figura que ya le dije que si no se pone para las cosas / voy a tener que desecharlo / porque hay unos cuerpos jóvenes por ahí uno mira y uno dice ¡bueno! / ¿y este gordo que tengo al lado?pero bueno él / dice que este año se va a poner para las cosas / pero no C. con C. me llevo muy bien / es una relación // es una relación vieja // eeh /*

E: *¿y de carácter? // (LHAB_M12_043).*

Em 90, o informante utiliza o demonstrativo *este* para determinar o adjetivo *gordo*, então, neste caso, o demonstrativo assume a função anafórica e também o valor irônico e de crítica. Assim como em 91:

91. E: *¿y siempre hay agua en el edificio? /*

I: *sí siempre hay agua / porque tenemos dos entradas de agua y / siempre hay agua / el motor a no ser que se rompa el motor / que / tenemos uno de repuesto además /*

E: *entonces te llevas bien con todos lo vecinos del edificio /*

*I: sí me llevo bien con ca bueno con los que conozco en el edificio así / tengo una vecina mi vecina de al frente es como si fuera mi familia es una extensión / tenemos una vecina en el medio que es / la que menos queremos ¿no? eh a ver es la persona **esta** que se mete en to do / pero es muy servicial / a pesar de sus características nosotros la sobrellevamos / pero bueno si pudiéramos eliminar ese apartamento pudiéramos unir esas dos casas / porque aquella personas que además se llama I. igual que mi hija / que no fue por casualidad mi hija se llamó igual que ella porque yo llegué después / eeh / es la que me cuidaba a mi hi ja / es una persona que quiero mucho / es mi familiar más cercano / (LHAB_M12_043).*

Em 91, a informante está criticando uma vizinha sua por estar “metida em tudo”, e se refere a ela com o demonstrativo posposto ao nome, *la persona esta*, com função de adjetivo, intensificando essa crítica.

Neste próximo exemplo (92), a informante ao ser questionada sobre o que ela faria para os jovens para promover a eles diversão, ela responde que precisaria entender mais sobre o que eles gostam e que com isso poderia colocar algumas músicas do gênero reggaeton (mas como ela mesmo diz “músicas que às vezes nem entendo”). Dessa maneira, ao se referir ao gênero musical citado, ela utiliza o demonstrativo *ese* antes como determinativo, colocando assim o valor de inferioridade, crítica e de desprezo:

92. E: mmm / si tuvieras la oportunidad de planificar diversiones para los jóvenes // ¿qué qué te gustaría / hacer para ellos?

I: primero hay que ver qué le interesa a los jóvenes

E: claro

*I: porque / espérate / distan / eeh / distan unos cuantos añitos ya yo tengo cuarenta y ocho para cuarenta y nueve / y lo que me puede gustar a mí a ellos no les puede gustar / entonces primero hay que ver qué quieren los jóvenes/ y dentro de lo que quieran los jóvenes // qué les pudiera dar yo // porque tal vez yo puedo darle no sé una tertulia con un té y no despierto interés / y tal vez pongo **ese** reggaetón con **esas** canciones que / a veces casi ni entiendo/ y es lo que les gusta a ellos / había que hacer no sé / buscar la mezcla perfecta para / despertarles el interés / y darles cosas que a ellos les gusten / porque toca la casualidad que hay veces que que los que planifican las cosas para los jóvenes no piensan como los jóvenes / y no les interesa a ellos (LHAB_M23_091).*

Por último, a terceira série também esteve presente em 08 dos casos totais, e um deles (93) a informante utilizou o demonstrativo *aquel* determinando o adjetivo *cabezón*, fazendo referência ao seu filho. Logo, neste caso, o demonstrativo possui um valor afetivo, mas também de piada e bom humor:

93. E: L. / ¿y alguna vez ha estado en una situación de peligro / accidentes / en un asalto

I: bueno

E: peligro de muerte? //

I: no tanto como de muerte / pero / cuando yo trabajaba ya le digo en la fábrica yo tenía una moto / y en una oportunidad / yendo yo para una reunión como a / serían como a las siete de la mañana // yo estaba esperando que cambiaran la luz / en el semáforo de Vía Blanca y / de Santa Catalina y Paz // y me dieron un golpe que no me mataron porque parece que no era mi día // un patrullero que / se quedaron dormidos porque fue // como en julio o agosto / uno de esos meses que esa gente tienen un trabajo de madre // y / parece que el chofer se quedó dormido // que estuve unos cuantos días ingresada pero bueno / todavía estoy aquí haciendo el cuento / no me mató / la gente inclusive querían que matara al muchacho / pe // no tenía porqué / porque / no me morí / aparte que no me morí porque no era mi día / el muchacho se portó muy bien / y no podía hacer otra cosa de decidí r nada de que lo fueran a hacer al muchacho ningún porque una gente joven se puede quedar como me hubiese podido quedar yo manejando también // aparte de eso cuando fui a parir // que mi hijo parece que no quería // salir // y no fue fácil eso // estuve // como desde las siete de la mañana de un día hasta las cuatro de la mañana del otro / para que *aquel* cabezón / saliera // (LHAB_M32_067).

Formas fijas

Para este valor, encontramos 73 casos, em que 72 foram com formas estruturadas com a segunda série e somente um caso com a terceira série. As formas fijas com demonstrativos da segunda série foram: *en ese entonces, eso es, es eso, y eso, eso mismo, eso sí, por eso, de esa/ de esas*. Para a terceira série identificamos um único caso: *en aquel entonces*.

Em 94, podemos ver um exemplo de forma fixa:

94. E: *cuéntame un día / un día normal en tu vida ¿a qué hora te levantas?*

I: *bueno ahora que vivimos en Marianao eeh un día normal es levantarse a las cinco de la mañana para poder coger un transporte básicamente el P nueve básicamente / no / específicamente el P nueve que es la guagua que nos deja cerca del círculo en Centro Habana que es la dirección oficial de de mi hija / cinco de la mañana para estar a más tardar a las seis y media en la parada y bueno luego regresar para tratar de estar a tiempo en la facultad / cosa que a veces es un poco variable porque todos saben el problema del transporte en fin eeh es eeh las cosas que te propones en el día eeh en el trabajo a veces las puedes cumplir otras no ya sea por problemas tuyos por problemas ajenos a ti eeh luego en la tarde la madre y yo recogemos a la niña / ahora en casa de la abuela si le toca baile la llevamos al baile salimos los días que le toca baile salimos a las siete de regreso para Marianao llegamos a la s ocho y media nueve con buen tiempo si cogemos rápido la guagua aunque ya casi le tenemos cogido el horario a las guaguas nos vamos a contratar ahorita en el paradero de inspector y bueno ya cuando llegamos a la*

casa es en función de la niña desde la comida ahora no porque no tiene que hacer tarea pero bueno en otro momento ya tendremos que hacerle es decir ayudarla a hacer las tareas y bueno después hacemos las cosas de nosotros comemos / y nos bañamos comemos y quizás ver algo de televisión novela o algo así y bueno el tiempo que queda es eeh al menos yo estudiar mucho y mi esposa revisar el correo para cuestiones de trabajo y eso y bueno mayormente acostarnos yo me acuesto alrededor de las doce una casi diario y bueno al otro día se repite básicamente lo mismo

E: y ¿los fines de semana?

O informante ao ser perguntado sobre a rotina do seu dia a dia, ele responde sobre as suas tarefas diárias, as da sua esposa, da sua filha e ao caminhar para a conclusão, entre as atividades ele responde “*cuestiones de trabajo y eso*”. Desse modo, a expressão com o demonstrativo *y eso* é vazia de sentido e utilizada apenas como um auxiliar para finalizar a oração e ou a fala do interlocutor.

Para o exemplo de número 95, temos o demonstrativo empregado para trazer o significado de explicar e retomar o que foi dito:

95. E: a Santa Cruz//

I: rápido / en el sentido de que el transporte no está tan / tan / no se dificulta tanto como aquí / en la ciudad /

E: y en el caso de los viajes largo s / ¿no te da miedo viajar / / son peligro sos / puede pasar cualquier cosa en el cami no

I: no no / no // eso no es peligro ninguno / aparte el peligro está donde quiera // estás bañándote en tu casa y resbalaste y te diste en la cabeza y ya / eso es // donde quiera // desde que tú te levantas hay un peligro //

E: ¿y has estado en alguna situación de peligro en un viaje de estos? / (LHAB_H21_013).

Desse modo, a forma fixa *eso es* traz essa conexão com o que foi dito e introduz uma explicação mais detalhada em seguida.

O exemplo de número é com a terceira série dos demonstrativos:

96. E: la responsabilidad que está asumiendo

I: la responsabilidad que recae sobre ti // al extremo // de que el rey // lo coronan / cuando ya está en el trono / sentado // y cuando se va / a levantar / tienen que quitársela porque se va de lado / no / no resiste // la / la / se va / para el piso / con la / con corona y todo // yo estuve en Westminster// donde están / enterrados / los reyes de Inglaterra // y donde está / enterrado / William Shakespeare// donde está / enterrado // Montgomery// donde está enterrado / Winston Churchill// donde están enterrado // todas esas grandes personalidades

/ digo enterrado / en realidad no es enterrado // están puestos en // en nichos // bien // entonces // me gustó mucho / en Londres / ¡vaya te estoy hablando de las cosas que más me impresionaron! / ¿no? // Buckinghamlo tienes que ver desde fuera // después que estuve yo allá / sí / ya permiten a determinadas áreas // pero en aquel entonces / no se podía // vi varios castillos / y varios palacios / de la familia real // pero por fuera // (LHAB_H33_097).

Neste exemplo (96), a terceira série dos demonstrativos foi empregada nesta forma fixa com o objetivo de retomar algo do passado, de algum momento particular que já passou.

Demonstrativos com função pronominal, determinativo e adjetival:

Tabela 16: Primeira série - *est*

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	63 (54%)	35 (15%)	5 (29%)	
Catáfora	4 (3.5%)	1 (0.4%)	5 (29%)	
Dêiticos 1º pessoa	37 (32%)	175 (77%)	5 (29%)	
2º pessoa	1 (0.8%)	9 (4%)	0	
3º pessoa	1 (0.8%)	0	0	
Operadores Conversacionais	9 (7.8%)	3 (1.3%)	0	
Valores afetivos	1 (0.8%)	5 (2%)	2 (12%)	
Formas fixas	0	0	0	
TOTAL	116 (33%)	228 (63%)	17 (5%)	361 (100%)

Fonte: do autor.

A primeira série - *est* da variedade cubana apresentou uma maior ocorrência de demonstrativos assumindo o valor determinativo (63%), seguido do valor pronominal (33%). O mesmo aconteceu nas variedades anteriores. O valor de determinativo se relacionou, com maiores números, com a função de dêitico de 1º pessoa (77%), o mesmo ocorreu nas variedades anteriores também. Para o valor pronominal, a função que mais se relacionou foi a anafórica

(54%) e em seguida a dêixis de primeira pessoa (32%), panorama também já ocorrente anteriormente. Para os valores de adjetivo, encontramos os mesmos números para a função anafórica, catafórica e de dêitico de primeira pessoa (29%). As outras funções se distribuíram ao longo dos valores em quantidades pequenas.

Tabela 17: Segunda série - *es*

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	416 (72%)	313 (51%)	13 (30%)	
Catáfora	8 (1.4%)	3 (0.5%)	1 (2%)	
Dêiticos 1º pessoa	32 (5.5%)	147 (25%)	14 (31%)	
2º pessoa	23 (4%)	114 (19%)	11 (24%)	
3º pessoa	12 (2%)	16 (2.7%)	6 (13%)	
Operadores Conversacionais	14 (2.4%)	0	0	
Valores afetivos	1 (0.2%)	11 (1.9%)	0	
Formas fixas	70 (12%)	2 (0.3%)	0	
TOTAL	576 (47%)	606 (50%)	45 (3.6%)	1227 (33%)

Fonte: do autor.

Para a segunda série *-es*, novamente, o valor de determinativo foi o maior (50%), porém, não ficou muito distante do valor pronominal (47%). Mas, igual às variedades anteriores, o valor de adjetivo é o mais reduzido (3.6%). O valor de determinante se relaciona, em maior quantidade, com a anáfora (51%), enquanto que para as funções de dêixis de primeira (25%) e segunda pessoa (19%), os valores de aproximaram. Esta relação entre a série *-es* com o valor determinante e a função anafórica é a dominante em todas as análises anteriores, porém, o diferencial para esta variedade é a presença destes demonstrativos nas funções de primeira pessoa também, inclusive, apresentando mais ocorrência do que com a segunda pessoa.

Deste modo, é possível visualizar que a segunda série é a mais utilizada na variedade cubana, estabelecendo uma nova norma de uso dos demonstrativos, pois também está presente da dêixis de terceira pessoa, com valor de pronome (2%), com valor de determinante (2.7%) e com valor de adjetivo (13%).

Em relação as outras funções, as que se diferenciam das variedades e séries anteriores são os valores afetivos, que tiveram maior ocorrência (1.9%) com o valor de determinante também e as formas fixas que estiveram, majoritariamente, presentes com o valor de pronome. Algumas das formas fixas encontradas, foram: *eso es*, *es eso*, *y eso*, *eso mismo*, *eso sí* e *eso no*.

Tabela 18: Terceira série - *aquel*

VALORES	PRONOMINAL	DETERMINATIVO	ADJETIVAL	
Anáfora	13 (21%)	0	0	
Catáfora	2 (3.2%)	0	0	
Dêiticos 1º pessoa	0	0	0	
2º pessoa	0	0	0	
3º pessoa	42 (68%)	60 (91%)	5 (100%)	
Operadores Conversacionais	2 (3.2%)	2 (3%)	0	
Valores afetivos	2 (3.2%)	4 (6%)	0	
Formas fixas	1 (1.6%)	0	0	
TOTAL	62 (100%)	66 (100%)	5 (100%)	133 (100%)

Fonte: do autor.

Para os demonstrativos da terceira série *-aquel*, o valor de maior ocorrência foram os demonstrativos de função dêitica de terceira pessoa com valor de determinativo (91%), seguido do valor pronominal (68%). Ainda foram identificados 05 casos com posição posposta, valor de adjetivo, para a dêixis em questão, sendo a única relação estabelecida entre esse valor e essa função.

Observamos, com 13 casos, a função anafórica (21%) com valor de pronome com demonstrativos da terceira série. Todos os casos de anáfora com função pronominal, pela terceira série, se deram pelo demonstrativo neutro *aquello*, para se referir a algo já dito e à alguma situação passada.

Foram encontrados, também, 02 casos com função de catáfora e valor pronominal (3.2%) e 02 casos para operador conversacional com valor pronominal e outros 02 casos com valor determinante.

Para sintetizar os principais destaques da nossa análise

Em Havana, a segunda série dos demonstrativos é amplamente utilizada (72%), enquanto a primeira série apresenta menor ocorrência (21%), especialmente em comparação com a Espanha, em que é mais utilizada: Sevilha apresentou 406 casos com a primeira série (30%) e Madri 579 casos (40%). Logo, há uma redução do uso da primeira série na capital cubana:

Tabela 19 - Comparativo ocorrência demonstrativos - 2º série

Variedade	Demonstrativos - total	Ocorrência 2º série -es
Madri	1502	851 (56%)
Sevilha	1382	937 (68%)
Havana	1694	1214 (72%)

Fonte: da autora.

Além disso, em Havana, há uma maior presença dos demonstrativos com função adjetiva, quando comparado com as outras variedades analisadas, aparecendo frequentemente pospostos ao nome. Na totalidade, foram identificados 168 casos com valor de adjetivo nas três variedades analisadas, distribuídos de modo que em Havana encontramos 67 casos, em Madri 61 e Sevilha 40.

Outro aspecto relevante é a forte presença de usos dêiticos, ou seja, aqueles que fazem referência direta ao contexto situacional da fala. Nesses casos, percebe-se que a escolha do

demonstrativo pode ser influenciada pela formulação da pergunta do entrevistador. Por exemplo, na seguinte interação:

97. E: *¿has vivido siempre ahí?*

I: *bueno / cuando nací viví eeh mi papá no tenía casa eeh vivimos en casa de unas amistades que le prestaron la casa / estuve viviendo como hasta los tres años creo / que fue el tiempo que mi papá pudo eeh construir la casa donde actualmente vivimos*

E: *¿y dónde era aquella?*

I: ***aquella** estaba por La Lisa / la dirección no la recuerdo / solamente recuerdo que era por La Lisa por el paradero creo hacia atrás a lo último de La Lisa*

E: *¿y entonces vives en esta de ahora desde los tres años? (LHAB_H12_037).*

Nesse exemplo, a entrevistadora utiliza *aquella* para retomar uma referência espacial anterior, o que leva o entrevistado a seguir essa escolha em sua resposta.

Além disso, observou-se que o demonstrativo neutro *aquello* (56 casos) foi bastante utilizado em Cuba, oscilando entre usos dêiticos (39 casos) e anafóricos (13 casos). Para distinguir essas funções, considerou-se como dêitico quando o informante fazia referência a um objeto, pessoa ou local específicos no espaço, ou tempo, enquanto a retomada de situações já mencionadas caracterizava usos anafóricos.

A forma neutra *eso* (491 casos) se destacou como a mais utilizada em Havana. A maioria desses casos teve função anafórica (385 casos), com poucos usos dêiticos (28 casos). Além disso, verificaram-se ocorrências em que *eso* atuava como operador conversacional (7 casos) ou fórmula fixa (68 casos), sendo utilizado para concluir frases sem um significado concreto.

Considerações finais

Com a conclusão deste trabalho, pudemos observar, descrever e sistematizar os demonstrativos na fala de informantes do corpus PRESEEA de Madri, de Sevilha e de Havana. Verificamos que no contexto dêitico, houve variação no sistema ternário das três variedades em questão: em Madri 10% dos dêiticos de primeira pessoa foram usados com a segunda série *-es*, para os de segunda pessoa identificamos 4% de demonstrativos *-est* e para a dêixis de terceira pessoa, 9% com a primeira série (*-est*) e 15% com a segunda série (*-es*). Em Sevilha, 25% dos demonstrativos de dêiticos de primeira pessoa foram utilizados com a segunda série (*-es*), para os dêiticos de segunda pessoa foram utilizados 5% de demonstrativos da primeira série (*-est*) e para os dêiticos de terceira pessoa a maior ocorrência de demonstrativos foi com a segunda série (49%) e com os demonstrativos da terceira série *-aquele* obtivemos 47%. Em Havana, essa variação se mostrou ainda mais presente, pois para os dêiticos de primeira pessoa, tivemos 47% dos casos com demonstrativos da segunda série (*-es*). Para a dêixis de terceira pessoa os valores também se acentuaram, com 24% dos enunciados com demonstrativos *-es*. Em muitos casos foram utilizados adjuntos adverbiais de espaço: *aquí*, *allí/ahí*, *allá*, para reforçar qual seria a dêixis escolhida.

Há, também, um contexto que favorece a variação no uso dos demonstrativos nos dados de fala da variedade madrilenha, sevilhana e de Havana. Trata-se do uso expressado pelo valor anafórico, isto é, fazendo referência à informação já introduzida no discurso. Como visto, a primeira e a segunda séries alteram-se nesse contexto, e a segunda série é a mais utilizada para tal função, sendo que nas descrições gramaticais, se entende que a primeira série deveria ser a utilizada para as funções endofóricas. Em Madri, 80% dos casos de anáfora são com demonstrativos da série *-es*, em Sevilha encontramos 82% (*-es*) e em Havana 86%. Embora, essa possibilidade tenha sido identificada por estudos gramaticais, como os de Bello (1984) e Eguren Gutiérrez (1999), observamos que há uma preferência quantitativa atribuída à forma *ese*, responsável por mais de 80% das ocorrências no contexto de anáfora em todas as variedades analisadas. É importante destacar que esse cenário evidencia que também na península pode se observar a variação no uso das formas dos demonstrativos.

Embora a quantidade de dados relativos ao uso do demonstrativo com valor de catáfora seja bem menor que em relação aos valores anafóricos em todas as variedades devido à menor

demanda funcional do gênero analisado. A ocorrência das formas *este* e *ese* indicam um possível cenário de variação, que deverá receber maior atenção à medida que se ampliem e diversifiquem os dados de análise, em futuros estudos. Mas, com os dados atuais, tivemos que em Madri houve a preferência pela segunda série (-*es*) em 80% para esta função, sendo uma variação em relação com as tradições normativas analisadas. Em Sevilha, obtivemos 70% dos casos com catáfora foram com demonstrativos da série -*es*. Já em Havana, os dados se dividiram em 50% para a segunda série (-*es*), 42% com a série (-*est*) e 8% com a terceira série (-*aquel*). Procedimento que também se estende ao uso de *este* e *ese* como operador conversacional nas variedades em questão; em todas as localidades pudemos observar casos com as duas primeiras séries, porém, em Madri a primeira série foi a mais utilizada (79%) e em Sevilha, a segunda série foi a mais utilizada com quase 80% dos casos. Em Havana, os usos se mantiveram com igualdade de repetições (45% -*es* e 39% -*est*). Segundo a tradição normativa, a primeira série seria a mais utilizada com esta função de “*muletilla*”, porém descrita como sendo mais comum na hispanoamérica: “*Usos no deícticos o anafóricos de los demostrativos son las muletillas estooo... o esteee... (Habitual esta última en buena parte en Hispanoamérica)*” (Eguren Gutiérrez, 1999, p. 943).

Para as três variedades, as formas fixas estiveram mais presentes com demonstrativos da segunda série (Madri com 84%, Sevilha 88% e em Havana 99%), e a norma gramatical reconhece mais usos com a segunda série de fato: “*En cuanto a las formulas fijas, son especialmente numerosas aquellas en la que se emplea el llamado ‘eso polémico’: eso sí (que no), eso no, eso es, eso nunca, lejos de eso, todo menos eso, nada de eso, pero de eso a, etc.*” (Eguren Guitérrez, 1999, p. 943). Para os valores de afeição, ironia ou de depreciação, os números foram baixos e foram utilizados com demonstrativos da primeira e segunda série, em maior quantidade: em Madri 62% série -*est* e 24% com a série -*es*, em Sevilha 64% forma -*est* e 36% forma -*es*, e em Havana 31% com a forma da primeira pessoa (-*est*) e 46% com a segunda pessoa (-*es*), apresentando, novamente, uma maior preferência pela segunda série dos demonstrativos. Mas, também identificamos enunciados com a terceira série (Madri 14% -*aquel*, Sevilha não houve casos com a terceira série e em Havana 23% com a forma -*aquel*).

De tal modo, podemos notar, que existem diversos contextos que comprovam a variação quanto aos usos dos demonstrativos e uma redução em relação à divisão clássico ternário gramatical. Há uma prevalência dos usos para a segunda série dos demonstrativos, inclusive em

valores que a gramática recomendaria o uso da primeira série, como para anáfora e dêixis de primeira pessoa. Identificamos diversos usos para os valores de forma fixa e também de operadores conversacionais, que são utilizados apenas para promover o diálogo e a interlocução entre os falantes, de modo geral, são vazios de sentido.

Desse modo, nosso estudo alcançou nossos objetivos iniciais: conseguir analisar os usos dos demonstrativos em variedades diatópicas da língua e analisar a variação diatópica dos demonstrativos na língua espanhola e contribuir para a revisão da norma gramatical da língua espanhola a fim de se aproximar de uma abordagem mais pluricêntrica, promover reflexões para gramáticas descritivas, formar pensamentos críticos na formação de profissionais da língua, combater o preconceito linguístico e trazer apoio às políticas linguísticas. Conseguimos também promover reflexões que podem ser úteis para os estudos da língua espanhola como língua estrangeira, a fim de pensarmos sobre os usos efetivos que os demonstrativos adquirem na língua falada.

Como forma de concluir nossa discussão, recorreremos às palavras do renomado escritor Gabriel García Márquez, proferidas em sua fala no Primeiro Congresso Internacional da Língua Espanhola (1997), que sintetizam com sensibilidade o espírito da proposta aqui defendida “*En ese sentido me atrevería a sugerir ante esta sabia audiencia que simplifiquemos la gramática antes de que la gramática termine por simplificarnos a nosotros. Humanicemos sus leyes [...]*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALARCOS LLORACH, Emilio. Los demostrativos en español. En: **Estudios de gramática funcional del español**. Madri: Gredos, 1970. p. 287 - 306.

ALEZA IZQUIERDO, Milagros; ENGUITA UTRILLA, José Maria (Org.). **La lengua española en América: normas y usos actuales**. Valência: Universitat de València, 2010.

ALVAR, Manuel (diretor). **Manual de Dialectología Hispánica - El Español de España**. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1996.

ANDALUCÍA.ORG. **Portal oficial de turismo de Andalucía**. Disponível em: <https://www.andalucia.org>. Acesso em: 06 abr. 2025.

ANGEL MENDO, Miguel. **Como aquel que dice - como el que dice**. Disponível em: <https://www.fundacionlengua.com/es/aquel-dice-dice/art/2460/> . Acesso em: 27 de julho de 2024.

ANTUNES, Irandé. **A Gramática Contextualizada: Limpando o "pó das ideias simples"**. São Paulo: Parábola, 2014.

ARAUJO, Leandro Silveira. Contribuições das abordagens semasiológica e onomasiológica para o estudo da temporalidade verbal: uma análise do passado em espanhol. Caligrama: **Revista de Estudos Românicos**, v. 24, n. 2, p. 113-136, 2019. <https://doi.org/10.17851/2238-3824.24.2.113-136>

ARAUJO, Leandro Silveira. Dialetoлогия: a Dimensão Espacial da Variação Linguística. **Traços de Linguagem**, v. 4, n. 1, p. 50-60, 2020. <https://doi.org/10.30681/2594.9063.2020v4n1id4593>

ARAUJO, Leandro Silveira. Dialetoлогия: a Dimensão Espacial da Variação Linguística. **Traços de Linguagem - Revista de Estudos Linguísticos**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2020. DOI: [10.30681/2594.9063.2020v4n1id4593](https://doi.org/10.30681/2594.9063.2020v4n1id4593). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4593>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ARAUJO, Leandro Silveira.; PINHEIRO, Graziela Bassi. O tratamento da variação dos demonstrativos em espanhol e em português: uma análise normativa. **Revista Intertexto**, v. 13, p. 125-147, 2020. <https://doi.org/10.18554/ri.v13i1.4666>

BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BERTA, Tibor. La polémica de la cuestión del origen del español americano: hacia la reconciliación de teorías. **AMERICANA E-Journal of American Studies in Hungary**, Szeged, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://ojs.bibl.u-szeged.hu/index.php/americanaejournal/article/view/45145>. Acesso em: [22 de março de 2025].

BELLO, Andrés. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: EDAF, 1984.

BORGES NETO, José. **História da Gramática**. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**, São Paulo, Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: ALFAL, 1982.

CAVALCANTE, Mônica. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CUNHA, Cintra. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Feriame, 1986.

DAL'PONTE, Wilian; CESAR DE FREITAS, Ernani. Uso, mudança e variação linguística: a poesia enquanto retrato do Nordeste e do Sul brasileiro. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 18, p. 209–228, 2013. DOI: 10.48075/rt.v9i18.8254. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/8254> . Acesso em: 9 maio. 2024.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de Gramática del español**. Waldhuter: Buenos Aires, 2014.

DOS SANTOS, Crisvânia Maria Coelho Leite. **Aquele abraço: descrição dos pronomes demonstrativos em contextos de uso no âmbito do português para estrangeiros**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 129. 2014.

EGUREN GUTIÉRREZ, Luis Javier. Pronombres y adverbios demostrativos, Las relaciones dêiticas. En: BOSQUE, I; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. p. 929-970.

ENDE, Michael. **La historia interminable**. Murillo: Santillana de Ediciones, 2017.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. Dialectos del español peninsular. En: GUTIÉRREZ REXACH, J. (Coord.). **Enciclopedia de Lingüística Hispánica**. Abingdon: Routledge, 2015. v. 2, p. 387-404.

FRAGO GRACIA, Juan Antonio. El "seseo": orígenes y difusión americana. In: HERNÁNDEZ ALONSO, César (Coord.). **Historia y presente del español de América**. 1992. p. 113-142. ISBN 84-86022-66-5.

FRAGO GRACIA, Juan Antonio; FRANCO FIGUEROA, Mariano. **El Español de América**. Cádiz: Servicios de Publicaciones - Universidad de Cádiz, 2001.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Botella al mar para el dios de las palabras. In: **PRIMER CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA**, 1997, Zacatecas. *Memorias...* Zacatecas.

GOYA, Francisco. *El majo de la guitarra*. 1779. Pintura à óleo, 137 x 112 cm. Museu Nacional do Prado, [Madri].

HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Gramática funcional del español**. 3 ed. Madrid: Gredos, 1996.

KANY, Charles Emil. **Sintaxis Española**. Madrid: Gredos, 1969.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico em linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMÍQUIZ, Vidal. El demostrativo en español y en francés. Estudio comparativo y estructuración. **Revista De Filología Española**, vol. 50 núm. (1/4) 163–202, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/rfe.1967.v50.i1/4.852>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017. 375 p.

LAURENTINO, André. A lua da língua. In: CAMPOS, Carmen Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. (Orgs.). **Lições de gramática para quem gosta de literatura**. São Paulo: Panda Books, 2007. Cap. 19, p. 96-98.

MARINE, Talita de Cássia. Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no português contemporâneo. 2009. 220 f. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.

MOREIRA, Gisele Souza. **Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol**: discutindo a construção de referências nas duas línguas e os diferentes graus de (in)definição em

algumas expressões com demonstrativos. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. **Variedades de la lengua española**. London/New York: Routledge, 2020, 186 pp. ISBN 978-1138385955. <https://doi.org/10.4324/9780429426988>

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. 2009. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**, 4ª ed. corregida y actualizada, Barcelona, Ariel, 2009, 407 pp. ISBN 978-84-344-8277-7.

NEBRIJA, Antonio de. (1492) **Gramática castellana**. Madrid: SGEL, 1992.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima. **História, Memória e Ensino de Espanhol (1942-1990)**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná (Ed. UFPR), 2003.

PINHEIRO, Graziela Bassi. Os demonstrativos no espanhol andaluz: norma e uso. 2022. 33 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. 2014. Disponível em: <http://preseea.linguas.net>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

RAE. **Manual de la nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2010.

Real Academia Española (Comisión de Gramática). **Esbozo de una nueva gramática de la lengua española**. 8º ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe S.A.;1982.

Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española: **Nueva gramática de la lengua española [en línea]**, <https://www.rae.es/gramatica/sintaxis/introducción-el-concepto-de-deixis-los-demostrativos-com-o-expresiones-deicticas>. [Consulta: 28/03/2025].

RUIZ-SANCHÉZ, Carmen. Pues, eso: Funciones discursivas en el español semi-informal. **E-Aesla**, Madri. nº 1, 2015. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/eaesla/eaesla_01.htm.

SANTOS, Maria Perpétuo Socorro de Oliveira. Anáfora e dêixis textual: alguns casos de hibridismo. **Leitura**, nº 74, 2022, p. 42 - 53. <https://doi.org/10.28998/2317-9945.202274.42-53>

SEDANO, Mercedes. Jiménez Juliá, Tomás. 2006. El paradigma determinante en español. Origen nominativo, formación y características. Universidad de Santiago de Compostela: Anexo nº 56 de Verba. 294 pp. **Boletín de Linguística**, Caracas , v. 19, n. 27, p. 153-159, jun. 2007 . Disponible en <http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0798-97092007000100008&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2025.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e Fonologia do Português**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

STRADIOTO, Sara. **Dêixis na România Nova**: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TORREGO, Leonardo Gómez. **Gramática didáctica del español**. São Paulo: Edições SM, 2005.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Gramática do Português Brasileiro Escrito**. São Paulo: Parábola, 2023.